

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
SETOR DE CIÊNCIAS EXATAS E NATURAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
MESTRADO EM GESTÃO DO TERRITÓRIO**

PAULA JUNQUEIRA BRAGA DO CARMO FONTANHA

**“ALÉM DE AMAR MULHERES, AMAR A MIM MESMA”: VIVÊNCIAS
LESBIANAS DE MULHERES CIS E DESLOCAMENTO ESPACIAL ENTRE
CIDADES NO PARANÁ – BRASIL**

PONTA GROSSA

2024

PAULA JUNQUEIRA BRAGA DO CARMO FONTANHA

**“ALÉM DE AMAR MULHERES, AMAR A MIM MESMA”: VIVÊNCIAS
LESBIANAS DE MULHERES CIS E DESLOCAMENTO ESPACIAL ENTRE
CIDADES NO PARANÁ – BRASIL**

Dissertação apresentada para a obtenção do título
de mestre na Universidade Estadual de Ponta
Grossa, Programa de Pós-Graduação em
Geografia, curso de Mestrado em Gestão do
Território

Orientador: Prof. Dr. Alides Baptista Chimin
Junior

PONTA GROSSA

2024

Fontanha, Paula Junqueira Braga do Carmo

F679 "Além de amar mulheres, amar a mim mesma": vivências lesbianas de mulheres cis e deslocamento espacial entre cidades no Paraná – Brasil / Paula Junqueira Braga do Carmo Fontanha. Ponta Grossa, 2025.
142 f.

Dissertação (Mestrado em Gestão do Território - Área de Concentração: Gestão do Território: Sociedade e Natureza), Universidade Estadual de Ponta Grossa.

Orientador: Prof. Dr. Alides Baptista Chimin Junior.

1. Lésbica. 2. Lesbianidade. 3. Migração. 4. Sexualidades. 5. Mulher. I. Chimin Junior, Alides Baptista. II. Universidade Estadual de Ponta Grossa. Gestão do Território: Sociedade e Natureza. III.T.

CDD: 910



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA

Av. General Carlos Cavalcanti, 4748 - Bairro Uvaranas - CEP 84030-900 - Ponta Grossa - PR - <https://uepg.br>**TERMO****PAULA JUNQUEIRA BRAGA DO CARMO FONTANHA****ALÉM DE AMAR MULHERES, AMAR A MIM MESMA”: VIVÊNCIAS LESBIANAS DE MULHERES CIS E DESLOCAMENTO ESPACIAL ENTRE CIDADES NO PARANÁ – BRASIL**

Ponta Grossa, 31 de outubro de 2024

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Curso de Pós-Graduação em Geografia – Mestrado em Gestão do Território, Setor de Ciências Exatas e Naturais, da Universidade Estadual de Ponta Grossa, pela seguinte banca examinadora:

Prof Dr. Alides Baptista Chimim Junior - UEPG

Profa. Dra. Joseli Maria Silva - UEPG

Profa. Dra. Eduarda Ferreira - FCSH



Documento assinado eletronicamente por **Alides Baptista Chimim Junior, Professor(a)**, em 31/10/2024, às 10:26, conforme Resolução UEPG CA 114/2018 e art. 1º, III, "b", da Lei 11.419/2006.



Documento assinado eletronicamente por **Joseli Maria Silva, Professor(a)**, em 31/10/2024, às 11:36, conforme Resolução UEPG CA 114/2018 e art. 1º, III, "b", da Lei 11.419/2006.



A autenticidade do documento pode ser conferida no site <https://sei.uepg.br/autenticidade> informando o código verificador **2264470** e o código CRC **CE65A6B2**.

*Para todas as mulheres que vivenciam o amor exclusivamente com outras mulheres,
que nossa identidade seja sempre lembrada, respeitada e nosso nome entoado: lésbicas.*

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, Norma, por todo suporte emocional e financeiro nessa jornada. Por me encorajar a ir, mas especialmente, por sempre me lembrar que tenho para onde voltar.

Ao meu pai, José, em memória, pois com sua humildade, lembro-me sempre de onde vim.

À minha namorada, Karine, por vivenciar uma jornada de amor lésbico, companheirismo e apoio ao longo de minha formação.

Às minhas irmãs, Carolina e Júlia, que me incentivam a continuar e por serem colo para nossa mãe em meus momentos de ausências.

À minha primeira orientadora, Érika Vanessa Moreira Santos, ainda em época de graduação, por ter sido em luz em acreditar que seria possível chegar até aqui.

Aos amigos que fiz na mudança para Ponta Grossa, sem vocês o caminho teria sido ainda mais solitário. Em especial, Cíntia e Juliana pelo acolhimento e, ao Adir, pela amizade construída e auxílio metodológico em toda etapa.

À minha amiga, Vitória, por mesmo de longe se fazer presente, pelo ouvido amigo e conselhos.

Ao professor Edson Armando Silva e Ivan Jairo Junckes, pelo apoio metodológico.

Ao professor Márcio José Ornat, pelos ensinamentos e trajetória desenvolvida juntos.

Ao professor Alides Baptista Chimim Júnior, por me acolher e possibilitar a conclusão dessa etapa.

À professora Joseli Maria Silva, pela inspiração dentro e fora de sala de aula.

À todas mulheres lésbicas que se disponibilizam a contar suas histórias de vida e possibilitar o desenvolvimento dessa dissertação.

*Ser lésbica foi a primeira pista sobre pra onde eu queria ir
E me aceitar lésbica me mostrou que caminho devo tomar
para chegar onde quero chegar.*

– Carol Sarleto

RESUMO

Este trabalho tem como proposição compreender como os deslocamentos espaciais entre cidades de diferentes portes no Paraná implicam nas vivências das sexualidades lésbicas de mulheres cis. Para que isto fosse possível realizou-se um compilado de 9 entrevistas a partir da técnica bola de neve com mulheres lésbicas migrantes. O conteúdo das entrevistas foi transcrito e sistematizado através da técnica de análise de conteúdo fundamentando em Bardin (2002) e Silva e Silva (2016). Os resultados demonstraram que elementos estruturais como a família patriarcal, mecanismos religiosos e heterossexualidade compulsória contribuem para ocultação da sexualidade lésbica em cidades de menor porte em relação a cidades de maior porte, o que nos indica que a vivência lésbica é expressada espacialmente de maneiras diversas e influenciada pela dinâmica espacial em questão. Como outro ponto de descoberta, elucida-se que por meio da investigação epistemológica acerca das Geografias das Sexualidades, constatou-se que há campo em ascensão a ser explorado considerando os estudos migratórios e identidades sociais, uma vez que o espaço geográfico é vivenciado de forma heterogênea. Com isto, entende-se que a investigação sobre deslocamentos espaciais e lesbianidade é uma possibilidade de a ciência geográfica reformular a perspectiva hegemônica de se pensar as espacialidades geográficas e práticas migratórias.

Palavras-chave: Lésbica; Lesbianidade; Migração; Sexualidades; Mulher.

ABSTRACT

This work aims to understand how spatial displacements between cities of different sizes in Paraná imply the experiences of lesbian sexualities of cis women. To make this possible, we compiled 9 interviews using the snowball technique with migrant lesbian women. The content of the interviews was transcribed and systematized using the content analysis technique based on Bardin (2002) and Silva e Silva (2016). The results demonstrated that structural elements such as the patriarchal family, religious mechanisms and compulsory heterosexuality alleged to hide lesbian sexuality in smaller cities in relation to larger cities, which indicates that the experience is expressed spatially in different ways and influenced by the spatial dynamics in question. As another point of discovery, it is elucidated that through epistemological investigation into the Geographies of Sexualities, it was found that there is a growing field to be explored considering migratory studies and social identities, since geographic space is experienced in a heterogeneous. With this, it is understood that the investigation into spatial displacements and lesbianism is a possibility for a geographic science to reformulate the hegemonic perspective of thinking about geographic spatialities and migratory practices.

Keywords: Lesbian; Lesbianity; Migration; Sexualities; Woman.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	9
2. A CONSTRUÇÃO DA PESQUISA.....	16
2.1 OS CAMINHOS INICIAIS DA INVESTIGAÇÃO: A POSICIONALIDADE NA PESQUISA	16
2.2 OS PROCEDIMENTOS ADOTADOS NO PROCESSO DE PESQUISA.....	19
2.2.1 A construção do diálogo: quem são elas?	20
2.2.2 Análise e sistematização: passo a passo metodológico	30
3. GÊNERO, SEXUALIDADE LÉSBICA E ESPAÇO	52
3.1 GÊNERO, IDENTIDADE E SEXUALIDADE LÉSBICA	52
3.2 ESPAÇO, MOVIMENTO E SEXUALIDADES.....	64
3.3 VIVÊNCIA DA MULHER CIS LÉSBICA, SEXUALIDADE E ESPACIALIDADE CORPORIFICADA.....	73
4. VIVÊNCIAS DAS SEXUALIDADES LÉSBICAS E SUA RELAÇÃO COM OS DESLOCAMENTOS ESPACIAIS.....	88
4.1 DESLOCAMENTO ESPACIAL, GÊNERO E CIDADE	89
4.2 O DESLOCAMENTO ESPACIAL COMO POSSIBILIDADES E DESAFIOS DAS VIVÊNCIAS LÉSBICAS.....	98
5. NARRATIVAS LÉSBICAS DE MULHERES CIS SOBRE O ‘SER MULHER’ E SUAS VIVÊNCIAS	109
5.1 AS MÚLTIPLAS VIVÊNCIAS DA MULHER CIS LÉSBICA	109
5.2 CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA LÉSBICA, CORPORALIDADE E OS PROCESSOS CONSTITUTIVOS DAS VIVÊNCIAS ESPACIAIS LÉSBICAS	118
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	130
REFERÊNCIAS	133
APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTAS	141

1 INTRODUÇÃO

Como ponto norteador desta dissertação, tem-se a questão central: *como os deslocamentos espaciais entre cidades de diferentes portes no Paraná implicam nas vivências das sexualidades lésbicas de mulheres cis?* Pensar as cidades e as dinâmicas espaciais urbanas se faz fundamental na análise da identidade lésbica, pois, o espaço é vivido e acessado por marcadores de gênero, raça, classe, idade, orientação sexual, características sociocognitivas e demais marcadores da multiplicidade identitária. Entender as vivências lésbicas de mulheres cis diante do deslocamento espacial implica pensar as transformações diante do processo de migração.

Nesse sentido, investigar o campo de produção acerca das lesbianidades no âmbito das Ciências Humanas e mais especificamente, na Ciência Geográfica, perpassa conhecer os padrões que estruturam as produções e investigar as lacunas na produção do conhecimento. Afinal, a criação de um conhecimento neutro e universal é uma falácia envolta da manutenção da produção de conhecimento descorporificados, como denunciados por Silva, Ornat e Chimin Junior (2017). Assim, recorreu-se ao Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES a fim de analisar informações sobre teses e dissertações defendidas no Brasil para entender o cenário da produção sobre o deslocamento espacial entre cidades influenciado pela sexualidade e sobre lesbianidades. Essa investigação de dados se torna importante para compreender as bases da produção geográfica brasileira.

Além de tal processo, na busca de preencher uma lacuna epistemológica da produção científica, recorre-se ao Observatório Brasileiro de Geografia (OGB) a fim de ampliar a investigação sobre a lacuna epistemológica acerca da sexualidade lésbica na ciência geográfica a partir, também, de artigos científicos. O OGB foi criado pelo Grupo de Estudos Territoriais (GETE) vinculado a Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) a fim de investigar e entender a estrutura da produção científica da geografia brasileira contemplando a sistematização de periódicos publicados em revistas científicas categorizada entre *qualis* A1 e B5 compreendendo o período de 1939 a 2021. A complementação dos dados encontrados, e explicitados no corpo do trabalho, possibilitam a confirmação de uma discrepância entre a produção de estudos sobre a mulher lésbica no âmbito geográfico ao comprar com temáticas tradicionais, como o estudo migratório.

A proposta de pesquisa, inicialmente, se fundamentou em três vertentes estruturantes a serem discutidas, “mulheres lésbicas”, “contexto migratório” e “paradoxo espacial do

armário”, justificadas enquanto hipótese, pois, havia a indagação acerca de dinâmicas de influência entre lesbianidade e espacialidade, que culminou, inicialmente, na questão a ser investigada: de que forma o paradoxo espacial do armário implica a migração lésbica? Esse passo metodológico preliminar investigativo foi a base para busca de palavras-chave no Catálogo de Teses e Dissertações para compreender as ausências e lacunas na produção geográfica brasileira sobre lesbianidade, migração e o armário, enquanto Espaço Paradoxal (Rose, 1993). Faz-se necessário, elucidar neste ponto, que Sedgwick (2007) entende a epistemologia do armário enquanto estrutura definidora entre a possibilidade ou a negação da expressão da sexualidade, entendendo ainda o armário enquanto estrutura de opressão do século XXI. Portanto, por compreender que há relação entre lesbianidade e migração, pensar o armário enquanto Espaço Paradoxal (Rose, 1993) conversa com a ideia de possibilidade e negação a partir do contexto espacial de inserção da mulher lésbica.

Assim, definiu-se uma palavra-chave para cada eixo a ser investigado, tendo “lésbica”, “migração” e “armário” enquanto termos buscadores no Catálogo de Teses e Dissertações. Elucida-se que a escolha das três palavras-chave se fundamenta numa proposição inicial de investigação articulando os eixos entre mulher lésbica, vivência espacial e a possibilidade de migração para vivenciar a lesbianidade. O primeiro passo foi o aprofundamento teórico e a consequente compreensão de que a análise espacial geográfica deve ser interseccional, pois, caso contrário, alimentamos a ciência hegemônica sob a ótica homogeneizadora de corpos e sujeitos. Nesse sentido, de maneira preliminar e investigativa com o intuito de avaliar o campo geográfico a ser explorado, se iniciou uma busca sobre Geografias Lésbicas no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES através das palavras-chave “lésbica”, “armário” e “migração” sob os filtros de busca “Ciências Humanas” e “Geografia” compreendendo o período de publicização de trabalhos na plataforma até janeiro de 2023. Ressalta-se a escolha das palavras, em fase inicial: para compreender as lesbianidades, portanto, a palavra “lésbica”; para pensar a ideia de Espaço geográfico e lesbianidade enquanto paradoxo espacial, portanto, a palavra “armário”; e, o deslocamento espacial entre cidades de diferentes portes, portanto, a palavra “migração”. A análise dos dados levantados confirmou presente um silenciamento na história do pensamento geográfico acerca da produção sobre sexualidades, mais especificamente, sobre a sexualidade lésbica. Sendo assim, o processo de levantamento de dados demonstra ausências na produção geográfica no âmbito da Pós-Graduação Brasileira sobre migração lésbica.

Quadro 1: Resultados do filtro de busca “Ciências Humanas” no Catálogo de Teses e Dissertações

Palavras-chave	Total de dissertações
Lésbica	46
Armário	34
Migração	475

Fonte: Organização própria com base em levantamento de dados no Catálogo de Teses e Dissertações

Quadro 2: Resultados do filtro de busca “Geografia” no Catálogo de Teses e Dissertações

Palavras-chave	Total de dissertações
Lésbica	0
Armário	2
Migração	277

Fonte: Organização própria com base em levantamento de dados no Catálogo de Teses e Dissertações

O processo de investigação inicial é fundamental para comprovar que não há produção entre teses e dissertações na Geografia que articule a temática migração lésbica ou deslocamento espacial em detrimento da sexualidade lésbica. Entretanto, há produções bibliográficas brasileiras sobre lesbianidades, migração e sexualidades, e o paradoxo espacial do armário no campo das Geografias Feministas, como artigos científicos disponibilizados em revistas online como a Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero, produção bibliográfica produzida da Revista LesOnline¹, além de outros periódicos brasileiros que ampliaram o acesso e a consequente publicização acerca da investigação da sexualidade no espaço geográfico.

Em complementariedade, Santos et al. (2024) a partir de procedimento metodológico de análise de teses e dissertações a partir do Catálogo de Teses e Dissertações - CAPES com palavras-chave sobre a temática lésbica alerta que a invisibilidade lésbica “não é somente social, mas também acadêmica, na medida em que as publicações de teses e dissertações sobre ou em conjunto com as mulheres lésbicas representem somente 0,02% da produção científica

¹ A Revista LesOnline foi descontinuada, porém o conteúdo produzido e publicado está disponível em uma sessão da Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero (RLAGG), sendo possível acessar o material através do link <<https://lesonlinesite.wordpress.com/>>.

nacional” (Santos et al., 2024, p. 15). Nesse sentido, entende-se que produzir conhecimento sobre lesbianidade e suas vivências espaciais é uma necessidade, sendo fundamental considerar tal investigação com “com as categorias identitárias como raça, faixa etária, situação econômica, incluindo também sobre as diferentes formas de expressões das lesbianidades” (Santos, et al., 2024, p. 16) uma vez que a vivência lésbica se faz presente na dinâmica espacial.

Com isso, tal base teórica produzida se articula ao desenvolvimento da presente discussão, integrando, portanto, o estudo sobre migração lésbica diante do deslocamento espacial entre cidades de diferentes portes no Paraná envolvendo o período do início do século XXI até os dias atuais a fim compreender a dinâmica espacial urbana de mulheres cis lésbicas migrantes, bem como fomentar a produção científica sobre espacialidades lesbianas. Nesse sentido, considerando que há necessidade de ampliar a discussão sobre a sexualidade lésbica a partir da compreensão interseccional da dinâmica espacial, entender a relação entre lesbianidade e migração possibilita reconhecer que as relações no espaço geográfico não são fixas, são normalidades impostas por padrões de comportamentos.

Neste ponto, faz-se fundamental elucidar que o processo metodológico para desenvolvimento da presente dissertação consiste em escolhas baseada na exequibilidade da pesquisa em detrimento de pertinência, clareza e tempo de execução. Portanto, justifica-se que além da proposta de preencher uma lacuna sobre a produção do conhecimento considerando uma perspectiva espacial que rompa com a homogeneidade de compreensão sobre as dinâmicas espaciais por meio do estudo sobre sexualidade lésbica – sexualidade e gênero –, foi necessária a realização de uma escolha entre a lesbianidade cisgênera ou a lesbianidade transexual considerando o tempo hábil de desenvolvimento teórico no período de mestrado – dois anos – enquanto público alvo a ser investigado. Com isso, toda a narrativa presente neste trabalho se fundamenta numa perspectiva lésbica cisgênera, uma vez que se entende como fundamental a discussão entre gênero, sexualidade e patriarcado para se pensar a categoria lésbica, que é no mínimo, interseccionada por categorias como gênero, raça, classe e sexualidade. Frente a este cenário, portanto, em função do tempo para aprofundamento teórico em tais categorias, a proposta de estudo se fundamenta na vivência da mulher cis lésbica.

Desse modo, a etapa metodológica se volta para fase de aplicação de entrevistas semiestruturadas, em que através da técnica bola de neve enquanto ferramenta de pesquisa qualitativa utilizada para acessar grupos (Vínuto, 2014), foi possível dialogar com nove mulheres cis lésbicas, sendo 8 delas nascidas no Paraná e impactadas pelo processo de 14 deslocamento espacial entre cidades de diferentes portes e, 1 entrevista, nascida no Maranhão e sendo migrante para o Paraná. Neste ponto se fundamenta a justificativa espacial da pesquisa:

a partir do campo. A delimitação espacial de análise, então, é fruto do processo investigativo de acesso por meio das possibilidades encontradas no processo de trabalho de campo. Portanto, a seleção pelo estado do Paraná converge com a possibilidade de execução da pesquisa por meio da posicionalidade no processo de execução considerando que Universidade Estadual de Ponta Grossa situa-se no Paraná, além de Curitiba ser a capital da sede da Liga Brasileira Lésbica - LBL, organização de luta pelo amor entre mulheres, o que configura forte representatividade lésbica em relação a outros Estados. Entretanto, a seleção das cidades de diferentes portes parte da história de vida das entrevistadas, configurando o local de origem e o local de destino.

Nesse sentido, Haraway (1995) nos traz a ideia de conhecimento situado e corporificado, considera-se o lugar de onde a pesquisadora está analisando e produzindo dados, pois a experiência com o fenômeno precisa ser situada e posicionada. Diante desse contexto é que me insiro no processo investigativo. Sendo uma mulher cis lésbica e migrante entre cidades de diferentes portes, percebo nos espaços em que passo a possibilidade de vivenciar ou de retrain a lesbianidade. A organização das cidades é influenciada pela dinâmica da sexualidade, tendo, portanto, espaços possíveis de vivenciar a lesbianidade e espaços negados, culminando em tamanho desconforto pela negação de si, que a possibilidade de vivenciar o amor entre mulheres e ser quem se é, é o escape, o deslocamento, a migração. Esse foi o meu contexto de saída do armário, migrei de uma cidade para outra, sendo esta outra, uma cidade referência em relação a cidade de origem. Com maior quantitativo populacional, com acesso a lugares LGBTQIA+², com possibilidade de afeto. Assim, percebe-se a necessidade de compreender o fenômeno da migração entre cidades para se viver e experienciar outras possibilidades que não seja a heterossexualidade.

Sendo o corpo a geografia mais íntima, como posto por Johnston e Longhurst (2023), entende-se que somos afetados pelo formato do nosso corpo, por como nos vestimos, pelos nossos comportamentos, pela nossa sexualidade e isto implica em como nos relacionamentos com outros sujeitos sociais. Os corpos, marcados por sexos, não produzem comportamentos “naturais”, mas sim, comportamentos regulatórios estabelecidos (Jognston e Longhurst, 2023). Portanto, o deslocar-se é entendido como possibilidade de quebrar padrões impostos a corpos lésbicos, sendo assim, fundamental compreender a relação entre a construção da identidade lésbica e o processo migratório enquanto possibilidade de deslocamento entre espaços de vivência.

² Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transsexuais, Queer, Intersexo, Assexuais e qualquer outra expressão sexual ou de gênero dissidente.

Este passo de compreensão se faz importante e necessário para contextualização histórica acerca da presença da mulher lésbica no que se produz no âmbito científico e a consequente formação das identidades lésbicas, além da possibilidade de criação políticas públicas voltadas para lesbianas considerando segurança e possibilidade de vivências em diferentes cidades. Os silenciamentos encontrados se alinham à negação, ao controle e ao não poder de visibilidade, configurando, portanto, a mulher a partir de uma única possibilidade de ser mulher. Entretanto, considerando que lésbicas existem e resistem a imposição una do ideal de ‘ser mulher’, articula-se a subquestão: *de que maneira as narrativas das mulheres cis lésbicas constituem a ideia do ser mulher?*

Articulando a produção teórica sobre identidade e narrativa lésbica, buscou-se entender, diante das marcas patriarcais e heterossexistas no espaço urbano, *como ocorrem as transformações das vivências das sexualidades lésbicas nos seus processos de deslocamentos espaciais?* Além de, questionar também, *como são os elementos constitutivos das vivências das sexualidades lésbicas relatadas pelas mulheres cis?* Para tanto, a prática e o diálogo com mulheres lésbicas impactadas pelo processo migratório entre cidades de diferentes portes no Paraná se fez fundamental para compreender a realidade.

A sequência metodológica após a aplicação de entrevistas semiestruturadas, seguiu para transcrição integral da fala das lésbicas entrevistadas. De modo subsequente, se iniciou a análise de conteúdo fundamentada em Bardin (2002) enquanto instrumento metodológico de análise de comunicação considerando discursos e conteúdo. Em complementaridade com tal análise, recorre-se a compreensão das narrativas a partir de Silva e Silva (2016) visando a sistematização do discurso através da Análise de Redes Sociais (ARS), culminando em categorias discursivas responsáveis por gerar comunidades semânticas através da compreensão de tendência discursiva. Considerando a lesbianidade enquanto identidade plural, tal recurso metodológico se faz importante para compreensão de sentidos nos discursos lésbicos, pois “a análise de rede toma a realidade a partir de suas relações, e a partir delas podemos calcular centralidades, densidade, estruturação em comunidades, etc” (Silva; Silva 2016, p. 140).

O discurso das entrevistadas foi processado através de softwares *OpenRefine*³, *Gephi*⁴ e *Teguette*⁵, softwares que utilizados em conjunto compõem o processo de criação de redes semânticas⁶, como posto por Silva e Silva (2016). Com a transcrição integral das entrevistas, o

³ Software disponível no site <https://openrefine.org/>

⁴ Software disponível no site <https://gephi.org/>

⁵ Software disponível no site <https://www.taguette.org/>

⁶ A rede semântica é um modelo de representação desenvolvido por Richard H. Richens estruturada por grafos a fim de caracterizar palavras, conexões entre ideias e tendência discursiva. Considerando a mesma proposição

texto é submetido ao *OpenRefine* a fim de passar por um refinamento de dados e agrupamento do conjunto de palavras de mesmo sentido. Esse passo consiste na organização e sistematização das palavras contidas nos discursos das mulheres lésbicas entrevistadas. Após, transfere-se o resultado ao *Gephi*, que a partir de dados estatísticos, agrupa os termos e gera uma rede de palavras que representa a tendência discursiva presente na fala. Depois desse passo, a transcrição integral das entrevistas é submetida ao *Taguette* a fim de agrupar tendências discursivas em categorias semânticas, o que possibilita a análise além das palavras, mas sim, a relação entre as estruturas discursivas. O resultado consiste em redes de palavras e redes de categorias, sendo importante para compreensão acerca da identidade lésbica e sua relação com os deslocamentos espaciais, pois a metodologia em questão “toma a realidade a partir de suas relações, e a partir delas podemos calcular centralidades, densidade, estruturação em comunidades, etc” (Silva; Silva, 2016).

Neste sentido, após o passo de produção teórica e metodológica, o trabalho se subdivide em etapas, desenvolvidas a partir de cinco capítulos, a contar da introdução. Inicialmente, apresenta-se as transformações da pesquisa subdivididas em caminhos iniciais investigativos e, posteriormente, os detalhamentos dos procedimentos metodológicos no processo de pesquisa, esta fase é representada pelo capítulo 2 a fim de destacar a construção da pesquisa. O capítulo 3 dialoga sobre gênero, sexualidades lésbicas e as dinâmicas espaciais entre cidades, articulando, portanto, as identidades lésbicas de mulheres cis com o movimento entre cidades de diferentes portes diante de sua articulação com a sexualidade lésbica. O capítulo 4 se volta para a voz das entrevistadas acerca das narrativas lésbicas sobre o ‘ser mulher’ a partir das vivências lesbianas de mulheres cis, a fim de entender as pluralidades de feminilidades, diversidades de lesbianidades e a relação da performance corporal com a construção identitária. O capítulo 5 versa sobre os deslocamentos espaciais entre cidades no Paraná a partir das vivências das sexualidades lésbicas, compreendendo as possibilidades e os desafios do processo migratório. Por fim, considerando a estrutura condutora, pode-se entender que as vivências lésbicas são marcadas por deslocamentos espaciais cotidianamente e também, interurbanos, diante das especificidades de um corpo lésbico.

metodológica, o que se entende por redes semânticas, em outras áreas são utilizadas outras denominações, na Psicologia usam o termo 'redes associativas semânticas', na Sociologia usam o termo 'hipertexto'.

2 A CONSTRUÇÃO DA PESQUISA

A proposta deste capítulo é destacar a trajetória pessoal e o processo de construção desta pesquisa. Acredita-se que um processo se relaciona com o outro, pois são trajetórias que se interligam em termos de vivências lésbicas. Assim, é importante, quem investiga, conhecer quem produziu o conhecimento, rompendo, portanto, com a falácia da neutralidade de discurso. Nesse sentido, explicita-se parte da minha história com a produção de conhecimento sobre lesbianidades e caminho percorrido até a definição dos passos traçados metodologicamente.

Assim, a primeira seção conversa com o leitor sobre a posição da pesquisadora diante da produção do conhecimento geográfico, considerando que a trajetória pessoal implica a posição do produzir ciência. A segunda seção versa sobre a metodologia adotada e o passo a passo dos procedimentos, destacando as escolhas e pontos de visibilidade a partir do respeito ao resultado metodológico através da fala de mulheres cis lésbicas, pois por acreditar ser fundamental manter a transparência dos procedimentos adotados, faz-se necessário concentrar e explicitar o caminho percorrido.

2.1 OS CAMINHOS INICIAIS DA INVESTIGAÇÃO: A POSICIONALIDADE NA PESQUISA

Escrever sobre algo, é, antes de tudo, visitarmos o que tem em nós sobre esse algo. Construir uma pesquisa, muitas vezes, permeia a nossa existência. Há um desejo, mesmo que implícito, que seja possível a materialização do resultado. Portanto, acredito que o processo de construção científica não é neutro, pelo contrário, é posicionado. A investigação de um fato pode percorrer caminhos diferentes a partir de quem pesquisa. Por acreditar que não há neutralidade na ciência e nos discursos que estruturam nossa sociedade, faz-se fundamental conhecer quem vos fala.

Sou uma mulher lésbica nascida e criada no interior do Rio de Janeiro. Macaé, cidade banhada por mar e rios. Grande, frente a influência regional. Pequena, para muitas vivências. Antes de saber que eu era lésbica, já sentia que a minha cidade não cabia em mim, mesmo com a imensidão do mar e as curvas dos rios. Começa aqui o início da pesquisa, com o desconforto. Desconforto esse que hoje consigo nomear, ter vivenciado a heterossexualidade compulsória e, conseqüentemente, sentir que parte da minha vivência lésbica foi roubada, adiada, mesmo tendo o privilégio de ter saído do armário aos 19 anos.

A minha trajetória científica se inicia na Universidade Federal Fluminense (UFF) em que logo dos anos iniciais comecei a investigar sobre sexualidade, a possibilidade foi estudar literatura e geografia através da análise histórica do homem gay. Estranhei, eu queria estudar mulheres lésbicas e não foi possível. Migrei, se não pude investigar a sexualidade lésbica, que eu estude então as mulheres. Violência de gênero. Finalizei essa etapa, mas eu ainda queria investigar a espacialidade de mulheres lésbicas. Ora, eu via produções sobre espaço e as mais variadas características identitárias, neste caso por que não compreender sexualidade lésbica e espaço?

Me aproximo do estudo da sexualidade no trabalho de conclusão de curso ao buscar compreender as territorialidades do Coletivo LGBT Sem Terra com ênfase na mulher lésbica. Foi uma grande barreira ao me deparar com a ausência de produção científica sobre a territorialidade lésbica, sobre acesso a documentos fundamentados de políticas públicas sobre mulheres lésbicas. Foi confuso procurar e pouco encontrar. Com essa trajetória investigativa comecei a perceber a disputa de poder e as possibilidades de narrativas sobre diferentes sujeitos, temporalidades e áreas científicas.

Nesse momento, lembro da minha vivência e começo a me questionar: Por que na minha cidade, em Macaé, eu escondia a minha vivência lésbica – e me sujeitava a práticas heterossexuais – e, na cidade da Universidade, em Campos dos Goytacazes, eu vivenciava a lesbianidade? Isto porque, uma lacuna de pesquisa do trabalho de conclusão de curso se voltava para uma dinâmica espacial paradoxal dentro e fora de assentamentos. Ou seja, a vivência da mulher lésbica era diferente em espaços de ocupação, acampamentos e assentamentos ao comparar com a vivência nas cidades.

Na época, por estar estudando Movimentos Sociais e, por ter me envolvido no Movimento Estudantil ao ingressar na Universidade, tive a impressão de ter respondido o meu questionamento. Em cidades com atuação de Movimentos composto por mulheres lésbica, a vivência lésbica se torna possível. Portanto, levei essas indagações a minha orientadora da época, Érika Vanessa Moreira Santos, e conversamos sobre a possibilidade de continuar pesquisando sobre Geografias e Sexualidades.

Esse caminho me levou a Ponta Grossa-PR. Fui em busca de um grupo de estudos que pudesse pensar junto comigo sobre a mulher lésbica no espaço. Queria aprender metodologias possíveis para a prática quali-quantitativa, que fossem legítimas no campo das Geografias das Sexualidades. Reforcei para mim mesma por muito tempo e ainda reforço, o campo científico precisa que as espacialidades lésbicas sejam pensadas. Afinal, é difícil para uma jovem cientista acreditar na potência de um trabalho frente a hegemonia científica e social masculina,

heterossexual e patriarcal. O projeto de pesquisa inicial buscava compreender o paradoxo do armário e a territorialidade da mulher lésbica a partir do processo de formação da Liga Brasileira Lésbica, entretanto, após aprofundamento teórico e discussões metodológicas, entendeu-se que o movimento social lésbico não era o objeto de estudo central para a questão que eu tinha me proposto a investigar, e sim um procedimento metodológico, se configurando, portanto, pelo meio ao qual seria possível conseguir acesso a mulheres lésbicas para compreensão do paradoxo do armário. Portanto, a questão central se transformou e passou a ser “de que forma o paradoxo espacial do armário implica a migração lésbica entre cidades menores e maiores no Paraná?”

A essa altura, já estava cursando o mestrado. Tive aulas, pesquisei, me aprofundei teoricamente em produções sobre sexualidades e lesbianidades na Geografia. Não tive encontros com grupo de pesquisa, não por uma escolha minha, afinal, eu fui a Ponta Grossa por isso, mas sim por questões estruturais que envolvem insistir e acreditar em pesquisas sobre gênero e sexualidade. Insistir em pesquisar sobre sexualidade requer a persistência de uma vida, afinal, romper estruturas quebra a barreira geracional. Mas, a minha ida em busca na investigação da espacialidade lésbica, além de respostas, me trouxe vivências. Comecei a perceber, na prática, com um olhar cada vez mais maduro, sobre o papel da mulher na sociedade.

Em todas as minhas idas e vindas, entre rodoviárias e pontes aéreas, em 1.230 quilômetros, a minha corporalidade lésbica era sentida. Eu percebi olhares, fui confundida inúmeras vezes com homem. Violência, misoginia, lesbofobia. Em muitos lugares que estive, essa realidade me percorreu. Já fui até questionada, nesse processo, se o “meu marido” estaria em casa me esperando chegar de viagem. Ora o primeiro olhar é que sou lésbica, ora o primeiro olhar é que não sou mulher, ora o primeiro olhar é se sou mulher, eu tenho “um homem”. Não, não havia homem nenhum me esperando, mas sim, outra mulher.

Comecei a perceber que não era mais “só” o espaço, mas que a espacialidade lésbica é marcada pelo gênero. Ser mulher em uma sociedade influenciada pela lógica hegemônica patriarcal possui marcas. Ser mulher lésbica em uma sociedade com marcas patriarcais possui cicatrizes. Diferentes sexualidades e corporalidades de gênero são marcadas, portanto, de outra forma. Esse contexto me alertou, se quero compreender lésbicas, quero também compreender mulheres. Entretanto, esse despertar veio após a finalização do trabalho de campo e encontro com nove mulheres cis lésbicas.

O resultado metodológico convergiu com essa questão. A sexualidade lésbica é marcada por questões de gênero. “Mulher”, foi a palavra mais dita nas entrevistas, processo esse que será explicitado ao adentrar nos procedimentos adotados. Portanto, a questão central passou por transformação a fim de respeitar os resultados encontrados na prática de pesquisa.

Busca-se, nessa trajetória investigar como os deslocamentos espaciais entre cidades de diferentes portes no Paraná implicam nas vivências das sexualidades lésbicas de mulheres cis? Dessa forma, a alteração na questão central foi necessária devido ao resultado encontrado pós construção de diálogos e relações estabelecidas, visto que inicialmente, o foco era o armário e a sexualidade, entretanto, a fala das mulheres lésbicas migrantes, nos fez atentar para o gênero, não sendo o paradoxo do armário lésbico o foco principal a ser investigado, mas sim, as vivências das mulheres cis lésbicas migrantes.

Pensar o deslocamento espacial entre cidades de diferentes portes a partir da vivência de mulher lésbica converge com a posicionalidade de quem executa a pesquisa ao considerar a minha trajetória. Mulher cis, lésbica, migrante entre cidades de diferentes portes. Entretanto, essa pesquisa não é sobre mim. Trata-se da vivência de diferentes lésbicas, com diferentes contextos de migração, idades, classe social e realidades familiares. O ponto fundamental é compreender que a história do pensamento geográfico é marcada por relações de poder, sendo a perspectiva das geografias feministas a potência desafiadora às fronteiras do conhecimento produzido pela epistemologia geográfica, pois “criar um conhecimento descorporificado, neutro e universal foi uma fantasia importante para manutenção das hegemonias, constituindo-se em uma fábula narrada e reproduzida constantemente” (Silva; Ornat; Chimin, 2017, p. 13).

Dessa forma, por entender que ao produzir o conhecimento há participação ativa no que se é produzido, a produção do conhecimento perpassa a visão de mundo a qual se está inserido, como sustenta Silva; Ornat; Chimin Junior (2017). Nesse sentido, sendo eu, mulher cis, lésbica, branca, marcada pela vivência espacial em uma cidade fora do eixo Capital-Região Metropolitana, afetada pela heterossexualidade compulsória e pelos elementos paradoxais de se perceber em diferentes espaços, marcada por experiências lésbicas diferentes implicadas por deslocamentos espaciais em diferentes cidades, é que encaminho o conhecimento produzido nessa dissertação.

2.2 OS PROCEDIMENTOS ADOTADOS NO PROCESSO DE PESQUISA

A produção científica contra hegemônica, a partir da abordagem das Geografias Feministas, é uma potência desafiadora nas fronteiras da construção do pensamento (Silva; Ornat; Chimin, 2017). Portanto, ao observamos as produções científicas ao longo da História do Pensamento Geográfico, percebe-se “um modelo linear da ciência geográfica, com os mesmos personagens históricos e períodos temporais, marcados pela perspectiva eurocentrada,

pelas trajetórias de intelectuais masculinos cujas formas de compreender o mundo estão localizadas em espaços e tempos” (Silva; Ornat; Chimin Junior, 2017, p. 13).

Nesse mesmo sentido, Oswin (2008) aponta que a fundamentação teórica geográfica sobre sexualidades e espaço inseriu os estudos sobre sexualidades no mapa disciplinar. Em outras palavras, compreende-se que a Geografia das Sexualidades, enquanto subcampo das Geografias Feministas, possibilitou compreender a relação entre sexualidades e espaço. Tal análise converge com os apontamentos de Bell e Valentine (1995) ao alertarem que a produção de espaços urbanos é marcada por práticas heterossexuais, heterossexistas e heteronormativas. Pensar lesbianidades, homossexualidades, transexualidades, assexualidades possibilita produzir novas espacialidades urbanas que não seja a imposição social fundamentada pelo patriarcado.

Considerando que identidades não heterossexuais compõem o espaço urbano, acredita-se na proposta de construção de “uma geografia brasileira capaz de trazer sujeito generificados, sexualizados e racializados para o centro do debate científico” (Silva; Ornat; Chimin Junior, 2016, p. 13). Isto posto, conhecer o campo é o ponto de partida de investigação para entender as lacunas e as concentrações na história do pensamento geográfico acerca da relação entre sexualidade, espaço, gênero e migração.

2.2.1 A construção do diálogo: quem são elas?

Em uma pesquisa feminista, faz-se fundamental integrar os sujeitos que compõe a construção da narrativa em desenvolvimento para se compreender, além de quem narra a história, as narrativas das integrantes da história. Nesse sentido, entende-se a partir de Silva, Silva e Juncks (2009) que as entrevistas exploratórias, enquanto técnicas de pesquisa, produzem a construção de discursos gerando um processo tríade entre o entrevistador, o problema de pesquisa e os sujeitos que representam as vozes constituídas de vivências, experiências e práticas sociais.

Nesse sentido, a fim de responder à questão central investigando a implicância de deslocamentos espaciais diante da vivência lésbica e sua relação com deslocamentos espaciais entre cidades de diferentes partes no Paraná, faz-se imprescindível acessar esse grupo específico. Mulher, cis, lésbica, migrante para o Paraná considerando a característica espacial de diferente porte em relação a cidade de origem para a cidade de destino. Para tanto, o acesso ao grupo foi por meio da técnica de pesquisa de amostragem bola de neve (Handcock; Gile,

2011). A técnica de pesquisa bola de neve baseia-se em um tipo de amostragem não probabilística, de abordagem qualitativa e importante para estudo de grupos de difícil acesso ou de grupos que não possuem a mensuração quantitativa devido à ausência de dados (Vinuto, 2014). Neste sentido, a execução metodológica é desenvolvida a partir de "portas" iniciais, em que são representadas por pessoas, líder social, organizador de um grupo, Movimento Social ou qualquer outro sujeito social que possa indicar pessoas que compõe o perfil necessário para o desenvolvimento da pesquisa. Após o primeiro passo, outras "portas" se abrem e possibilitam acesso aos interlocutores integrantes do processo de pesquisa.

Neste desenvolvimento com base na técnica bola de neve, o processo de acesso ao grupo de lésbicas cis migrantes foi a partir de duas “portas iniciais”, sendo elas, uma amiga bissexual encontrada no processo de pesquisa e, através de um grupo virtual denominado Grupo Desfeminilizei. Elucida-se que este grupo é composto por mulheres lésbicas e mulheres bissexuais de diferentes cidades e estados do Brasil, entretanto, ressalta-se que apesar do nome remeter a ideia de rompimento com a feminilidade, nem todas integrantes do grupo são lésbicas desfeminilizadas. As lideranças organizativas do grupo se compreendem enquanto lésbicas desfeminilizadas, entretanto, a participação no grupo pode ser acompanhada por outras possibilidades de lesbianidades.

Outro ponto fundamental a ser explicitado, é que a partir do Grupo Desfeminilizei, três “portas” se abriram permitindo o acesso a outras lésbicas, entretanto, apenas essas três pessoas iniciais eram integrantes do grupo, o que significa afirmar que a continuidade de mulheres indicadas a partir de uma das três possibilidades de acesso, não são integrantes do grupo, o que amplia a diversidade identitária e de percepções sobre a lesbianidade ao acessar lésbicas de diferentes realidades. No total, a partir do acesso ao grupo de investigação, foram nove histórias ouvidas, sendo então, encontrado neste trabalho, a vivência de nove mulheres cis lésbicas migrantes entre cidades de diferentes portes no Paraná.

A fim de justificar o acesso a partir das duas “portas iniciais”, elucida-se o caráter pessoal e posicional em articulação com Rose (1997) ao alertar que não podemos saber tudo, é preciso considerar nossas ausências e falhas considerando que o conhecimento e o acesso ao saber não são propriedades, pelo contrário, a produção de conhecimento é desenvolvida em circunstância específicas, logo pelo fato da pesquisadora não ter acesso a rede de mulheres lésbicas no Paraná, foi possível acessar lésbicas cis migrantes a partir de um grupo que contemplasse a espacialidade além do Paraná, assim, foi gerado o filtro – por meio do convite no Grupo Desfeminilizei – para seleção específica de lésbicas cis migrantes para o Paraná de cidades de diferentes portes em relação a origem e destino. Além disso, com o desenvolvimento

do processo de pesquisa, a outra “porta inicial” representada por meio de uma amiga de pesquisa, foi conquistada com o tempo e vivência no Paraná. Deste modo, elucida-se a justificativa das duas possibilidades de acesso ao grupo de lésbicas integrantes da pesquisa.

O passo a passo da trajetória a partir da técnica bola de neve pode ser visualizado a partir da figura 1.

Figura 1: Entrevista com mulheres cis lésbicas



Fonte: A autora;

A sequência, a partir daqui, passa a ganhar materialidade através das mulheres cis lésbicas, de suas características e do diálogo construído no processo de troca culminando na construção de narrativas lésbicas. A trajetória de compreensão de quem são elas, se inicia a partir do quadro 1.

Quadro 1: Caracterização das mulheres cis lésbicas entrevistadas

NOME FICTÍCIO	IDADE	IDENTIFICAÇÃO SEXUAL	ORIGEM	DESTINO	OCUPAÇÃO	RAÇA/ETNIA	RELIGIÃO
Paloma	30	Sapatão	Telêmaco Borba - PR	Curitiba	Professora	Não-branca	Umbandista
Poli	29	Lésbica	Londrina - PR	Curitiba	Vendedora	Branca	Não praticante
Patrícia	25	Lésbica	São Luís - MA	Curitiba	Vendedora	Branca	Agnóstica
Pandora	31	Homossexual	Maringá - PR	Curitiba	Designer	Branca	Não tem

Priscila	26	Lésbica	Paranaguá - PR	Curitiba	Biomédica	Branca	Não tem
Pietra	24	Lésbica	Porecatu - PR	Curitiba	Biomédica	Indígena	Não tem
Pérola	19	Lésbica	Porecatu - PR	Londrina	Promotora de serviços	Branca	Evangélica
Pamela	31	Sapatão	Pato Branco - PR	Curitiba	Professora	Branca	Não tem
Pilar	22	Lésbica	Castro - PR	Ponta Grossa	Auxiliar jurídica	branca	Ateia

Fonte: Organização própria

Considerando as características categorizadas das participantes por meio do quadro 1, observa-se as particularidades e as similaridades entre as mulheres acessadas. Dito isso, elucidase que a principal característica em comum é que todas se classificam enquanto mulheres que amam e se relacionam exclusivamente com mulheres, mesmo com diferenças na nomenclatura em relação a autoidentificação sexual, seja pela terminologia “lésbica”, “sapatão” e até mesmo “homossexual”. Além de que, todas, são mulheres cis lésbicas migrantes de cidades de diferentes portes em relação a origem e a destino, sendo a cidade de origem menor em termos populacionais do que a cidade de destino. Outro ponto de relevância é que a maioria das mulheres lésbicas relataram não praticar ou pertencer a nenhum grupo religioso atualmente, mas adianta-se que esta não é a mesma realidade da matriz do grupo familiar de cada uma, porém essa pauta será aprofundada mais a frente.

Entretanto, pode-se observar que existem especificidades que compõem o sujeito, como a variável em relação a idade delas que é de 12 anos, sendo Pérola a mais nova do grupo específico com 19 anos e, Pamela e Pandora as mais velhas com 31 anos. Trata-se de uma distância geracional pequena ao pensarmos em acesso a discutir a própria sexualidade, entendendo que, o acesso a lésbicas de gerações a partir dos anos 1990 foi mais orgânico do que em relação a gerações anteriores, não sendo possível, através da bola de neve em questão, acessar lésbicas de outras gerações. Esta característica, entretanto, nos leva ao segundo marcador.

A identificação sexual foi perguntada a fim de entender qual o termo mulheres que se relacionam com mulheres afetivo-sexualmente utilizam para falar sobre si e conseqüentemente, se apresentar ao mundo. Entre as nove entrevistadas, sete delas preferem utilizar a palavra “lésbica”, duas optam pela palavra “sapatão” e uma delas prefere “homossexual” para refletir sobre a sua própria sexualidade. Neste ponto, faz-se fundamental relacionar esta informação com a idade, em que Paloma, Pandora e Pamela – integrantes mais velhas no grupo selecionado

com 30 e 31 anos – optam pela não utilização da identidade a partir da palavra “lésbica” e sim, “sapatão” ou “homossexual”, como no caso específico de Pandora. No momento da entrevista, ao aprofundarmos o diálogo, quando questionada sobre sua autoidentificação, Paloma diz ainda que se identifica como sapatão pois não gosta da palavra lésbica, entretanto, o termo lesbianidade e a palavra lésbica aparecem em seu relato pessoal ao compartilhar sua história de vida, a tratativa do termo “sapatão” é em relação a se apresentar ao mundo. O mesmo fato acontece com Pandora e Pamela, que utilizam “sapatão” e “homossexual” ao se apresentarem as vivências cotidianas, porém, as palavras “lesbianidade” e “lésbica” são partes integrantes de seus discursos para descrever experiências pessoais, afetivas e amorosas em sua realidade diária.

Já as demais participantes, com idades variadas entre 19 anos e 26 anos, se apropriam da palavra lésbica. Aqui tem-se um ponto de atenção em que, Poli, mesmo com 29 anos, também utiliza a palavra lésbica. Poli é lésbica desfeminizada que passou pelo processo de transição sexual vivenciando a transmasculinidade por um período de sua vida, entretanto, ao compreender que é possível vivenciar a lesbianidade em seu caráter múltiplo passou pelo processo de destransição se entendendo enquanto lésbica e não mais como homem trans. Por isso, apropria-se da utilização do termo lésbica para compreensão da sexualidade enquanto resistência identitária. Lésbicas existem, resistem e possuem diversas expressões sociais. Ou seja, a lesbianidade é marcada por diferentes expressões corporais que integram identidades múltiplas a um grupo social comum, sendo ele marcado pela característica principal: lésbicas são mulheres que se relacionam e se atraem, afetivo amorosa e sexualmente por mulheres.

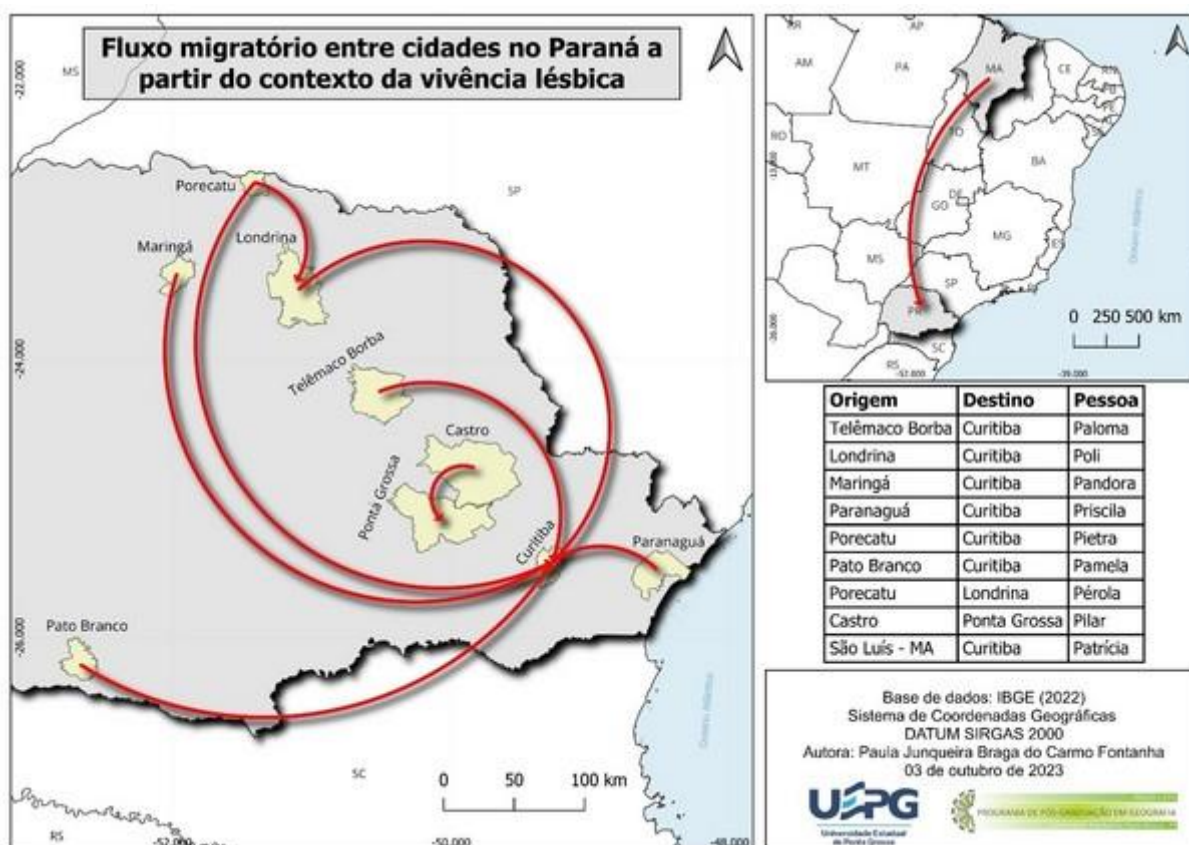
Neste ponto, a partir do acesso a vivência de Poli, fica evidente que a lesbianidade mesmo marcada por possibilidades – em relação a diferentes práticas corporais – é influenciada pelo patriarcado e pela heterossexualidade compulsória, seja pela negação estrutural de mulheres se relacionarem com mulheres ou pela imposição de que a vivência da heterossexualidade é a possibilidade única de vivência social digna, o que acarreta em modulações comportamentais baseadas em imposições de gênero, indicando que expressão corporal, identidade, sexo e gênero devem ser correspondentes. Ora, se sou biologicamente pertencente ao sexo feminino, diante de tais imposições, é esperado socialmente que enquanto mulher eu vivencie expressões corporais, práticas e comportamentos femininos e, caso assim não seja, então não sou digna de mulher.

Portanto, conforme Anjos (2000), entende-se que relações de gênero são categorizações de ordem social, sendo a sexualidade um fato social e não um domínio natural, ou seja, sexualidade e poder se relacionam estruturalmente por meio da hierarquia patriarcal

através da dominação. Retorna-se a Butler (1993, 2003, p. 35) em que “todo gênero, é, por definição, não natural”, sendo preciso entender gênero enquanto um processo inacabado, além de identidade e prática sexual, pois não se é naturalmente heterossexual, se produz a heterossexualidade a fim de produzir a manutenção do poder do sexo masculino reproduzido por padrões de comportamentos generificados pautados na masculinidade.

Frente este panorama, é necessário articular a dinâmica de gênero e sexualidade com o espaço urbano a fim de situar o local de origem e destino encontrados no desenvolvimento do processo de investigação. Tal movimento de deslocamento entre cidades pode ser compreendido a partir da figura 2.

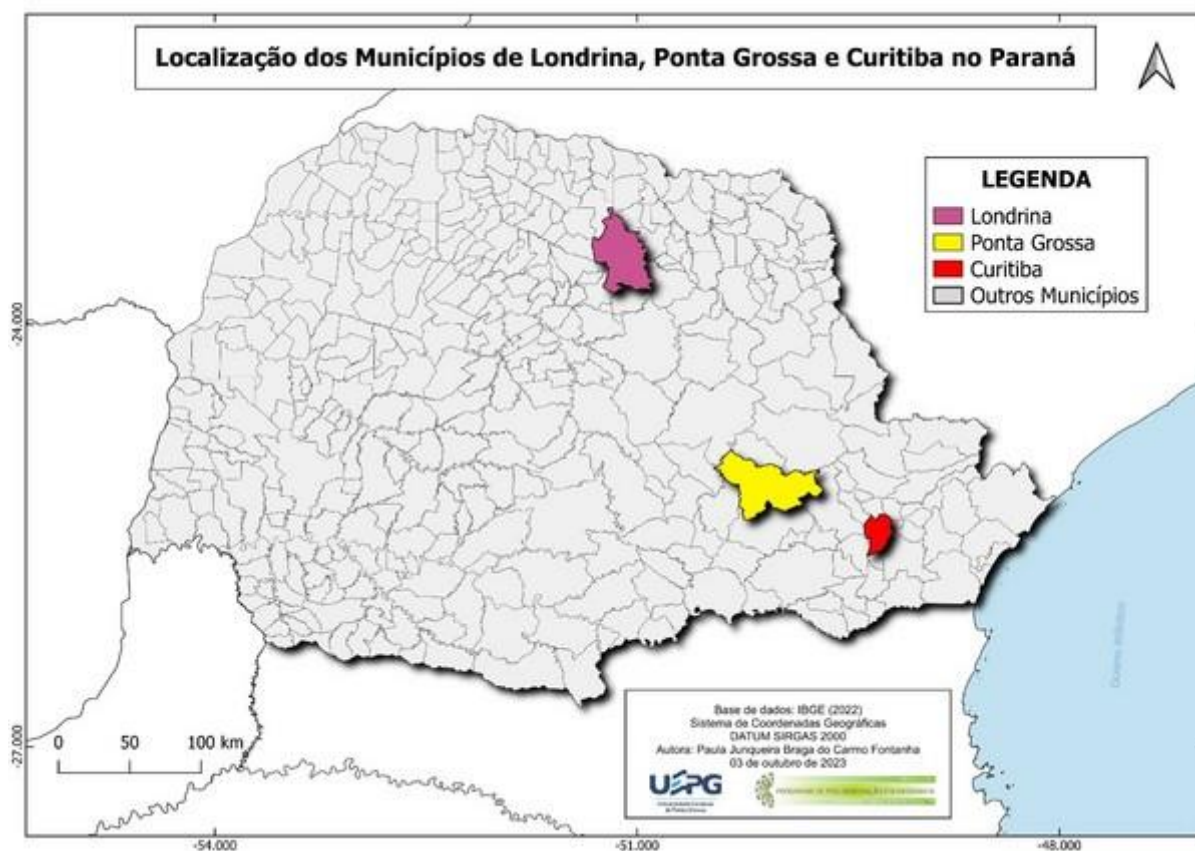
Figura 2: Fluxo migratório entre as cidades de origem e cidades de destino



Fonte: A autora;

A interpretação do mapa acerca do “Fluxo migratório entre cidades no Paraná a partir do contexto da vivência lésbica” nos leva as cidades de Ponta Grossa, Londrina e Curitiba, conforme pode ser observada no mapa de localização representado na figura 3.

Figura 3: Mapa de localização dos municípios de destino



Fonte: A autora;

Assim como a identidade das mulheres lésbicas possuem particularidades e similaridades, as cidades de origem e destino também são influenciadas por tais caracterizações. Como o foco para este trabalho é entender a implicância do deslocamento entre cidades de diferentes portes frente as vivências das sexualidades lésbicas, faz-se importante, mesmo que brevemente, contextualizar as cidades. O primeiro fato interessante é que as cidades de origem, mesmo com a utilização da técnica bola de neve, indica mesorregiões diferentes do estado do Paraná, conforme demonstrado na figura 2. Entretanto, ao observados as cidades de destino, conforme apontado na figura 3, entre 399 municípios⁷, os destinos buscados foram três cidades – Curitiba, Ponta Grossa e Londrina – que apesar de possuírem categorizações urbanas diferentes, possuem semelhanças a nível regional.

Elucida-se, portanto, que Curitiba, além de ser a capital do estado e representar a ideia de estilo de vida com maior liberdade, é composta por espaços de sociabilidade LGBTQIA+, sendo, inclusive, nesses espaços em que parte dos encontros com as lésbicas migrantes

⁷ Dado obtido por meio de consulta ao site do IBGE através do link de acesso: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pr/panorama>.

ocorreram. Entretanto, elucida-se Ponta Grossa e Londrina apesar de não serem capitais e não representar a mesma vivência espacial que Curitiba, são cidades de influência a nível mesorregional paranaense. Ponta Grossa se integra a mesorregião Centro Oriental Paranaense, sendo a maior cidade entre tal porção regional com 358.371 mil habitantes. Londrina se integra a mesorregião Norte Central Paranaense, sendo a maior cidade entre tal porção regional com 555.965 mil habitantes. É neste cenário que se configura o processo migratório dentro da mesma mesorregião, ao termos encontrado no processo de pesquisa a migração de Castro para Ponta Grossa e de Porecatu para Londrina, em que cidade de origem e de destino apesar de serem de porções territoriais próximas e da mesma mesorregião, possuem características socioespaciais distintas.

Neste ponto, faz-se fundamental apresentar três característica comum entre as cidades de destino: universidade, emprego e maior quantitativo habitacional em relação a cidade de origem. Este fato converge com diálogo com as lésbicas migrantes, indicando que além de busca por trabalho, a saída do município de origem se fundamentava na busca por estudos, sendo estas justificativas sociais para explicar o processo migratório. Entretanto, ao aprofundar o íntimo da vivência lésbica, ocorre a abertura do diálogo sobre não poder vivenciar a lesbianidade na cidade de origem, sendo a mudança de cidade, a possibilidade de experienciar a vida lesbiana que não era possível na cidade de origem. Afinal, ao nos situarmos em uma sociedade patriarcal e com forte influência religiosa, que por vez, moldam além de comportamentos, mas também estruturais sociais, como as cidades brasileiras, se torna dificultoso não seguir os parâmetros da heterossexualidade em cidades menores e com poucos habitantes – ao pensar origem e destino –, ao comparar, por exemplo, uma mudança de Pato Branco para Curitiba ou até mesmo de Londrina para Curitiba, em que ambos os casos, apesar de serem de mesorregião distintas, continuam com a característica de maior população habitacional em relação a cidade de origem. A compreensão a nível populacional pode ser observada através do quadro 2.

Quadro 2: População municípios de origem e destino

Cidade Origem – Cidade Destino	População Origem – População Destino
Telêmaco Borba – Curitiba	75.042 mil – 1.773.718 milhão
Londrina – Curitiba	555.965 mil – 1.773.718 milhão
Maringá – Curitiba	409.657 mil – 1.773.718 milhão
Paranaguá – Curitiba	145.829 mil – 1.773.718 milhão
Porecatu – Curitiba	11.624 mil – 1.773.718 milhão
Pato Branco – Curitiba	91.836 mil – 1.773.718 milhão
Porecatu – Londrina	11.624 mil – 555.965 mil
Castro – Ponta Grossa	73.075 mil – 358.371 mil
São Luís (MA) – Curitiba	1.037.775 milhão – 1.773.718 milhão

Fonte: Organização própria com base no Censo 2022

A migração para uma cidade nova e maior traz o anonimato, o que possibilita a vivência distante do controle familiar. O ato de mover-se, migrar-se, deslocar-se entre cidades converge, justamente com a possibilidade de romper com uma dada realidade, seja ela econômica ou não, sendo fundamental compreender que “a produção espacial tem gênero, classe, raça, orientação sexual: é a dominação do masculino, burguês e heterossexual pela constituição de locais *de família* ou *espaços de respeito*” (Carvalho; Santiago, 2019, p. 150 – grifos dos autores). Entende-se, portanto, que existem marcas espaciais diferentes entre a cidade de origem e destino – sendo elas de diferentes portes – como elementos constitutivos das vivências lésbicas, sendo possível compreender tal fato a partir da fala de mulheres cis lésbicas.

A construção da narrativa lésbica frente ao processo migratório é marcada pela vivência temporal diante do passado, período de vivência da adolescência e juventude e, do presente, compreendendo a vida cotidiana atual. Tal fato fica evidente no processo de diálogo a partir dos relatos, entendendo que elas são mulheres que amam mulheres, que possuem diferentes idades, diferentes realidades familiares, diferentes trajetórias no processo de construção da identidade lésbica e contexto migratório. Podemos aprofundar a questão identitária a partir da narrativa no processo de diálogo sobre identificação lésbica e processo de reconhecimento, como exemplo, tem-se a história de Priscila, Poli e Paloma.

Foi um processo bem lento pra mim, porque eu cresci num ambiente religioso, então meus pais ainda são muito aficionados, se eu posso dizer assim. De início, eu não sabia que existia possibilidade de ser lésbica, depois eu entendi que existia e aí foi mais um processo para eu me entender, depois o processo para eu me aceitar, então foram vários processos. Primeiro, eu senti que existia algo que não era tão comum, tipo, agora eu consigo ter uma visão mais ampla, mas eu não me imaginava casada, eu me imaginava sozinha e tendo adotado uma criança, não me imaginava com um homem. – Priscila

Bom, quando eu morava em Londrina, eu tinha uns sinais para mim que eu gostava de ficar com mulheres, mas eu não tinha coragem de contar isso para os meus amigos, nem para ninguém, não tinha referência e nunca tive na adolescência uma referência, mas eu comecei a sonhar que eu tava ficando com mulher. Eu ficava com um menino na época, aí eu comecei a ficar incomodada com aquilo a ponto de me marcar e aí eu comecei a ter sonhos constantes que eu tava transando com mulheres e acordava impactada, tipo, “meu Deus” e aí aquela coisa da culpa, da religião. Então aí foi o começo. – Poli

Foi um processo bem lento, aquela coisa, já sabia desde muito cedo, mas já tinha consciência do preço que ia ter. Primeiro me assumi bissexual, assim que me mudei pra Curitiba no final de 2010, viajei e aí tive uma conversa com a minha família que eu estava namorando uma mulher e daí foi todo um auê que me fez levar mais uns 10 anos pra finalmente me assumir lésbica. Foi todo um processo, muita terapia e daí eu paguei o preço. – Paloma

Um contraponto interessante frente a influência religiosa no processo de reconhecimento e construção identitária lésbica, é a realidade atual lesbiana, em que ser lésbica, junto ao deslocamento espacial, perpassa uma nova vivência. O presente demonstra marcas que não se vinculam a culpa oriunda de mecanismos religiosos e dispositivos familiares, pelo contrário, representa a aceitação e o orgulho de ter conseguido sair da cidade de origem e enfrentar a heterossexualidade compulsória por meio da construção da identidade lésbica. Tal fato por ser compreendido através da fala de Priscila, Poli e Paloma ao refletirem sobre como se sentir e ser lésbica para elas diante do passado e do presente.

Quando era mais jovem era uma questão, de início não sabia muito o que estava acontecendo, nem se estava acontecendo algo, hoje em dia com essa visão mais de longe eu consigo ver, mas foi uma questão bem complicada pra mim, acho que principalmente por causa da religião, acho que se não fosse tanto por meio religioso não teria sido tão complicado pra mim. Foi complicado a ponto de eu orar pra que eu não fosse lésbica, acho que essa é uma das coisas que eu mais penso e eu fico machucada, por ter vivido isso. Hoje em dia eu sei que não dá pra desfazer isso. Mas hoje é bem mais tranquilo, acho que eu consegui um espaço onde eu me sinta confortável, tanto do jeito que eu me porto, quanto do jeito que eu me visto, do jeito que gosto de me relacionar com as pessoas, acho que é a fase mais confortável que eu tive na minha própria pele. – Priscila

Hoje, atualmente eu me sinto muito orgulhosa de mim mesma por ser o que eu sou, de estar onde eu estou em relação a isso, mas eu já tive muita, muita crise de personalidade por conta disso, principalmente na época que eu comecei a ficar com garotas e aí eu voltei a ficar com caras porque tinha aquela pressão da cidade pequena e uma pressão de todo um contexto. As referências sempre são muito heterossexuais, então era sempre aquela coisa voltada para isso, então eu achava que eu ia ser uma pessoa sozinha na vida porque não nunca me imaginei em casal, construir uma relação com uma mulher ainda era impensável. Aí quando eu sai da casa da minha família e fui para uma cidade maior foi quando veio à tona essa questão de me relacionar com outras mulheres de fato. – Poli

Atualmente estou muito feliz. Eu dou Graças a Deus todos os dias por ser lésbica. Eu sempre tive muito essa pegada do mundo LGBT como parte da minha identidade, mas eu sinto que desde que eu me coloquei como sapatão assumida, militante e ativista em todos os meus meios, não tem essa vida dupla, eu sinto que ser sapatão, ainda mais como professora, é a parte principal da minha identidade. – Paloma

Portanto, quem são elas? Mulheres que amam mulheres, com diferentes idades, com diferentes realidades familiares, de diferentes classes sociais, com diferentes processos de saída do armário e das amarras da imposição heterossexual. São diferentes, o ponto comum é amar outras mulheres, desejar mulheres, vivenciar a lesbianidade em sua multiplicidade, seja de expressão corporal ou vestimenta, feminilizadas ou desfeminizadas. Lésbicas não são iguais, as histórias de vida não são as mesmas, porém, a maior composição identitária comum é se relacionar afetivo e amorosamente com mulheres, sendo esta a maior força contra a estrutura patriarcal.

2.2.2 Análise e sistematização: passo a passo metodológico

A pesquisa científica é moldada por relações de poder que estruturam a produção de conhecimento por meio da colonialidade do saber, que por sua vez, molda e estrutura a ciência a partir de produções hegemônicas, invisibilizando e marginalizando conhecimentos fora do eixo de influência de produtividade (Silva, 2009). Dessa forma, encontram-se lacunas na produção de conhecimento ao longo da história do pensamento geográfico frente aos estudos das Geografias Feministas, Geografia e Gênero e Geografia das Sexualidades. Portanto, visando investigar essa lacuna epistemológica a fim de compreender a produção geográfica que contemple migração e lesbianidade, recorre-se ao levantamento de dados preliminares através do Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES e do Observatório da Geografia Brasileira (OGB) para entender sobre a produção de conhecimento da geografia sobre migração e sexualidade.

O Catálogo de Teses e Dissertações é uma plataforma que organiza o acesso a teses e dissertações defendidas nos programas de pós-graduação no Brasil a fim de catalogar a produção científica. O OGB é um banco de dados composto por um conjunto de artigos científicos disponibilizados por revistas de geografia classificadas pelo Sistema *Qualis-Capes* em A1, A2, B1, B2, B3, B4 e B5, organizado e atualizado pelo Grupo de Estudos Territoriais (GETE) da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), em que sistematiza a produção de artigos entre o período de 1939 e 2021. A análise a partir de duas ferramentas de sistematização da produção científica brasileira é fundamental pois o registro da produtividade científica se dá a partir da escrita, visto que “a escrita científica mediada pelo poder permite a existência ou não de algo” (Silva et al., 2023, p. 22). Com isto podemos entender o cenário da produção sobre lesbianidades na geografia brasileira e as consequentes expressões espaciais da vivência lésbica.

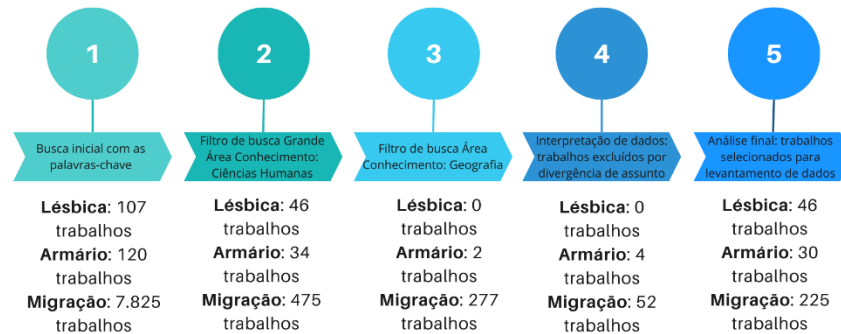
Dessa forma, o primeiro passo metodológico foi investigar a produção da ciência geográfica e, neste processo, entendeu-se que existem silenciamentos no âmbito da produção sobre lesbianidades. Tal fato pode ser comprovado a partir da análise de dados do Catálogo de Teses e Dissertações e do OGB. Neste sentido, a primeira linha de investigação para ter consciência da produção sobre lesbianidade e deslocamento entre cidades foi recorrer ao Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES a fim de buscar o que foi produzido no âmbito da pós-graduação brasileira. Como já mencionado na introdução, foram separadas três palavras-

chave para inserir no buscador do site e analisar, a partir dos resultados, quais trabalhos tratavam sobre lesbianidade, armário lésbico e migração lésbica.

Portanto, as palavras selecionadas foram “lésbica”, “armário” e “migração”. O passo a passo se deu a partir dos filtros de buscas, pois, o site disponibilizado pelo Governo Federal conta com buscadores, possibilitando a aplicação das palavras selecionadas nas opções “Grande Área Conhecimento” e “Área Conhecimento”, selecionando, respectivamente, a opção Ciências Humanas e Geografia. A partir disso, foi possível compreender por meio do resultado das palavras-chave selecionadas a relação entre “ano de produção X quantidade produzida”, “quantidade produzida X universidade de produção”, além da tendência de fenômenos resultando em etiquetas de assuntos discutidos nas teses e dissertações.

O compilado de dados é resultado da busca inicial com as palavras-chave e o subsequente refinamento de busca a partir de filtros disponibilizados pelo Catálogo de Teses e Dissertações, obtendo-se, portanto, o mesmo passo a passo metodológico para as três palavras-chave selecionadas. A palavra-chave “lésbica” gerou 107 resultados, sendo 46 trabalhos nas *Ciências Humanas* e nenhum trabalho na *Geografia*, o que configurou a necessidade de a análise contemplar os 46 trabalhos disponíveis. A palavra-chave “armário” gerou 120 resultados, sendo 34 trabalhos nas *Ciências Humanas* e 2 trabalhos na *Geografia*, o que culminou na expansão da análise para as Ciências Humanas – não nos restringindo ao levantamento de apenas 2 produções –; dentre o total, elucida-se que 4 trabalhos foram excluídos do levantamento de dados por divergirem do sentido de armário enquanto relação paradoxal voltada para identidade do sujeito e contemplarem a materialidade da palavra, divergindo, portanto, da proposta central. A palavra-chave “migração” gerou 7.825 resultados, sendo 475 nas *Ciências Humanas* e 277 trabalhos na *Geografia*, entretanto, faz-se necessário esclarecer que dentre o total de trabalhos na *Geografia*, 52 trabalhos foram excluídos da análise por não tratarem a migração enquanto mobilidade humana. O compilado de dados culminou na análise de 555 trabalhos e interpretação de dados de 301 produções com a junção entre o eixo temático a partir das palavras-chave “armário”, “lésbica” e “migração”, entre teses e dissertações, a partir do resumo, palavras-chave, universidade de produção, ano de publicação e referências bibliográficas. O passo a passo metodológico se exemplifica a partir da figura 4.

Figura 4: Passo a passo metodológico e levantamento de dados com base no Catálogo de Teses e Dissertações

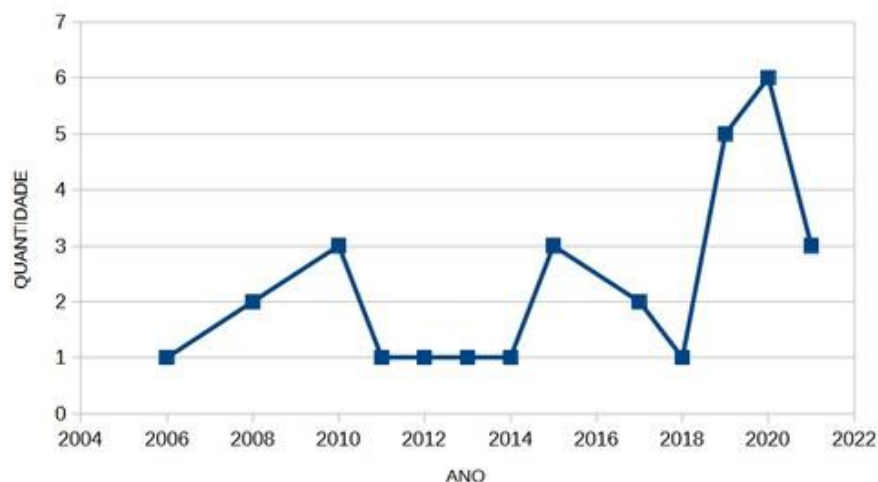


Fonte: A autora;

O compilado de dados nos confirmou que há uma baixa produção acerca do paradoxo do armário pautado na sexualidade, quiçá sobre a lesbianidade, além da uma baixa, apesar de resistente, produção sobre a vivência lésbica nas ciências humanas. Entretanto, o eixo principal de produção na ciência geográfica se configura a partir da palavra-chave “migração”, que por sua vez, foi constatado que não há produções na Pós-Graduação Brasileira que articule migração e sexualidade mesmo sendo um campo de estudos tradicional e consolidado na Geografia.

Por conseguinte, a partir da análise dos dados, diante da articulação entre o paradoxo do armário a partir da migração lésbica obtém-se a seguinte realidade na Pós-Graduação Brasileira:

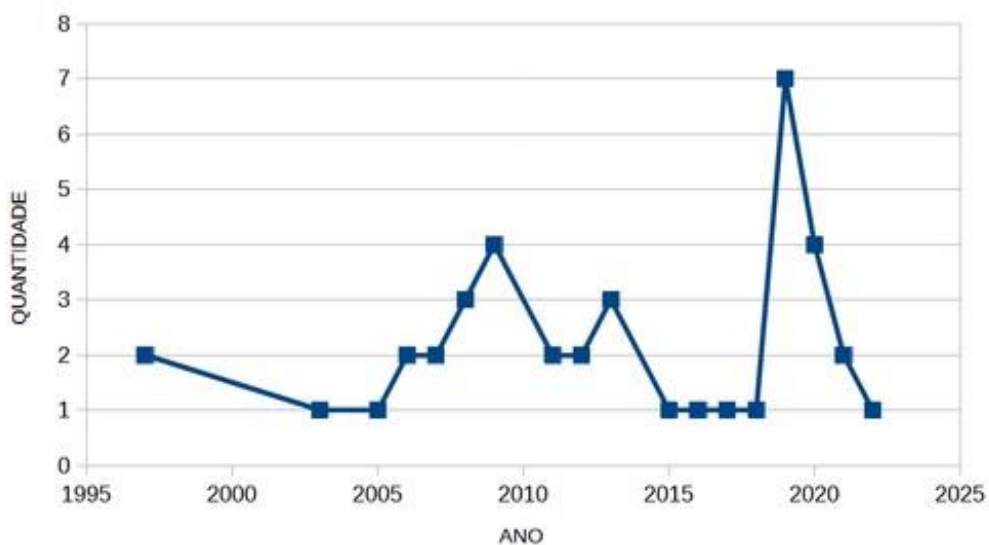
Figura 5: Ano de produção X Quantidade produzida a partir da palavra-chave "Armário"



Fonte: A autora;

A figura 5 é fruto do refinamento de dados com a palavra-chave “Armário” a partir do filtro de busca “Grande Área Conhecimento: Ciências Humanas” em que se torna evidente a recente produção, além de baixa, ao longo dos anos. Em 2006 há o primeiro registro de produção na Pós-Graduação Brasileira sobre as Epistemologias do Armário, configurando, portanto, o pontapé inicial da discussão do paradoxo espacial do armário na ciência brasileira. Percebe-se, também, que a partir de 2018 há um crescimento na produção de teses e dissertações o que configura a ampliação do campo.

Figura 6: Ano de produção X Quantidade produzida a partir da palavra-chave "Lésbica"

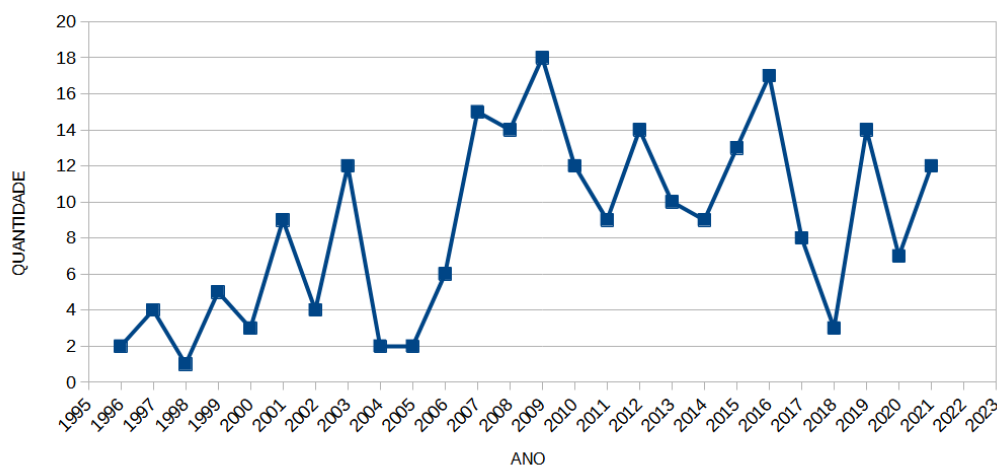


Fonte: A autora;

A figura 6 é fruto do refinamento de dados com a palavra-chave “Lésbica” a partir do filtro de busca “Grande Área Conhecimento: Ciências Humanas” em que há registro de produções acerca da lesbianidade no ano de 1996, entretanto, há um vácuo de produção até o ano de 2003, entretanto, podemos observar também a contínua produção, apesar de pequena, a partir de então. É importante chamar atenção para o ano de 2019 em que houve o maior compilado de teses e dissertações, entretanto, a partir de tal fato, as produções sobre mulheres lésbicas entraram em declínio. O declínio, por sua vez, configura a ausência de estudos envolta das lesbianidades colocando-a à margem dos estudos científicos.

A geografia, ao não integrar as sexualidades – lésbicas – nos seus estudos a partir da não produção na Pós-Graduação omite e homogeniza sua interpretação espacial, pois “falar de diferenças é, portanto, falar das desigualdades produzidas em nome das diferenças; é falar das fronteiras que precisam ser atravessadas para a conquista da igualdade social” (Paiva da Silva, 2017, p. 24). As geógrafas Ferreira, Moreira e Lenzi (2018, p. 3) reforçam que pensar a espacialidade geográfica e a existência da diversidade social implica “reconhecer que o espaço é simultaneamente e paradoxalmente elemento de negação e possibilidade de existência de sexualidades não heterocisnormativas”, portanto, os estudos migratórios, bem como demais análises das espacialidades geográficas, não devem partir de pressupostos únicos, iguais e determinantes de gênero, classe, raça, sexualidade, religiosidade e idade, pois as relações espaciais são dotadas de compilados de fatores identitários diversos.

Figura 7: Ano de produção X Quantidade produzida a partir da palavra-chave "Migração"

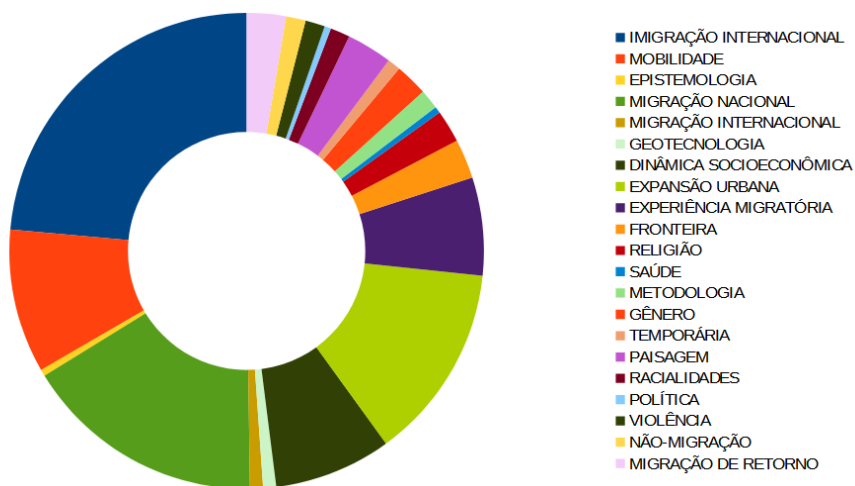


Fonte: A autora;

A figura 7 é fruto do refinamento de dados com a palavra-chave “ Migração ” a partir do filtro de busca Área Conhecimento: Geografia inserido no filtro “ Grande Área Conhecimento: Ciências Humanas ” culminando na análise de 225 trabalhos tendo seu primeiro registro em 1996 e mantendo produtividade e quantidade ao longo dos anos. O estudo migratório na geografia brasileira se fundamentou em paradigmas histórico-estrutural acerca de fatores de atração e expulsão em detrimento de questões econômicas, bem como a produção da vida urbana atrelada ao movimento de êxodo rural e migração pautada na mão de obra entre diferentes regiões (Menezes, 2012) consolidando, portanto, a tradição dos estudos migratórios na geografia brasileira. Entretanto, a produção e análise de fenômenos migratórios contemporâneos necessita de “ constantes revisões e ajustamentos a fim de compreender as especificidades de mobilidade de grupos e espaços migratórios ” (Menezes, 2012, p. 36).

A análise de dados possibilitou compreender a partir de quais eixos temáticos a migração é pensada na Pós-Graduação em Geografia no Brasil, em que a partir da classificação pelo título, palavras-chave e resumo das teses e dissertações interpretadas, culminando na divisão de tendências de assuntos classificados por etiquetas temáticas, conforme pode-se observar na figura 8.

Figura 8: Temas de pesquisa categorizados a partir da palavra-chave " Migração "



Fonte: A autora;

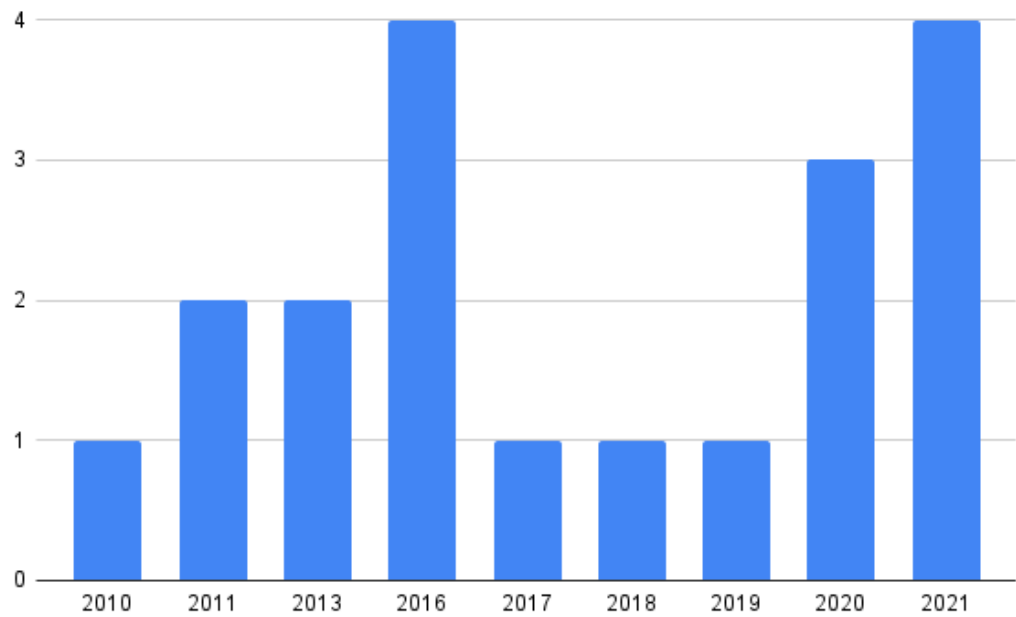
A subdivisão temática demonstra que a migração, a mobilidade e o deslocamento humano são pensados a partir de uma diversidade de eixos de temáticos, desde a perspectiva da “ não-migração ” considerando o motivo do sujeito não sair de dado local, até o maior eixo de compreensão teórica compreendido pela “ imigração internacional ”, temática atual e bastante

discutida na ciência geográfica. Percebe-se, também, que a articulação entre gênero e migração se faz presente haja visto que o migrante não é um ser sem identidade, pelo contrário, há uma gama diversa de mulheres com as mais diversas identidades étnicas e culturais migrantes. Entretanto, a ausência de um dado é uma informação precisa, não se faz presente a compreensão de movimentos migratórios diante da relação com a sexualidade, seja por sexílio, melhores condições econômicas, oportunidades de estudos ou empregos em âmbito internacional e nacional. Fato é que, até aqui, a Pós-Graduação Brasileira em Geografia não pensou na interseção de gênero e sexualidade ao desenvolver os estudos migratórios.

Além do Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, a outra frente de investigação da produção sobre lesbianidades foi a partir do OGB, em que foi realizado uma busca a partir das palavras “lésbica” e “armário” a fim de encontrar trabalhos que tenham as palavras no título, resumo ou nas próprias palavras-chave. O total de artigos com a palavra “lésbica” e “armário” no tripé de análise foi 19 trabalhos. A análise da produção científica dos artigos científicos considerou somente as produções sobre lesbianidade e armário em detrimento do volume de trabalhos que englobam a produção sobre migração. Faz-se fundamental elucidar que o levantamento compreende o período entre 1939 e 2021 dentre o total de 31.503 artigos sistematizados a partir de 98 revistas, o que significa dizer que a produção sobre lesbianidade e paradoxo do armário na geografia compreende 0,06% do total. Tal levantamento confirma a lacuna epistemológica nos estudos geográficos sobre lesbianidade na ciência que estuda as espacialidades sociais.

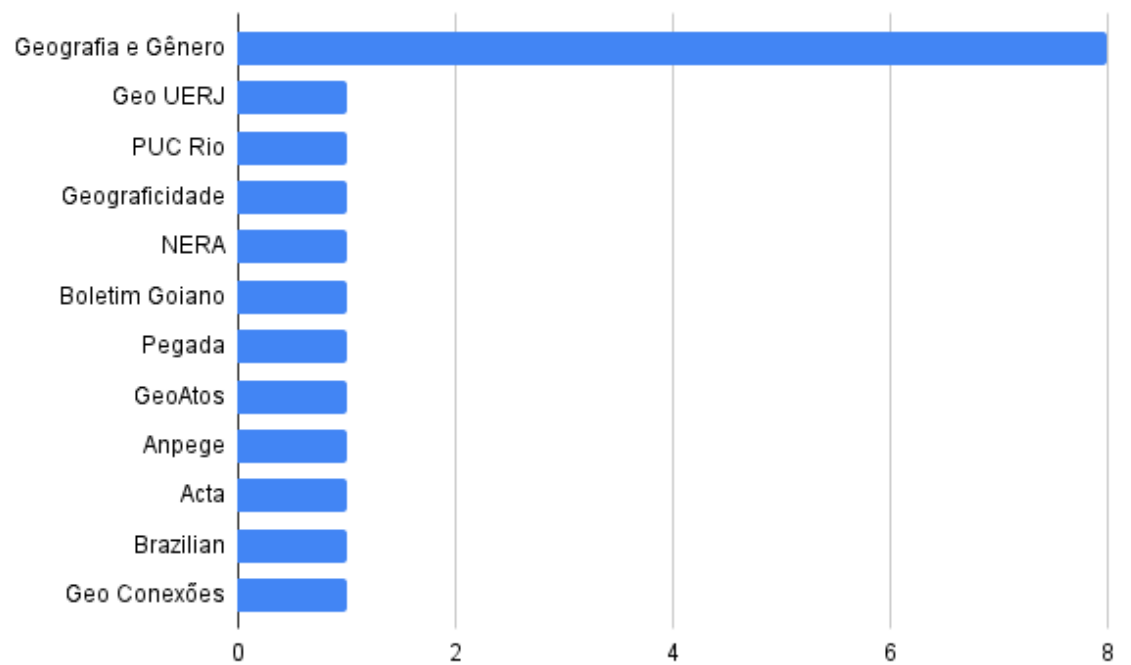
O ponto chave da análise da produção a partir do OGB consiste da análise Quantidade Produzida x Ano de Produção; Quantidade Produzida x Revista de Publicação e Quantidade Produzida x Assunto de Produção. Tais dados podem ser compreendidos a partir dos gráficos nas figuras 9, 10 e 11.

Figura 9: Quantidade Produzida x Ano de Produção - Dados OGB



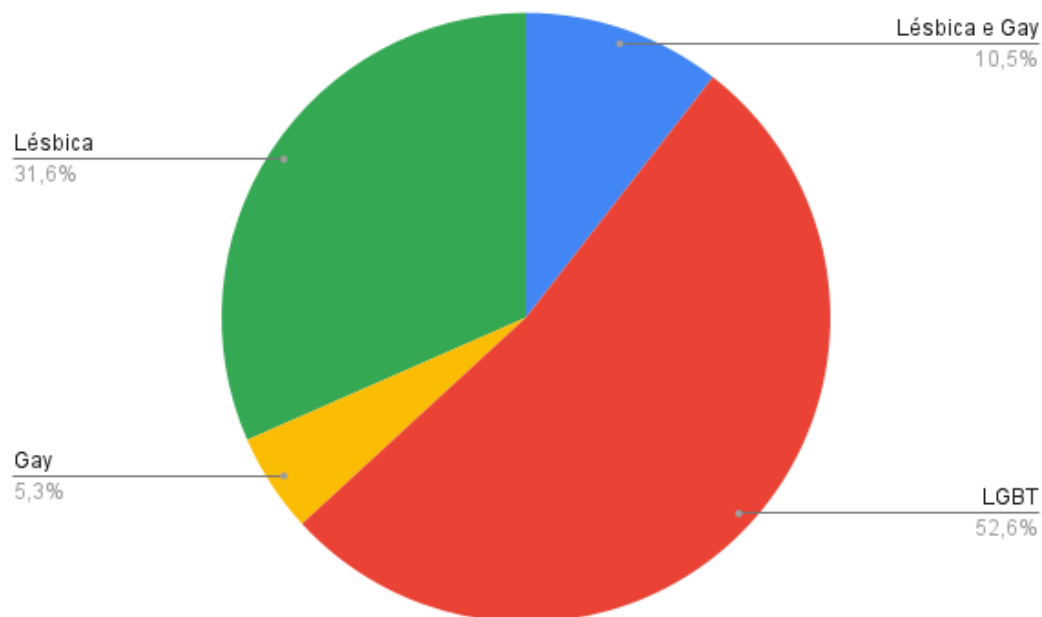
Fonte: A autora;

Figura 10: Quantidade Produzida x Revista de Publicação - Dados OGB



Fonte: A autora;

Figura 11: Quantidade Produzida x Assunto dos Artigos - Dados OGB



Fonte: A autora;

Com o levantamento da produção científica sobre os estudos lésbicos considerando as publicações em revistas científicas, se torna evidente a ausência da produção sobre a corporalidade lésbica e a experiência lesbiana na ciência geográfica. Tal fato se torna evidente em que mesmo com a busca refinada para os estudos lésbicos, os resultados representam que 52,6% do total de 19 trabalhos analisados representam produções sobre a sexualidade LGBT de forma ampla, o que não compreende a especificidade lesbiana ao pensar na análise espacial e no âmbito do direito a cidade. Além disto, se torna evidente o silenciamento ao longo da produção, visto que o primeiro artigo sistematizado compreender o período de 1939, entretanto, o primeiro artigo a considerar a perspectiva lésbica na geografia brasileira é datado em 2010. Outro ponto fundamental é que apesar de 12 entre 98 revistas publicarem sobre a sexualidade não-hegemônica, apenas a Revista Latino América de Geografia e Gênero publicou mais de um trabalho sobre a temática lésbica. Este cenário reforça a importância de se compreender sobre sexualidade – lésbica – e espaço geográfico.

Após a análise teórica acerca das lacunas na produção sobre lesbianidade e deslocamento espacial, considerando o Catálogo de Teses e Dissertações e o OGB, o próximo passo metodológico foi a elaboração de um questionário, disponível na seção “Apêndice”, a fim investigar como a migração implica a vivência da sexualidade lésbica e a consequente ida

a campo para desenvolvimento de entrevistas e escuta da fala de mulheres lésbicas migrantes. Percorre-se por um processo de pesquisa qualitativa por meio de entrevistas semiestruturadas pautadas na análise de conteúdo (Bardin, 2002) e interpretação de dados a partir de redes semânticas através do aporte metodológico desenvolvido por Silva e Silva (2016).

Para tanto, recorre-se à técnica de amostragem bola de neve a fim acessar um grupo de pessoas que se enquadre com a questão central – mulheres, lésbicas, migrantes de cidades menores para cidades maiores no Paraná. Vinuto (2014) aponta que a utilização da bola de neve enquanto técnica de pesquisa consiste em uma amostragem não probabilística que se utiliza de uma cadeia sequencial de referências, o que se configura como fundamental para acessar determinados grupos, como do recorte sobre mulheres-lésbicas-migrantes. O pontapé inicial ocorreu através de um contato primeiro com um grupo virtual de mulheres lésbicas de diferentes idades, locais do Brasil, feminilizadas e desfeminilizadas, onde foi divulgada uma chamada para participação na pesquisa. Esse grupo em questão é representado pela página no Instagram @desfeminilizei. Neste ponto, faz-se fundamental reiterar que a organização do grupo é feita por mulheres lésbicas desfeminilizadas, entretanto, o diálogo e acesso ao grupo não se restringe a lésbicas desfeminilizadas.

Sendo assim, os primeiros contatos surgiram. Patrícia, Priscila e Poli, todos nomes fictícios para preservar a profundidade obtida através dos encontros. O processo de contato inicial e apresentação da pesquisa ocorreu de forma online através de trocas de mensagens, porém foi dado a possibilidade de escolha para o formato da entrevista conforme a dinâmica das entrevistas, no total nove mulheres foram entrevistadas, sendo cinco entrevistas presencialmente em local seguro para vivência lésbica escolhido pelas participantes e quatro de forma síncrona. Através de Poli, a técnica bola de neve por meio da indicação de outras mulheres lésbicas, prosseguiu. Poli indicou Paloma que indicou Pandora e Pamela, além de indicar Pietra, que por sua vez, indicou Pérola que passou a compor a rede de análise.

Além da rede inicial, através das vivências em ambientes LGBTQIA+ no Paraná mediados por uma mulher bissexual paranaense, foi possível chegar até Pilar, finalizando o ciclo de contatos por não haver mais indicações. Paloma, Poli, Patrícia, Pandora e Priscila optaram pelo encontro presencial para aplicação da entrevista, já Pietra, Pérola, Pamela e Pilar realizaram a troca de diálogos proporcionada pela entrevista de maneira síncrona a partir do *GoogleMeet* e com aporte de gravador. O passo a passo metodológico foi desenvolvido por meio da técnica bola de neve, que pode ser reiterado por meio da figura 1 na subseção 1.2.1.

Após tal procedimento de entrevistas e diálogo com nove mulheres cis lésbicas migrantes, houve a transcrição integral da fala e sistematização de dados. A sistematização de

dados consiste na utilização da metodologia de análise de redes sociais (ARS), a fim de compreender a conexão entre palavras diante da tendência discursiva, procedimentos esses postos em prática por Silva e Silva (2016), em que os autores alertam para necessidade de procedimentos operacionais refinados para interpretação de dados ao se trabalhar com histórias de vida.

A elaboração das redes de palavras e redes semânticas são desenvolvidas pelo software Gephi, que é um programa de análise utilizado em diferentes áreas do conhecimento. Silva e Silva (2016, p. 140) elucidam que “a análise de rede toma realidade a partir de suas relações, e a partir delas podemos calcular centralidades, densidade, estruturação em comunidades, etc”, neste sentido, a partir do conjunto de palavras ditas, bem como suas colocações nas frases, a análise por meio de redes nos indica sentidos e tendências discursivas (Silva; Silva, 2016).

O passo a passo metodológico de análise e sistematização de entrevistas com base em Silva e Silva (2016) pode ser visualizado na figura 12.

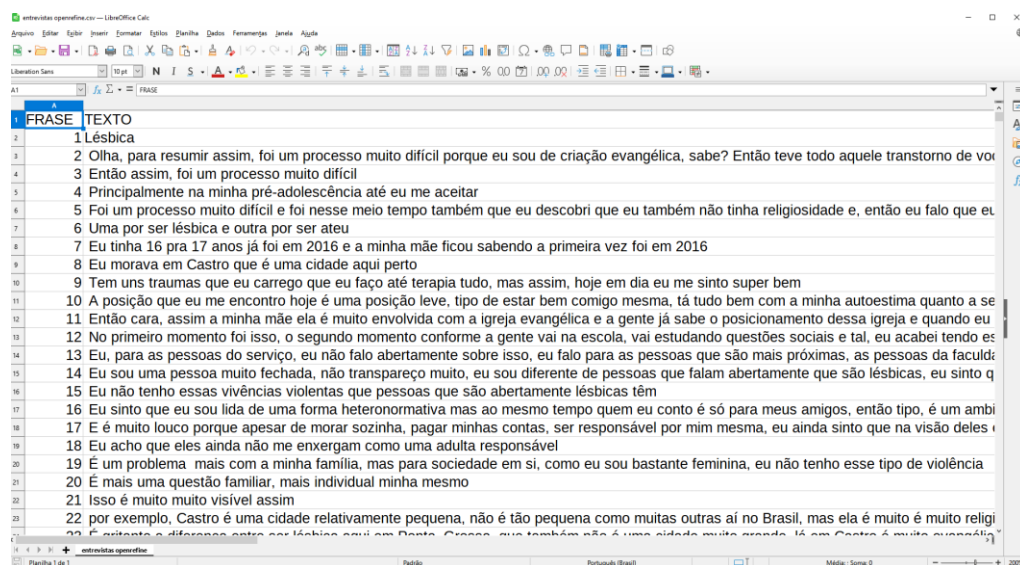
Figura 12: Passo a passo metodológico sistematização entrevistas



Fonte: A autora;

Todo conteúdo transcrito e sistematizado foi feito a partir do *LibreOffice Writer* e *LibreOffice Calc*. O primeiro passo foi inserir todas as entrevistas em um único documento e realizar a desambiguação de termos, como por exemplo, “mãos dadas” por “mãos_dadas”, pois, trata-se de uma palavra que ao ser separada possui sentido diferente do original. Posteriormente, todo o conjunto textual foi dividido em frases a fim de transformar o texto em tabela.

Figura 13: Transcrição e sistematização das entrevistas: texto em tabela

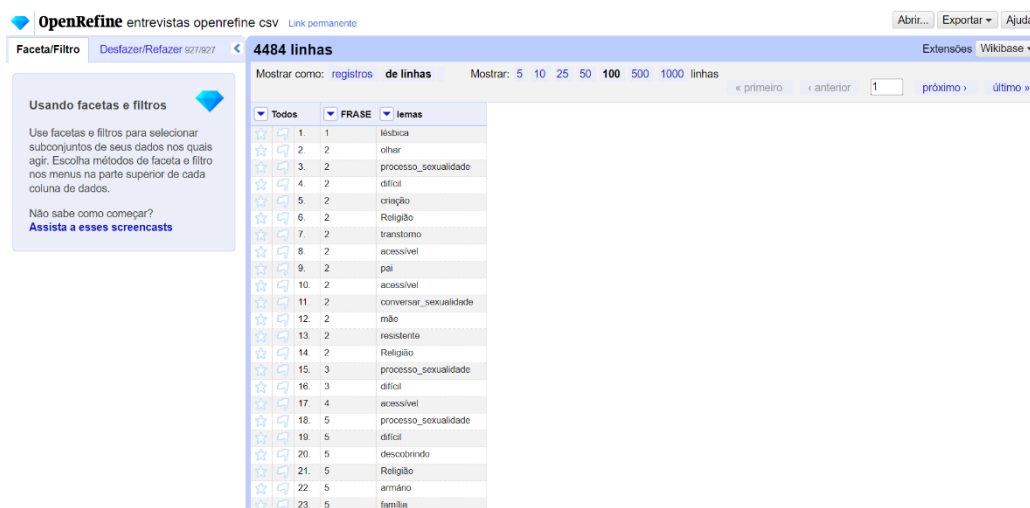


FRASE	TEXTO
1	1 Lésbica
2	2 Olha, para resumir assim, foi um processo muito difícil porque eu sou de criação evangélica, sabe? Então teve todo aquele transtorno de voz
3	3 Então assim, foi um processo muito difícil
4	4 Principalmente na minha pré-adolescência até eu me aceitar
5	5 Foi um processo muito difícil e foi nesse meio tempo também que eu descobri que eu também não tinha religiosidade e, então eu falo que eu
6	6 Uma por ser lésbica e outra por ser ateu
7	7 Eu tinha 16 pra 17 anos já foi em 2016 e a minha mãe ficou sabendo a primeira vez foi em 2016
8	8 Eu morava em Castro que é uma cidade aqui perto
9	9 Tem uns traumas que eu carrego que eu faço até terapia tudo, mas assim, hoje em dia eu me sinto super bem
10	10 A posição que eu me encontro hoje é uma posição leve, tipo de estar bem comigo mesma, tá tudo bem com a minha autoestima quanto a se
11	11 Então cara, assim a minha mãe ela é muito envolvida com a igreja evangélica e a gente já sabe o posicionamento dessa igreja e quando eu
12	12 No primeiro momento foi isso, o segundo momento conforme a gente vai na escola, vai estudando questões sociais e tal, eu acabei tendo es
13	13 Eu, para as pessoas do serviço, eu não falo abertamente sobre isso, eu falo para as pessoas que são mais próximas, as pessoas da faculd
14	14 Eu sou uma pessoa muito fechada, não transpareço muito, eu sou diferente de pessoas que falam abertamente que são lésbicas, eu sinto q
15	15 Eu não tenho essas vivências violentas que pessoas que são abertamente lésbicas têm
16	16 Eu sinto que eu sou lida de uma forma heteronormativa mas ao mesmo tempo quem eu conto é só para meus amigos, então tipo, é um ambi
17	17 E é muito louco porque apesar de morar sozinha, pagar minhas contas, ser responsável por mim mesma, eu ainda sinto que na visão deles
18	18 Eu acho que eles ainda não me enxergam como uma adulta responsável
19	19 É um problema mais com a minha família, mas para sociedade em si, como eu sou bastante feminina, eu não tenho esse tipo de violência
20	20 É mais uma questão familiar, mais individual minha mesmo
21	21 Isso é muito muito visível assim
22	22 por exemplo, Castro é uma cidade relativamente pequena, não é tão pequena como muitas outras aí no Brasil, mas ela é muito é muito religi
23	23 É diferente de outras cidades que são lésbicas aqui em Porto Alegre, que também não é uma cidade muito grande, lá em Castro é muito pequena

Fonte: A autora;

Depois da sistematização diante da transcrição das entrevistas, o material foi submetido ao software *OpenRefine* para desambiguação de termos, limpeza em vícios de linguagem como expressões “né”, “ah”, “ham” e retirada de *stopwords*, como vícios de linguagem e palavras que não possuem sentido isoladamente na entrevista, como, "e", "da", "caramba", entre outros. Após, ainda no *OpenRefine*, a etapa seguinte é de *clusterização*, sendo *cluster* um comando disponível no software, que perpassa agrupar palavras de mesmo sentido, como "cara" e "homem", ou, "mãe" e "mamãe", optando por manter uma única palavra a fim de compor a análise do discurso e produção das redes. A figura 14 demonstra essa etapa metodológica.

Figura 14: Interface do processo metodológico no OpenRefine



Todos	FRASE	lemas
1	1	lésbica
2	2	other
3	2	processo_sexualidade
4	2	difícil
5	2	criação
6	2	Religião
7	2	transtorno
8	2	acessível
9	2	pai
10	2	acessível
11	2	conversar_sexualidade
12	2	mãe
13	2	reestilite
14	2	Religião
15	3	processo_sexualidade
16	3	difícil
17	4	acessível
18	5	processo_sexualidade
19	5	difícil
20	5	descobririndo
21	5	Religião
22	5	armário
23	5	família

Fonte: A autora;

Com a finalização dessa etapa no *OpenRefine*, o arquivo é exportado totalmente limpo e sistematizado em formato de tabela 'csv' separado em colunas articulando a conexão das frases com as palavras a fim adequar tais informações para processamento de dados no *Gephi*. Nessa etapa, a partir do arquivo exportado, são geradas duas tabelas, uma denominada "arestas" e outra denominada "nó", representando, a conexão e a intensidade de conexão das palavras. A demonstração do documento preparatório para leitura do *Gephi* pode ser compreendida por meio das figuras 15 e 16.

Figura 15: Sistematização de dados “Arestas”

A	B	C	D	E	F	G	H	I	J
Source	Target	Type							
1	lésbica	undirected							
2	olhar	undirected							
3	processo_sexualidade	undirected							
4	difícil	undirected							
5	criação	undirected							
6	religião	undirected							
7	transtorno	undirected							
8	aceitação	undirected							
9	pai	undirected							
10	aceitação	undirected							
11	conversar_sexualidade	undirected							
12	mãe	undirected							
13	resistente	undirected							
14	religião	undirected							
15	processo_sexualidade	undirected							
16	difícil	undirected							
17	aceitação	undirected							
18	processo_sexualidade	undirected							
19	difícil	undirected							
20	descobrir	undirected							
21	religião	undirected							
22	armário	undirected							
23	família	undirected							

Fonte: A autora;

Figura 16: Sistematização de dados “Nós”

A	B	C	D	E	F	G	H	I
ID	LABEL	NAT						
1	1	1 frase						
2	2	2 frase						
3	2	2 frase						
4	2	2 frase						
5	2	2 frase						
6	2	2 frase						
7	2	2 frase						
8	2	2 frase						
9	2	2 frase						
10	2	2 frase						
11	2	2 frase						
12	2	2 frase						
13	2	2 frase						
14	2	2 frase						
15	2	2 frase						
16	3	3 frase						
17	3	3 frase						
18	4	4 frase						
19	5	5 frase						
20	5	5 frase						
21	5	5 frase						
22	5	5 frase						
23	5	5 frase						

Fonte: A autora;

As “arestas” representam a conexão entre as palavras e os “nós” representam as frases. Assim, as tabelas são exportadas para o *Gephi* culminando no processo de realização das redes

Quadro 3: Métricas Rede Bimodal

PALAVRAS	GR AU ⁸	GRAU PONDERADO ⁹	EXCENTRICIDADE ¹⁰	CENTRALIDADE DE PROXIMIDADE ¹¹	CENTRALIDADE DE PROXIMIDADE HARMÔNICA ¹²	CENTRALIDADE DE INTERMEDIAÇÃO ¹³	MODULARIDADE DE CLASSE ¹⁴
MULHER	109	142	6	349.839	400.905	99905.7	14
ESPAÇO	76	91	6	330.217	371.321	54552.9	9
AMIZADE	72	90	6	329.717	370.186	48429.9	10
MÃE	66	88	6	328.722	367.266	39985.7	10
CONVERSAR_S EXUALIDADE	62	82	6	330.384	366.743	35894.5	11
FAMÍLIA	69	82	6	327.733	367.215	48892.2	6
MUDANÇA	58	74	6	330.217	364.881	40196.3	11
CIDADE	64	73	6	319.092	358.429	41533.0	5
PAI	66	72	6	327.569	327.569	40407.0	6
CURITIBA	62	70	6	362.191	362.191	40277.7	12

Fonte: Organização própria

A partir da rede bimodal, foi gerada a rede unimodal que pode ser observada a partir do grafo 2 – figura 18, culminando em 392 nós e 6.833 arestas. As métricas podem ser conferidas no quadro 4.

⁸ Grau: Peso do nó a partir das conexões (Higgins e Ribeiro, 2018).

⁹ Grau ponderado: Cálculo entre o peso do nó e o peso das arestas (Higgins e Ribeiro, 2018).

¹⁰ Excentricidade: Distância de um nó ao nó mais distante da rede (Medeiros, et al., 2016).

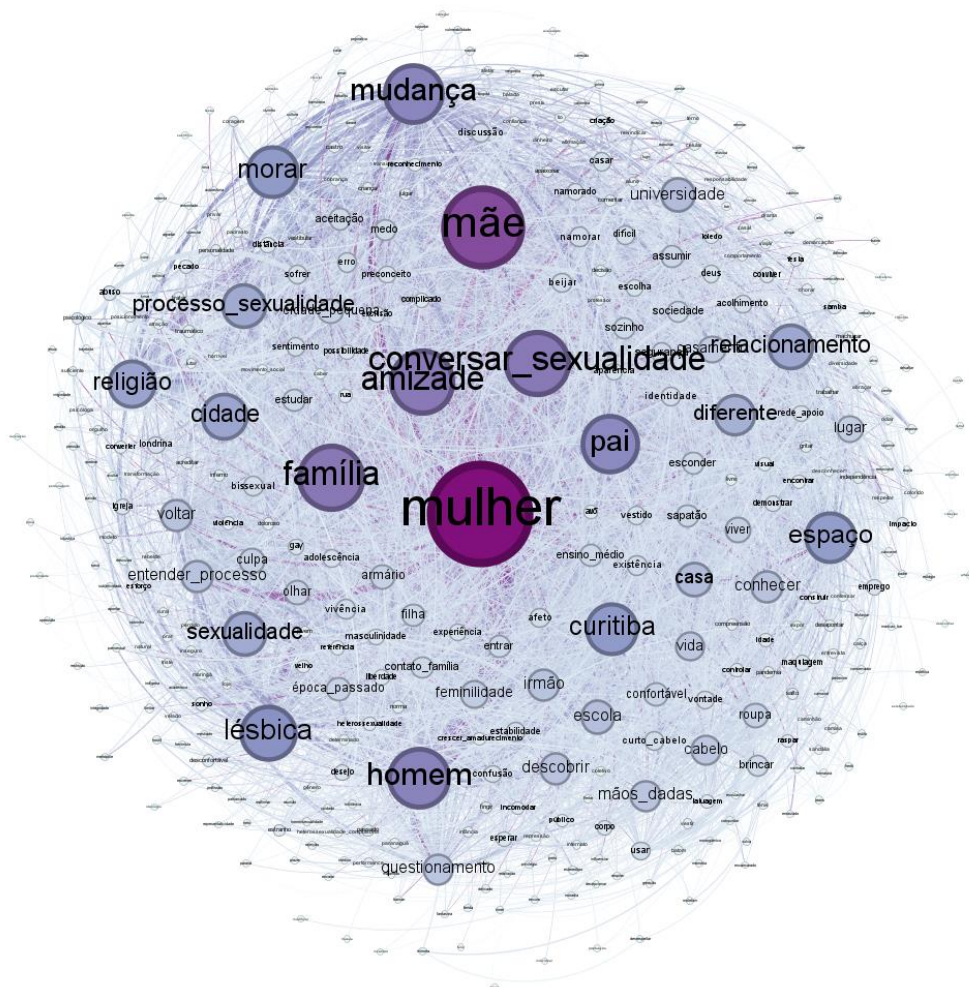
¹¹ Centralidade de proximidade: A influência de um nó diante da menor distância necessária para atingir o maior número de conexões com outros nós (Higgins e Ribeiro, 2018).

¹² Centralidade de proximidade harmonia: Mesma lógica de medição da centralidade de proximidade, entretanto, nesse ponto tem-se a média de proximidade entre os nós (Higgins e Ribeiro, 2018).

¹³ Centralidade de intermediação: Medido por atalhos envolta de um nó que possibilita ou bloqueia ligações (Higgins e Ribeiro, 2018).

¹⁴ Modularidade de classe: Medida pelo conjunto de nós conectados culminando em formação de comunidades diante de conexões mais fortes (Medeiros, et al., 2016).

Figura 18: Grafo 2: Rede Unimodal



Fonte: A autora;

Quadro 4: Métricas Rede Unimodal

PALAVRAS	GR AU	GRAU POND ERAD O	EXCEN TR ICIDADE	CEN TRA LIDADE DE PROXIM IDADE	CEN TRA LIDADE DE PROXIM IDADE HARMÔ NIA	CEN TRA LIDADE DE INTER MEDIÇÃO	MODULA RIDADE DE CLASSE
MULHER	208	996	3	678.819	765.132	5731.0	2
MÃE	164	774	3	628.617	708.014	2063.0	0
FAMÍLIA	157	609	3	622.611	699.488	34420.0	0
CONVERSAR_S EXUALIDADE	165	605	3	62.963	709.292	2253.4	0
AMIZADE	162	605	3	6.256	70.503	2771.7	2
HOMEM	143	564	3	605.263	679.881	1470.8	2
MUDANCA	164	552	3	62.963	70.844	2407.0	0

PAI	158	536	3	623.604	700.767	2431.9	0
LÉSBICA	152	509	3	616.719	692.668	2361.8	2
MORAR	133	471	3	594.225	66.624	1720.3	1

Fonte: Organização própria

Após essa etapa metodológica, diante dos resultados encontrados a discussão e análise de resultados se amplia no capítulo 4 e 5. Entretanto, é neste momento que a pesquisa passa por alterações a fim de respeitar a sistematização de dados encontrados no campo. Para isso, a questão central e as subquestões foram modificadas no processo de desenvolvimento, portanto, reiterando a proposta de pesquisa, busca-se investigar: *Como deslocamentos entre cidades de diferentes portes no Paraná implicam as vivências das sexualidades lésbicas de mulheres cis?* Além de maneira específica, buscar responder as questões: *De que maneira as narrativas das mulheres cis lésbicas constituem a ideia do ser mulher?*; *Como são os elementos constitutivos das vivências das sexualidades lésbicas relatadas pelas mulheres cis?*; *Como ocorrem as transformações das vivências das sexualidades lésbicas nos seus processos de deslocamentos espaciais?*

Portanto, a sequência metodológica se amplia a partir da voz das participantes, visto que a palavra mais dita entre as 9 lésbicas entrevistadas foi “mulher”, pois, diante da complexidade do fenômeno ao compreender que o corpo lésbico é implicado pela categoria “mulher”, entende-se que a espacialidade, além de compor a vivência lésbica, é marcada pela identidade corpórea da percepção da ideia do ser mulher. Nesse sentido, tem-se a continuidade dos procedimentos metodológicos. Assim, são criadas categorias discursivas a partir do resultado da rede de palavras. Categorizar o discurso permite responder às subquestões diante do agrupamento de palavras. O processo de categorização é feito pelo *Taguette*, onde é inserido o documento de transcrição das entrevistas e as frases são marcadas por categorias. Esse procedimento é feito a partir do processo de interpretação de dados no processo de leitura.

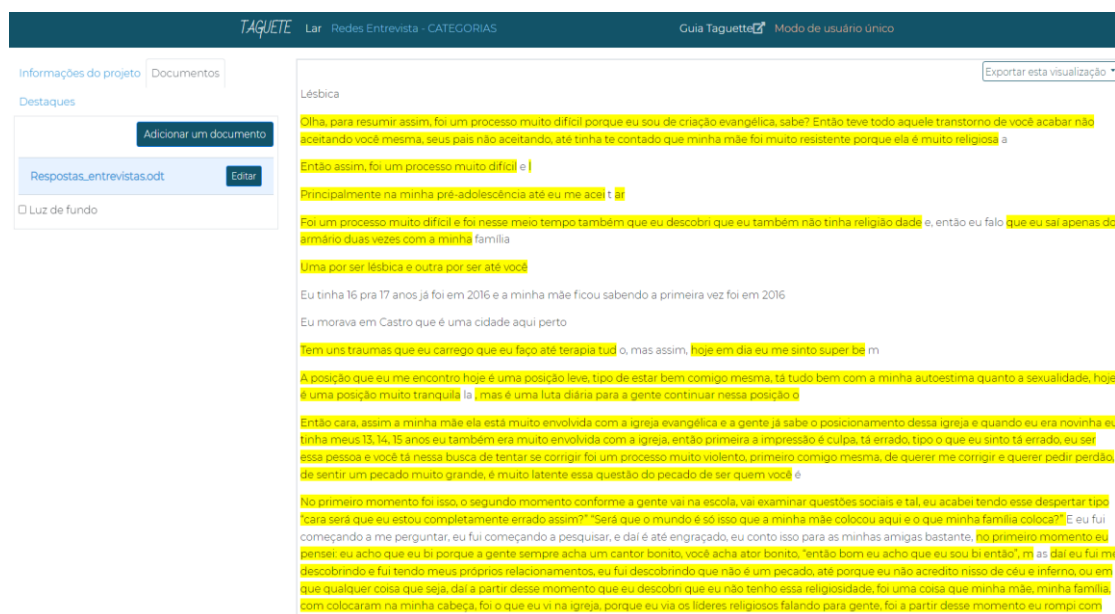
Como exemplo de criação de categoria, elucidam-se o desenvolvimento das categorias “Família_positivo”, “Família_negativo”, “Relação_materna_pos¹⁵”, “Relação_materna_neg¹⁶”, “Assumir_identidade_lésbica” e “Mecanismo_Religioso” em que são elementos constitutivos das vivências das mulheres cis lésbicas relatadas no processo de diálogo de entrevistas. Tal fato é evidenciado pela presença das palavras “mãe”, “família”, “religião”, “conversar_sexualidade” e “processo_sexualidade” na rede de palavras. Assim, o software Taguette nos permite a atribuição de sentido discursivo entre o que é dito e o que é

¹⁵ Relação Materna Positiva

¹⁶ Relação Materna Negativa

investigado. A interface do software livre Taguette pode ser visualizada e compreendida através da figura 19.

Figura 19: Interface categorização de dados Taguette



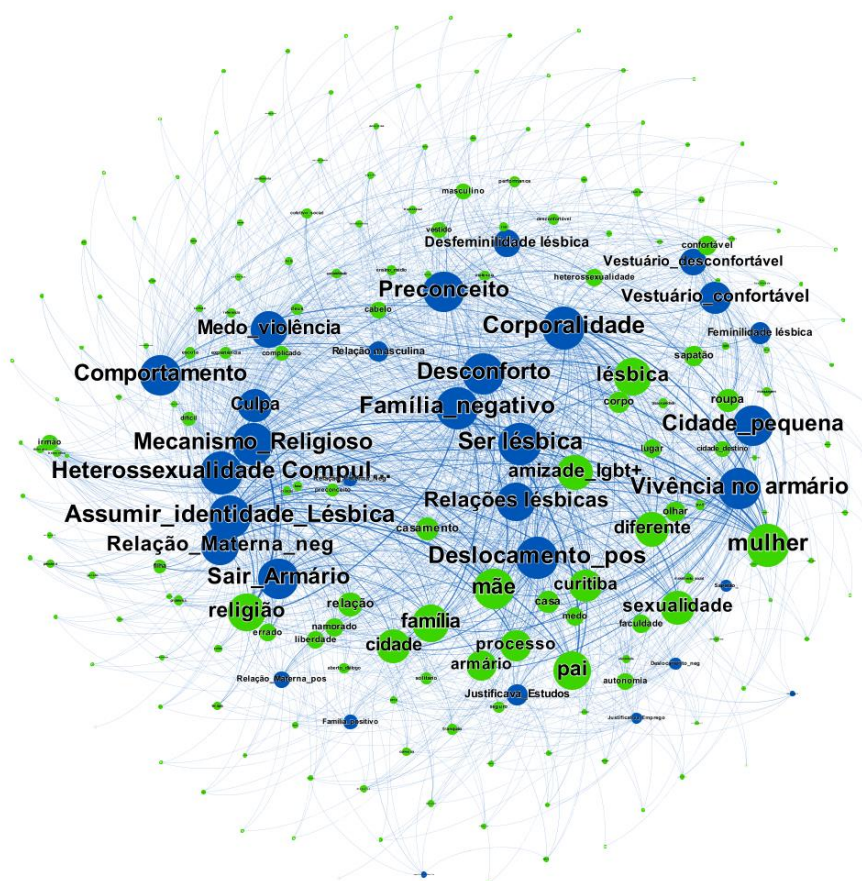
Fonte: Organização própria

Dessa maneira, por meio das categorias discursivas, é possível salientar a fala das mulheres entrevistadas, entendendo por exemplo, que o ato de construção da identidade lésbica e saída do armário pode se relacionar diretamente com questões familiares positivas ou negativas, além de contar com a influência de mecanismos religiosos que influenciaram no processo. Assim, as categorias são exportadas do *Taguette* e é realizado o mesmo procedimento metodológico da rede de palavras. O documento é submetido ao *OpenRefine* para limpeza de *stopwords* e ambiguação de termos de mesmo sentido. Posterior aos procedimentos do *OpenRefine*, o novo conteúdo é extraído em formato de tabela 'csv' e submetido ao *Gephi* para elaboração de redes semânticas.

Salienta-se, neste ponto, que categorizar o discurso permite responder os questionamentos estabelecidos no processo de pesquisa. Dessa forma, as categorias discursivas possibilitam organizar por meio da fala, tendências discursivas comuns entre a experiência de construir a identidade lésbica e mudar de cidade. Seja no processo entre gênero, sexualidade e identidade representado pela categoria "ser lésbica" ou pelo impacto da relação familiar representado pela categoria "família_negativo", que podem ser conferidas na figura 20. Assim, a categorização permite evidenciar a história de vida a partir da fala.

Após a sistematização e categorização por meio da *Taguette*, o passo a passo metodológico foi o mesmo da rede de palavras, desde a etapa de eliminação de *stopwords* no *OpenRefine*, até a organização de tabelas no *LibreOffice Calc* e por fim, todo conteúdo organizado é extraído e inserido no software *Gephi*. Como resultado desta etapa metodológica é apresentado a Rede Bimodal por meio do Grafo 3 – figura 20. A rede é composta por 214 nós de categorias representados pela cor azul e conectados por 1900 arestas. A elaboração da rede bimodal categorias-palavras optou pela redução de tamanho para evidenciar nós com grau ponderado superior a 80. Os nós das palavras estão representados pela cor verde. As métricas podem ser analisadas no quadro 5.

Figura 20: Grafo 3: Rede Bimodal Categorias-Palavras



Fonte: A autora;

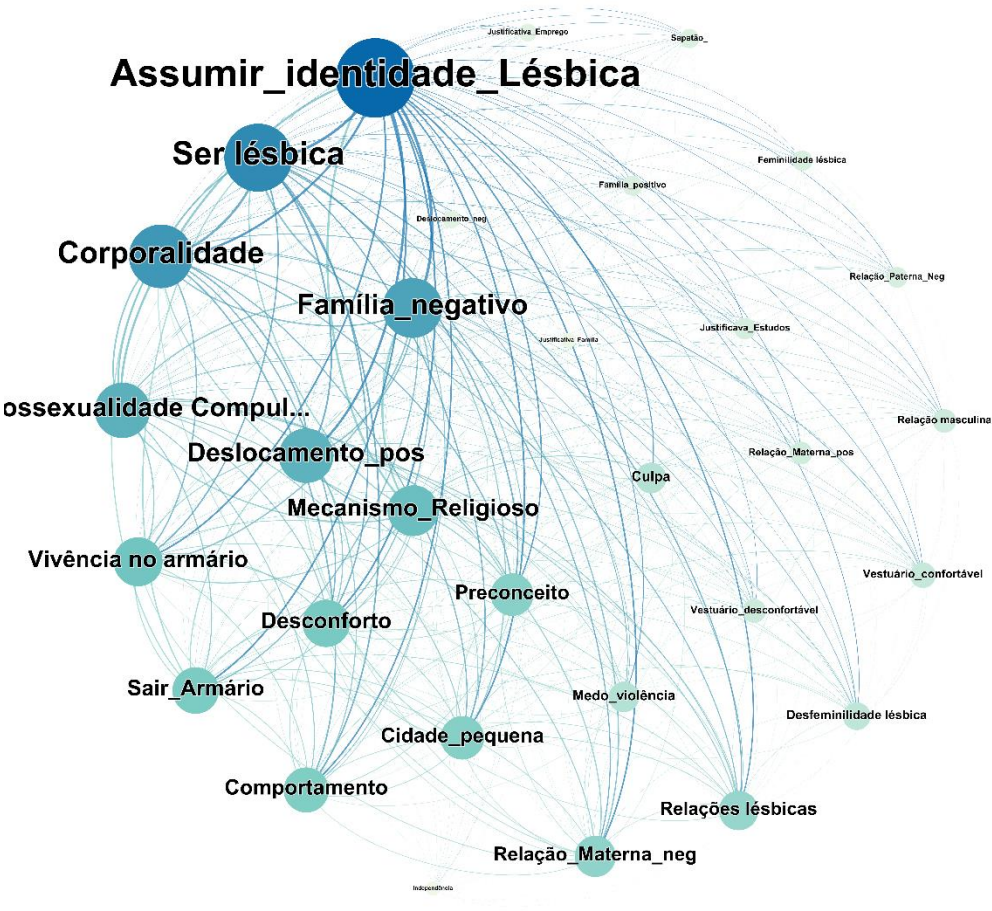
Quadro 5: Métricas Rede Bimodal Categorias-Palavras

CATEGORIAS-PALAVRAS	GRAU	GRAU PONDERADO	EXCENTRICIDADE	CENTRALIDADE DE PROXIMIDADE	CENTRALIDADE DE PROXIMIDADE HARMÔNICA	CENTRALIDADE DE INTERMEDIÇÃO	MODULARIDADE DE CLASSE
CORPORALIDADE	119	403	3	0.574124	0.729264	0.098843	2
SER LÉSBICA	117	388	3	0.568	0.723005	0.110684	1
ASSUMIR IDENTIDADE LÉSBICA	116	493	3	0.564987	0.719875	0.10246	0
HETEROSSEXUALIDADE COMPULSÓRIA	97	305	3	0.513253	0.660407	0.070324	3
FAMÍLIA NEGATIVO	93	321	3	0.503546	0.647887	0.053247	3
DESLOCAMENTO POSTIVO	91	292	3	0.498829	0.641628	0.053771	0
PRECONCEITO	91	212	3	0.498829	0.641628	0.059731	1
COMPORTAMENTO	91	226	3	0.498829	0.641628	0.042613	2
DESCONFORTO	90	248	3	0.496503	0.638498	0.044265	0
VIVÊNCIA NO ARMÁRIO	89	261	3	0.4942	0.635368	0.052815	0

Fonte: Organização própria

Os nós das palavras da rede bimodal categorias-palavras foram suprimidos para ser possível visualizar as relações entre as categorias. A visualização da rede unimodal de categorias pode ser observada no Grafo 4 – figura 21 e as métricas podem ser compreendidas através do quadro 6.

Figura 21: Grafo 4: Rede Unimodal Categorias



Fonte: A autora;

Quadro 6: Métricas Rede Unimodal Categorias

CATEGORIAS	GR AU	GRAU PONDE RADO	EXCENTR ICIDADE	CENTRA LIDADE DE PROXIM IDADE	CENTRA LIDADE DE PROXIM IDADE HARMÔ NIA	CENTRA LIDADE DE INTERME DIAÇÃO	MODULA RIDADE DE CLASSE
ASSUMIR_IDE NTIDADE_ LÉSBICA	30	37318	1	1	1	0.000079	0
SER LÉSBICA	30	30963	1	1	1	0.000079	1
CORPORALID ADE	30	28477	1	1	1	0.000079	1
FAMÍLIA_NEG ATIVO	30	26299	1	1	1	0.000079	0
HETEROSSEXU ALIDADE_	30	23837	1	1	1	0.000079	0

COMPULSÓRI A							
DESLOCAMEN TO_POSTIVO	30	23414	1	1	1	0.000079	0
MECANISMO_ RELIGIOSO	30	21251	1	1	1	0.000079	0
VIVÊNCIA NO ARMÁRIO	30	20244	1	1	1	0.000079	0
DESCONFORT O	30	19284	1	1	1	0.000079	0
SAIR_ARMÁRI O	30	18832	1	1	1	0.000079	0

Fonte: Organização própria

Essa rede, representada pelo Grafo 4, é composta por 31 nós conectados por 464 arestas. Tanto a rede de palavras, quanto a rede categorias-palavras foram exploradas em nível de topologia e modularidade. A análise topológica consiste na representação hierárquica dos pontos principais, já a análise com base na modularidade representa relações de semelhança por eixos em comum. Os resultados obtidos no processo metodológico com base nas redes topológicas e modulares, serão aprofundados no capítulo 3 e 4 juntamente com o último passo metodológico, que é retomada do conteúdo das entrevistas, articulando, portanto, rede de palavras, rede semântica e trechos da transcrição que fundamentem a discussão central da vivência lésbica e sua relação com o deslocamento espacial.

Dito isto, este capítulo consiste em elucidar o processo de construção da pesquisa, dialogando sobre a posicionalidade científica frente a minha trajetória pessoal envolta do desenvolvimento do trabalho e, sobre os procedimentos metodológicos realizados por meio do comprometimento com a pesquisa feminista. Portanto, foi abordado sobre as mulheres cis lésbicas participantes enquanto ponto de construção do diálogo a fim de elucidar sobre quem se produziu o saber sobre lesbianidade. Além disso, foi detalhado o passo a passo de todas as etapas metodológicas desenvolvidas, desde a investigação da lacuna epistemológica sobre sexualidades na Geografia, quanto a sistematização por meio da metodologia de análise de redes. A trajetória percorrida é permite entender silenciamentos no campo geográfico e também, responder à questão central entendendo como os deslocamentos espaciais entre cidades implicam na vivência lésbica, sendo esta constituída por elementos estruturais.

3 GÊNERO, SEXUALIDADE LÉSBICA E ESPAÇO

*Ser lésbica não é apenas sobre gostar de meninas,
É viver em guerra fria, batalha longa,
Que tenho vencido todos os dias.
- Carol Sarleto*

Este capítulo teórico tem por finalidade evidenciar as escolhas conceituais realizadas para responder à questão central sobre vivências de mulheres cis lésbicas e deslocamentos espaciais entre cidades de diferentes portes no Paraná. Compreendemos que os conceitos não são verdades acabadas na perspectiva da teoria feminista, mas algo em constante transformação. Eles devem ser considerados como sendo capazes de explicar determinadas realidades em função de questões levantadas pela ciência geográfica (Gomes, 2009). Portanto, diante da contextualização histórica patriarcal assolada pela heterossexualidade compulsória que impacta na vivência espacial urbana, busca-se articular, teoricamente, concepções envolta da vivência lésbica assolada por cidades de diferentes portes no Paraná.

Assim, explicitar a trajetória teórica escolhida se faz fundamental. A análise da produção científica sobre Geografias Lésbicas e a produção das lesbianidades na geografia, articula-se ao entendimento de identidade, gênero, performatividade e sexualidade diante do contexto espacial de vivência. Para tanto, o presente capítulo foi subdividido em três momentos. Na primeira seção, articula-se sobre gênero, identidade e pluralidade de feminilidades. Na segunda seção, se encontra a discussão sobre sexualidades lésbicas e na terceira seção, as concepções sobre espaço, migração, deslocamento espacial e sexualidade.

3.1 GÊNERO, IDENTIDADE E SEXUALIDADE LÉSBICA

O campo das sexualidades integra o estudo de gênero, cujo desenvolvimento na Geografia ocorre no contexto entre as décadas de 1970 e 1990 com o questionamento da produção científica geográfica através da visão hegemônica de homens brancos, cisgêneros e heterossexuais, bem como do papel social da mulher diante da estrutura patriarcal. Pensa-se, portanto, em gênero e sexualidade como elementos centrais para a constituição de identidades experienciadas no espaço. A vivência espacial envolve “a expressão de que o espaço geográfico é a materialização da sociedade e de que toda a existência humana é espacial, é uma concepção

plenamente aceita pelos cientistas da geografia. Contudo, nem toda humanidade esteve expressa no conhecimento geográfico”, argumenta Silva (2010, p. 41).

No âmbito da ciência geográfica, Silva *et al.*, (2013) alertam que a discussão de gênero e sexualidade é historicamente omitida no pensamento geográfico brasileiro, constituindo-se uma lacuna na produção geográfica brasileira acerca do corpo considerando o recorte de gêneros e sexualidades. Entende-se que “fazer ciência é também fazer política, pois a Geografia, como todas as outras formas de aliança entre saber e poder, é um suporte epistemológico de múltiplos interesses” (Silva *et al.*, p. 93, 2013) resultando em diferentes histórias de vida – corporificadas – no e pelo espaço.

A sexualidade é uma categoria social intrínseca a corpos que se expressam e vivenciam as espacialidades geográficas (Fontanha, 2022), sendo uma instância atrelada a construção social de sujeitos. Portanto, o gênero e a sexualidade são elementos centrais na construção da identidade feminina e masculina a partir da perspectiva ocidental. A sexualidade, enquanto fenômeno complexo engloba a divergência e convergência de diferentes teorias considerando o entendimento da heterossexualidade, homossexualidade, lesbianidade e bissexualidade diante diferentes contextos (Barbosa, 2022).

Considerando o caráter identitário no âmbito da sexualidade, Ceccarelli e Andrade (2018, p. 244) apontam que “a sexualidade é sempre uma construção singular e a maneira que o sujeito a experimenta, consciente, mas sobretudo inconsciente, é o resultado de um processo identificatório”. Nesse sentido, entende-se que existem práticas reguladoras de um padrão sexual que inibem o processo de experiência configurando uma normatividade – heterossexualidade – acerca das relações humanas culminando em uma naturalização entre gênero, sexo e desejo como diretamente proporcionais ao modelo patriarcal alimentado pelo heterossexismo.

Sendo, pois, a sexualidade uma construção social da existência do sujeito e vivenciada a partir de marcadores espaciais e temporais, considera-se a modulação estrutural do patriarcado diante do processo de entendimento social enquanto seres sexuados. A contextualização histórica é fundamental para entender a estrutura reguladora de corpos, Neves (2019, p. 2) elucida que “o estudo da sexualidade promoveu um processo de naturalização e catalogação dos comportamentos”, sendo até o século XIX uma categoria de domínio moral e religioso, e, com o advento da modernidade novos mecanismos de controle influenciaram a dinâmica social, entrando em vigor o domínio do campo pelas ciências médicas. No século XX, entre as décadas de 1970 e 1990, a partir dos estudos feministas, a sexualidade começa a ser entendida enquanto

prática libertária ligada ao prazer, enquanto possibilidades para além da norma heterossexista (Neves, 2019).

Com o cristianismo e as bases religiosas do século XIX, o entendimento da sexualidade exige a renúncia de si mesmo, sendo esta ligada apenas à procriação. Com o século XX, sexo e prazer passam a ser entendidos enquanto direito, culminando na sexualidade humana não apenas para procriação (Catonné, 2001), “isto faz com que nossa espécie seja a única a praticar atos sexuais sem que exista um estímulo biológico” (Ceccareli; Andrade, 2018, p. 232). Entretanto, a mudança de século não configura uma superação, pelo contrário, as visões acerca da sexualidade se articulam, culminando em não apenas a Igreja enquanto instituição reguladora de corpos, mas também a estrutura patriarcal, visto que com a consolidação da civilização ocidental se origina a “sexualidade heterossexual monogâmica como a única legítima” (Catonné, 2001). Nesse cenário, o cristianismo moderno ainda se liga ao padrão cristão de séculos passados.

Esse contexto articula a reprodução sexuada a heterossexualidade, configurando a sexualidade enquanto sinônimo da experiência heterossexual, tornando-a predeterminada e naturalizada, sendo, portanto, um padrão social e possibilidade única. Obtém-se, nesse sentido, a heterossexualidade enquanto característica natural do ser humano, padrão esse forjado por estruturas modulantes da sociedade, Igreja, Estado, Capitalismo e Patriarcado. O caráter cultural ocidental, no século XX, patologiza subjetividades não inseridas nos padrões sociais com a ascensão da medicina no controle do corpo humano, envolvendo uma “visão moralista e higienista, e em continuidade com as posições teológicas e jurídicas, o saber psiquiátrico traz para a ordem médica o poder de deliberar as práticas sexuais normas e as desviantes” (Ceccareli; Andrade, 2018, p. 234). Silva (2010, p. 45) advoga que

Ser um homem ou uma mulher não é um fato natural, mas uma representação social. A naturalidade é nada mais do que a tentativa do discurso hegemônico da heterossexualidade em estabelecer uma coerência entre um conjunto de ações compulsórias do discurso que acabam por produzir um corpo categorizado pelo sexo. São os atos, os gestos, as vestimentas, os adereços que constroem e sustentam as identidades de gênero.

Isto posto, longe de ser natural ou normal, a linearidade entre gênero feminino e masculino com a sexualidade heterossexual está associada ao patriarcado moldado pela dominação masculina. Neves (2019, p. 7) aponta que a “sexualidade enquanto artefato socialmente construído constitui, porventura, o primeiro requisito para perceber como, afinal, este campo da vida dos indivíduos dialoga com outros processos da realidade social”, sendo a

prática sexual o vínculo com a representação de si, tendo, pois, a sexualidade enquanto construção do sujeito social.

No âmbito da ciência geográfica, articulando gênero e sexualidade, Bell e Valentine (1995) apontam que o cenário dos anos 1960 e 1970 foram do crescimento da luta acerca das questões de gênero, bem como o papel das classes sociais, entretanto, na ciência geográfica, o estudo das sexualidades foi deixado aquém. Silva (2009), por sua vez, aponta que desde a década de 1970 há questionamentos sobre a ausência feminina na produção de conhecimento, tendo tais estudos aprofundados nas décadas de 1980 e 1990 através da compreensão de categorias sociais interseccionais, como sexualidade, gênero, raça, classe, religião e faixa etária. Nesse sentido, Escouto e Tonini (2021) apontam que a orientação sexual e identidade gênero, compreendendo vivências sexuais distintas da heterossexualidade e expressões identitárias que, não correspondendo ao sexo de nascimento, são termos distorcidos de cientificidade, portanto, faz-se necessário uma “sustentação teórica para tensionar seus silenciamentos e naturalizações” (Escouto; Tonini, 2021, p. 411).

O avanço dos estudos sobre gênero e sexualidade na área das ciências sociais como um todo, são fruto da luta e resistência de movimentos sociais frente ao conservadorismo vivenciado pelo autoritarismo no período de 1960, tendo como marca no Brasil a Ditadura Militar em 1964 perdurando até 1985. O contexto conservador marcou, na década de 70 e 80, uma ascensão por visibilidade e cidadania a partir das mobilizações de resistência à ditadura. Green *et al.* (2018, p. 10) aponta que em 1978 houve um “marco fundamental na redemocratização do Brasil e na história do movimento LGBT” a partir do Movimento Homossexual Brasileiro (MHB) que logo assumiu o nome para Somos - Grupo de Afirmação Homossexual, sendo o Coletivo pioneiro no processo de organização da vivência de pessoas não-heterossexuais e na história do Movimento Homossexual no Brasil.

O cenário diante do autoritarismo político perpassa o comportamento social, visto que para seguir o ordenamento imposto há regulamento do que é permitido com base no ideal militarista. Green *et al.* (2018) advoga que “questões comportamentais tornaram-se objeto da razão do Estado depois do golpe de 1964 e, sobretudo, após 1968. A sexualidade passou a ser, em certa medida, tema pertinente à segurança nacional para os militares” com a marca do Ato Institucional 5, período de maior controle e autoritarismo do golpe militar de 1964, sendo os desejos e afetos homoafetivos “alvo do peso do regime autoritário com a pretensão de sanear moralmente a sociedade e forjar uma nova subjetividade à imagem e semelhança da família nuclear, monogâmica, patriarcal e heterossexual” (Green *et al.*, 2018, p. 10), reforçando, pois,

um modelo único e ideal de ser homem ou mulher e um padrão de família pautada no heterossexismo.

Elucida-se, entretanto, que a vivência homoafetiva se faz presente no Brasil muito antes da organização social em 1978, sendo possível afirmar que

A mera existência pública de corpos e de desejos contrários às normas-padrão de gênero e de sexualidade sempre foi um ato político da maior grandeza. Nesse sentido, seria injusto politicamente e equivocado, do ponto de vista histórico, desconsiderar as diversas iniciativas pregressas de lutas e de resistências da comunidade LGBT (Green et al., 2018, p. 11).

A conjuntura em questão articula os efeitos da repressão do golpe militar de 1964 com a busca por cidadania e respeito da sociedade civil, bem como, de sujeitos homoafetivos que também compõem a multiplicidade identitária presente na organização social brasileira. Entretanto, até aqui diante da história da organização de sujeitos homoafetivos, não foi citada a palavra lésbica. Refletimos, portanto, qual o papel e o lugar da construção identitária e vivência lésbica diante do marco da história do Movimento Homossexual no Brasil. Para entender tal questão, recorre-se a Fernandes (2018) ao apontar que as lésbicas começaram sua organização enquanto grupo a partir da integração ao Grupo Somos em 1979, oito meses após a organização inicial por homens gays.

A junção de lutas foi subdivida ainda em 1979 quando as recém chegadas “perceberam a existência de atitudes machistas e discriminatórias dos companheiros de militância” (Fernandes, 2018, p. 93), perpassando o reconhecimento principal, a negação da identidade lésbica para a termos inadmissíveis para as lesbianas, como “racha” ou “rachada”, além do número de gays ser superior ao número de lésbicas, o que configurava espaços de organização compostos por homens e a presença de mulheres era diluída (Fernandes, 2018).

Esse cenário somado a influência do feminismo em ascensão no mesmo período histórico, fez com que fosse formado um subgrupo no Somos a fim de representar a singularidade das questões de gênero e sexualidade diante de uma perspectiva lésbico-feminista. Assim, foi formado o Grupo Lésbico Feminista (LF) encaminhando no Somos um “grupo de acolhimento e afirmação da identidade só para lésbicas” (Fernandes, 2018, p. 93).

A formação da frente lésbica no Somos, pois, gerou incomodo por parte de integrantes da organização culminando na hostilização da construção da identidade lésbica, acusadas, inclusive, de divisionistas (Fernandes, 2018). As circunstâncias de consolidação do LF foram influenciadas pelo impacto da ditadura, que culminou em um “apagamento de tudo o que poderia ser novo e transformador, assim o que elas tinham era a potencialidade revolucionária

dos discursos sobre os desejos, o prazer sexual e possibilidade de subverter uma realidade imposta, a heterossexualidade compulsória” (Fernandes, 2018, p. 94).

A organização de lésbicas a partir de uma frente organizativa associada a um Movimento Social envolve o reconhecimento de possibilidades contra-normativas, sendo possível compreender possibilidades de expressões afetivo-sexuais para além da heterossexual, além da multiplicidade de características entre diferentes mulheres lésbicas, sendo pois, as integrantes do LF plurais, de diferentes idades, cores, classes sociais, bairros, todavia, “o ponto em comum entre elas era apenas a lesbianidade” (Fernandes, 2018, p. 94). A identidade lésbica é o que não estava representado até então, fazendo necessária a organização lésbica. Tal cenário possibilitou a construção identitária conjunta e plural de mulheres lésbicas, sendo a composição identitária lesbiana, até os dias atuais, resistente a frente a heterossexualidade compulsória e ao falocentrismo impulsionado pelo patriarcado.

O contexto histórico remete a construção da consciência de vivências que não sejam pautadas na lógica heterossexual, sendo, portando, a partir da organização de um grupo enquanto coletivo o pontapé para expansão da compreensão de possibilidades outras de vivenciar a sexualidade humana. Nesse sentido, Swain (2009, p. 25) advoga que “a sociedade que cria os sentidos circulantes enquanto verdades, normas, valores, regras de comportamento, que instaura paradigmas e modelos, que decide o que é a realidade, que define a ordem e desordem, o natural e a aberração, o normal e o patológico”, o que configura, pois, a vivência heterossexual enquanto modelo único de sexualidade, sendo esta, “lôcus de domesticação e de controle social” (Swain, 2009, p. 27).

“Os estudo sobre o gênero durante longo tempo viram a heterossexualidade como uma realidade dada, natural, sem questionamento, ligada ao sexo biológico” (Swain, 2009, p. 30), portanto, enquanto sinônimo de sexualidade. A confusão dos termos envolve justamente a ideia de possibilidade una, de naturalização, afinal, se a sexualidade não for a vivência heterossexual, qual mais poderia ser? – Várias outras, afinal, a sexualidade é múltipla – Esse padrão consolida uma norma social que configura sujeitos formando padrões identitários de gênero, moldando o comportamento de homens e mulheres a partir de modelos. A identidade é criada em torno da sexualidade, seja ela, heterossexual, travesti, gay, lésbica, transsexual e qualquer outra possibilidade de se vivenciar a relação entre gênero e sexualidade, entretanto, a norma social é clara, há um paradigma de referência que molda a identidade, o padrão e o comportamento da sociedade: a heterossexualidade (Swain, 2009).

A integralização entre identidade e heterossexualidade – compulsória – é tamanha que não há questionamento sobre o momento em que se entende heterossexual, pois, a

heterossexualidade está como uma realidade dada, é a construção social-estrutural naturalizada. Ornat (2008, p. 311) aponta que “é com regulações institucionais, práticas culturais e interações cotidianas que o sexo transforma-se em gênero, a partir de construções espaço-temporais específicas”, sendo pois, a heterossexualidade produto social do patriarcado. Não se questiona o que é tido como “natural”, se forma um padrão. Entretanto, fruto da resistência de Movimentos Sociais pautados na lesbianidade, homossexualidade e transexualidade, pode-se questionar.

Esse cenário demonstra que sexualidade e gênero se relacionam, mas não são diretamente proporcionais, visto que um não determina o outro. Logo, a sexualidade não deve ser entendida como sinônimo de heterossexualidade, em vista disto, não deve ser entendida como sinônimo de ser homem ou mulher enquanto possibilidade única de existência, afinal, ser mulher não é exclusivamente semelhante a ser heterossexual. A identidade lésbica, perpassa, também, possibilidades de ser mulher compreendendo que não há um modelo único do ser feminino. Segundo Lessa (2007, p. 119), as mulheres lésbicas “querem que suas experiências enriqueçam os modos de ser mulher”, culminando assim, em múltiplas identidades do ser mulher.

A ideia do ser mulher, frente a perspectiva feminista, é trabalhada por Haraway (1985, 2009), entendendo que identidades são multifacetadas, sendo a posicionalidade fator fundamental de análise, portanto, Haraway (1985, 2009) desenvolve o conceito de identidade situada, entendendo que a construção identitária deve reconhecer experiências situadas, como a localização geográfica e demais intersecções como raça, classe, gênero e orientação sexual. Neste ponto, elucida-se que mesmo a categoria mulher sendo entendida de diferentes formas, ao pensarmos na lógica de poder estrutural patriarcalista, a ideia do ser mulher se vincula ao papel social feminino de mulher-mãe-esposa-heterossexual, sendo a mulher que rompa essa estrutura, é, portanto, entendida como menos-mulher ou como não-mulher.

Entretanto, é nesse ponto que converge a ideia de ser mulher frente a uma perspectiva identitária feminista, entendendo que a mulheridade não é definida de maneira única, ou seja, o patriarcado não deve ditar o que é ser mulher; pelo contrário, mesmo envolvendo uma estrutura de poder social, econômica e cultural, a categoria mulher não se estringe a imposições cisheteropatriarcais. Neste sentido, ao entender que existem identidades múltiplas envolta da ideia do ser mulher, nos atentamos a ser mulher frente a vivência lésbica cis.

Nesse contexto, compreende-se que a identidade engloba o ato de nomear, sendo um processo de construção de visibilidade, constituindo “fontes de significado para os próprios atores, por eles originados e construídos por meio de um processo de identificação” (Castells,

1999, p. 22), assim, a cristalização da identidade considera as dinâmicas envolvidas da estrutura social, da temporalidade e da localização espacial de dado grupo, pois a formação “da identidade sempre ocorre num contexto marcado por relações de poder (Castells, 1999, p. 24).

Articulando, pois, identidade e sociedade, Castells (1999) alerta que o fundamentalismo religioso, presente em toda história da humanidade, é fonte de identidade. Tal afirmação compreende um padrão civilizatório atrelado a família patriarcal, o que mantém um eixo entre religião, identidade e patriarcado. Nesse sentido, a identidade patriarcal, atrelado a ideia de masculino e feminino com base na linearidade entre sexo, gênero e desejo, é reforçada socialmente.

Entretanto, ao pensarmos no contexto dos anos 1970 e 1980 com a ascensão de Movimentos Sociais contra hegemônicos marcados pelo Movimento Feminista e Movimento Homossexual, Castells (1999, p. 40) aponta que “os inimigos mais ansiosos e ameaçadores são as feministas e os homossexuais, pois são eles que abalam a instituição familiar, fonte primeira da estabilidade social, da vida cristã e da realização pessoal”. O feminismo, pois, causou impactos profundos na estrutura social indagando a estrutura ideal de família patriarcal com o questionamento da heterossexualidade enquanto norma. O feminismo, portanto, trouxe possibilidades.

Entretanto, cabe ressaltar que o contexto social heteronormativo envolve uma linearidade na imposição social do ser mulher com base na família patriarcal, em que primeiro você não é desejado enquanto um bebê do sexo feminino, afinal, sob a égide patriarcalista bom é ter filho homem. Quando descobrem o sexo, se é menina, o imaginário da vida de um bebê já se configura generificado, tendo, pois, a identidade feminina como marca de controle patriarcal. Brinquedos? Bonecas. Bola? Jamais. Roupas? Vestidos e saias. Igreja? É obrigação. De quem ela gosta? De um rapaz, é claro. Sob o patriarcado, com base na heterossexualidade como padrão normativo, primeiro você é mulher-heterossexual-cristã e depois, se for possível descobrir, você é você. A identidade heterossexual não é construída pelo indivíduo, ela é posta pelo patriarcado. Ser mulher e descobrir possibilidades fora da normativa social no âmbito da sexualidade, envolve um processo de construção da lesbianidade, afinal, com a base heterossexista, se eu não corresponder a identidade heterossexual, o que sobra de mim?

O questionamento, então, envolve a compressão da sociedade e suas relações no espaço. O entendimento da sexualidade na vivência lésbica e a construção da lesbianidade envolve uma reflexão estrutural. É preciso pensar como as ciências e especificamente, como a geografia compreendeu e compreende o espaço geográfico diante da especificidade lésbica. Os lugares são diferentes para lésbicas. Os territórios são conquistados para lésbicas. A

classificação do tamanho de cidades pode variar para lésbicas. A migração pode ser necessária para lésbicas. O deslocamento espacial se faz presente na vida de lésbicas. A orientação sexual é uma variante presente na compreensão de espaço. Pensar o espaço e a sexualidade lésbica, bem como a lesbianidade é um processo paradoxal e também geográfico.

Nesse sentido, Ferreira, Moreira e Lenzi (2018, p. 3) advogam que as Geografias Lésbicas “questionam e desafiam as normatividades particulares que continuam a ser reproduzidas nas investigações de gênero e sexualidades”, configura-se, portanto, que estudar sobre a espacialidade lésbica, bem como as espacialidades LGBTQIA+ é uma forma de resistência à heteronormatividade estrutural, além de ser uma forma de se produzir a ciência geográfica questionando narrativas masculinas, branca e ocidental de se entender o mundo e as relações sociais expressas no espaço. Elucida-se, nesse sentido, que

As geografias lésbicas aqui construídas fornecem uma importante crítica ao patriarcado, ao sexismo e à lesbofobia que não apenas se expressavam no espaço promovendo invisibilidades materiais da vida dessas mulheres, mas também trazem questionamentos sobre a forma com que nossas geografias são feitas de modo a manter a invisibilidade das espacialidades lésbicas (Ferreira; Moreira; Lenzi, 2018, p. 4).

Valentine (1996) aponta que a lesbianidade perpassa uma dupla especificidade, pelo marcador de gênero feminino e pela sexualidade contra hegemônica, consistindo na duplicidade de ser mulher e de ser lésbica. Em complementaridade, recorre-se a Ferreira, Moreira e Lenzi (2018, p. 5-6) ao apontarem que “as interseções entre gênero e sexualidade são centrais para compreender as especificidades das lésbicas sendo mulheres que vivem num contexto social discriminatório”. A lesbianidade se configura como a identidade de resistência frente a heterossexualidade, que “é tomada, portanto, como uma instituição política, um regime de poder a ser desestabilizado pelos corpos, práticas e experiências lésbicas (Brunetto, 2021, p. 37).

Ao tratar sobre a lesbianidade e o contraponto com a heterossexualidade, é fundamental memorar Rich (2010) em que a autora desconstrói a ideia de naturalidade das relações sociais, ou seja, aponta a heterossexualidade como um comportamento social compulsório, longe de ser uma prática sexual natural. Tanto Swain (2010), quanto Butler (1993, 2003) apontam ainda que a heterossexualidade é politicamente imposta diante da base patriarcal, configurando uma política de naturalização de práticas masculinas e femininas pautado na linearidade entre gênero, sexo e desejo (Butler, 1993, 2003).

A heterossexualidade compulsória é, assim, uma instituição política com todas as variáveis que isso implica, na importância social, na estrutura de empregos, na divisão do trabalho e sua remuneração, no sistema produtivo em geral, nas esferas administrativas das empresas públicas e privadas, no governo e nas relações sociais de modo geral, em que o masculino é mais valorizados do que o feminino. Assim, relegando as mulheres a um destino biológico de “matriz” a ser fecundada, os homens reservam para si o papel de agente da sexualidade e da reprodução, relação perpetuada na heterossexualidade compulsória (Swain, 2010, p. 48).

A heterossexualidade se articula com a própria sexualidade, fundando-as enquanto universal, sendo a naturalização da reprodução de um comportamento o caráter compulsório, onde não há distinção entre o que o sujeito é – passível de transformação ao longo da história de vida – e como o sujeito pode ser – consciente de si e dissociado do papel sexual esperado. No âmbito dos estudos pautados nas Geografias das Sexualidades, entende-se que existem diferenças na compreensão das homossexualidades, pois são identificadas diferenças de gênero na relação com o espaço. Ou seja, a sexualidade gay é espacialmente diferente das especificidades da compreensão da sexualidade lésbica (Valentine, 1996). Nesse mesmo sentido, considerando a relação entre gênero e sexualidade, Bell e Valentine (1995) apontam que há uma hegemonia ao se compreender relações sociais sexuadas no espaço, pois a vivência espacial a partir da relação entre espaço e sexualidade são marcadas pela heterossexualidade, configurando, pois, práticas disciplinares que moldam o acesso ao espaço.

Esse cenário remete-nos ao entendimento de que o espaço é sexuado e marcado por dinâmicas sexistas patriarcais (Valentine, 1996), sendo importante frisar que, apesar das relações espaciais serem constituídas pelas marcas da heterossexualidade, o espaço não é formado exclusivamente pela dinâmica heterossexual. A vivência lésbica é uma constituição de vida espacial. A produção da espacialidade de um grupo se vincula à identidade do sujeito, pois, segundo Valentine (1996, p. 146), “a sexualidade permeia nossos corpos quase apesar de nós mesmos”.

O vínculo entre identidade e sexualidade é uma forma de constituição do sujeito social, Swain (1999) aponta que dar nome a uma sexualidade é uma forma de criação de identidade material, seja ela “heterossexual, gay, lesbiana, travesti, transsexual, etc. Mas a norma, o paradigma de referência é sempre a heterossexualidade” (Swain, 2009, p. 28). A relação entre identidade e sexualidade, perpassa, pois, a espacialidade, sendo a Geografia a ciência fundamental para compreensão da relação entre lesbianidade e vivência espacial cotidiana.

Parte-se da compreensão de espaço a partir de Massey (2008) ao compreendê-lo não como algo fixo, dado, dotado de neutralidade, mas sim considerando sua relação com o tempo, sendo, portanto, mutável e estruturante, bem como, a relação entre espaço e lugar, em que a combinação de elementos compõe a multiplicidade espacial em que vivemos e por sua vez,

permite a construção identitária. Esse cenário nos remete a discussão acerca da relação entre espaço e sexualidades a partir de Silva e Omat (2010, p. 84) ao apontarem que “as cidades se converteram em fértil campo de investigações feministas, justamente porque nessa escala espacial era possível compreender vários elementos simultâneos, como os aspectos sociais, econômicos e culturais que compõem a vida a partir de relações de gênero”.

As espacialidades lésbicas tencionam a estrutura heterossexual, que por sua vez, está inscrita no espaço, até então tida como verdade una de possibilidade sexual. A heterossexualidade é, portanto, produto social do patriarcado, estando intimamente ligado ao machismo e ao falocentrismo, produzindo uma lógica social que consuma na imposição do amor galgado por padrões heterocisnormativos. A lésbica, no entanto, se configura como a maior forma de resistência ao patriarcado, pois além de negar a heterossexualidade, nega o falo.

Frente a esse cenário, a vivência espacial cotidiana é uma realidade da mulher lésbica, culminando em uma relação íntima entre vivência espacial e vivência lésbica. Apesar de a Geografia Brasileira ainda pouco refletir sobre a lésbica e a produção de espacialidades lésbicas, faz-se fundamental elucidar trajetórias dissertam sobre sexualidade na ciência geográfica. Parte-se, portanto de Valentine (1996) ao apontar que o espaço não é assexuado e que, inclusive, é controlado pela dinâmica heterossexual.

A partir da compreensão de marcadores sexuados no espaço, Valentine (1996) aponta ainda que a heterossexualização do espaço é uma estrutura reforçada dia a dia pelo comportamento de homens e mulheres inseridos na lógica heterossexista culminando em uma configuração normalizada da vivência espacial. Portanto, se desenvolve a constituição da heterossexualidade enquanto uma instância pública e homoafetividade se mantém na esfera privada, controlando-se quais corpos podem ser vistos e quais expressões identitárias podem vivenciar o espaço. Nessa perspectiva, a identidade é uma questão espacial, se produz e se reproduz inserida na produção de espacialidades, sendo fundamental reforçar que o espaço não é uniforme e singular, é composto por múltiplas identidades (Valentine, 1996).

Percebe-se um paradoxo imbricado no espaço. Ora, ao passo que é possível compreender a multiplicidade identitária espacial, há uma marca heterossexista que molda as relações espaciais. Nesse ponto mora o desconforto com o espaço de sujeitos com sexualidades dissidentes. Tal desconforto pode ser tamanho que a mobilidade espacial e a migração são saídas buscadas por lésbicas a fim de vivenciar quem se é e não apenas reproduzir uma lógica que é pensada para corpos de mulheres. Browne (2008), nessa lógica, adiciona a compreensão das

Geografias Lésbicas que a sexualidade está no cotidiano, sendo corpos, identidades e espaços fundamentais na produção das sexualidades na geografia.

Nesse ínterim, Browne (2008) aponta ainda que a produção do espaço sob a lógica patriarcal heterossexista produz políticas de exclusão e invisibilidade as lésbicas, promovendo o sentimento de vergonha da identidade lesbiana, fazendo com que não se sintam pertencentes à vida cotidiana de determinados lugares, gerando uma tensão no espaço culminando, pois, na mobilidade em busca de não vivenciar a lesbofobia. Esse cenário nos reforça que a heterossexualidade é pouco questionada, o que corrobora a ideia universal de uma linearidade entre sexualidade e gênero, que por vez, estruturam as relações espaciais.

Sob a ótica geográfica, faz-se fundamental elucidar que “as mulheres há muito são subordinadas em geografias ‘feitas pelo homem’” (Browne, 2008, p. 14). A autora aponta ainda que a compreensão das Geografias Lésbicas perpassa o entendimento das Geografias Feministas, entretanto, denuncia que além do silenciamento da epistemologia das sexualidades na geografia, há uma discrepância entre homens e mulheres na composição da ciência. Apesar disso, faz-se fundamental demonstrar o movimento de mudança no campo, tal fato pode ser evidenciado pelas produções da Revista LesOnline publicada a partir de 2009 – descontinuada em 2016 –, contudo, tem-se com a LesOnline a promoção da visibilidade lésbica na comunidade científica considerando perspectivas interseccionais de diferentes dimensões sociais.

Esse ponto é fundamental para compreender as Geografias Lésbicas, pois, existem três pontos de estudo sobre lesbianidade: lésbicas desenvolvendo Geografias Lésbicas, lésbicas desenvolvendo variadas faces da Geografia e pessoas que não vivenciam a sexualidade lésbica pensando sobre Geografias Lésbicas, configurando, nesse sentido, a pesquisa de forma posicional (Browne, 2008). Reforço que escrevo, analiso e tenho minha vivência a partir de uma mulher lésbica, branca, nascida e criada em uma cidade no interior do Rio de Janeiro.

Neste sentido, pense-se a lesbianidade imbricada na relação espacial, pois, a partir de Ferreira (2013) entende-se que o espaço é fundamental na (re)produção de identidades sociais. Dito isto, a constituição espacial hegemônica pautada na figura do homem, branco e heterossexual culmina em uma dinâmica heterossexista de autorregulação de corpos lésbicos gerando sensação de desconforto ou não pertencimento, que por vezes, geram deslocamentos cotidianos em detrimento da identidade lésbica (Ferreira, 2013).

A vivência lésbica, é, pois, marcada por espacialidades. A constituição da identidade lesbiana perpassa as relações cotidianas no espaço, se envolve com deslocamentos espaciais e fluxos migratórios. Nessa perspectiva, Rodó-de-Zárate (2016), aponta que a lesbianidade é limitada a depender de onde se está, sendo o direito a ser lésbica, bem como a troca de afeto

entre mulheres, uma prática limitada diante do contexto espacial, configurando que as marcas do heterossexismo no espaço limitam o acesso a expressão da diversidade sexual na lógica da produção do espaço urbano.

Compreender, portanto, que no contexto de consolidação dos estudos acerca das sexualidades na geografia, as dinâmicas espaciais se configuram enquanto fator fundamental para compreensão da constituição da identidade lésbica é imprescindível para a próxima sessão, uma vez que, a mobilidade entre cidades, a partir da migração de contextos urbanos de diferentes portes perpassa a possibilidade de vivenciar a lesbianidade, configurando, portanto, uma relação paradoxal espacial entre vivenciar ou limitar a lesbianidade a partir da produção do espaço.

3.2 ESPAÇO, MOVIMENTO E SEXUALIDADES

O pensamento acerca das espacialidades é fundamental para compreender as vivências sociais. As relações espaciais, no caso da articulação entre gênero e sexualidade – mulheres lésbicas –, são marcadas por acontecimentos. Santos (1996, p. 164) aponta que “o acontecimento é a cristalização de um momento da totalidade em processo de totalização”, sendo, pois, a migração o ato da mobilidade espacial um evento composto por processos. No estudo migratório é importante considerar a sucessão de eventos a partir da configuração espacial e temporal.

Vasconcelos (2013) aponta que as estruturas espaciais se divergem diante de contextos espaciais em função da especificidade de fatores, alertando, pois, que, “não há espaços homogêneos, sobretudo na escala das cidades” (Vasconcelos, 2013, p. 18), sendo a dinâmica socioespacial resultante de processos distintos. Pensar a cidade, portanto, envolve considerar a dinâmica estrutural imbricada nas espacialidades produzidas em cada lugar. Esse cenário nos faz entender a sociedade enquanto um conjunto complexo de redes de ações e relações (Vasconcelos, 2011). O estudo migratório, portanto, perpassa considerar a complexidade social e espacial dos lugares para se entender o fenômeno migratório de forma completa e não como um fator isolado.

A Geografia brasileira, tradicionalmente, parte de pressupostos econômicos para compreender o fenômeno migratório, uma vez que a tendência migratória perpassa a busca por melhores condições de vida atrelada a ideia de oportunidades de emprego, estudos, segurança e demais possibilidades de ascensão social. Entretanto, a fim de integrar as múltiplas relações espaciais é importante analisar o contexto de inserção dos migrantes para entendermos as

características do grupo em questão, culminando na possibilidade de investigar as particularidades dos sujeitos migrantes e não restringir a entendê-los enquanto um grupo homogêneo baseado em fatores gerais macroestruturais. Nesse sentido, faz-se necessário pensar a identidade como vetor de movimento no e pelo espaço.

Segundo Teixeira (2015, p. 25) “os estudos migratórios partem de pressupostos heterossexistas e genéricos: os migrantes são tratados como uma massa universal de sujeitos heterossexualizados e sem distinção de gênero, que migram apenas por questões econômicas”, o que exclui a contextualização envolta do lugar de origem, como por exemplo, a formação territorial pautada pela manutenção do machismo sob influência do patriarcado ao pensarmos em cidades menores diante de cidades maiores. Binnie (1995) aponta que sujeitos LGBTQIA+ migram em detrimento do regime da cidade considerando o estilo de vida mais liberal – entende-se, também, como menos conservador –. Em complementariedade, Vieira (2011) elucida que há inter-relações entre sexualidade e espaço urbano, sendo a cidade “o lugar para a materialização da identidade sexual, comunidade e política (Bell; Binnie, 2000, p. 25).

Pensar a cidade, portanto, envolver entender as relações imbricadas no espaço, sendo este político, ideológico, dotado de relações de poder estruturantes imbricadas práticas espaciais de uso, percepção e apropriação a partir da ação das pessoas (Silva; Ornat; Chimin Junior, 2019). Diante dessa influência, entendemos que o espaço da cidade é o espaço da realidade, das possibilidades de vivências sociais, é o cotidiano, é o local de conflitos e contradições da vida humana (Carlos, 2020).

Essa ótica nos remete a articular cidade e sexualidade, ora, sendo a cidade o espaço da vivência, esta é também, o espaço da expressão da sexualidade – seja ela qual for. Vieira (2011) aponta que o espaço urbano é um fator de desenvolvimento das sociedades contemporâneas, sendo produtor de gênero e sexualidade, que por sua vez, também produzem o espaço. Tal contexto dialoga com Saffioti (2015) ao apontar que o patriarcado atravessa todas as instituições sociais, sendo o espaço da cidade também influenciado pela dinâmica patriarcal reguladora de corpos e práticas. O sujeito, enquanto agente social, produtor e reproduções do espaço, bem como das dinâmicas espaciais, não é um sujeito homogêneo, logo, não um é modelo prático de vida inato a sociedade, entende-se sexo e gênero como categorias em unidade, pois não há sexualidade biológica extra contexto social, pelo contrário, a sexualidade é exercida socialmente.

Considerando a ação do sujeito, Santos (1996) aponta que ao entendermos ações no espaço, o sujeito é figura fundamental, pois não há evento social sem agente. Nesse sentido, ao pensarmos na ideia da migração a partir de cidades menores para cidades maiores, pensamos a

dinâmica socioespacial do local de origem e do local de destino, visto que, ao considerar sexualidade como fator propulsor da migração, faz-se necessário entender os processos de totalização envolvidos na saída até a cristalização do acontecimento, concretizando o ato de migrar-se.

A organização espacial de uma cidade envolve a “sociedade, com suas contradições, pulsões, desejos, conflitos – em síntese, paixões; porém necessariamente contextualizadas no tempo e no espaço” (Castro, 1997, p. 158). Nesse sentido, Vasconcelos (2011, p. 18) aponta que “não há espaços homogêneos, sobretudo na escala das cidades”, sendo a dinâmica socioespacial resultante de processos distintos – a exemplo da colonização e as consequentes desigualdades sociais. O desenvolvimento das cidades, pois, ocorre de formas diversas, culminando em ações modeladoras dos sujeitos e do espaço. As marcas sociais de orientação sexual e identidade de gênero dissidentes confirmam a heterogeneidade no e do espaço mesmo diante dos efeitos do patriarcado sob a formação territorial de cidades.

Nessa perspectiva, busca-se pensar os deslocamentos geográficos a partir da motivação por sexualidade e identidade de gênero, em que Andrade (2015) alerta que, no campo teórico, são recentes, sendo a partir dos anos 2000 o início das discussões sobre migração em detrimento de tais motivações. O autor elucida ainda que, nessa vertente, faz-se necessário uma distinção entre imaginação e identidade, pois o aspecto imaginário do local de destino frente ao estilo de vida em centros urbanos proporciona um imaginário de liberdade, “há uma associação, portanto, entre o imaginário acerca do local para onde se migra, a orientação sexual e a possibilidade de recriar sua própria identidade” (Andrade, 2015, p. 31).

Essa ótica nos remete a Silva (2009, p. 65) ao alertar que “é fundamental que a realidade socioespacial feminina seja contemplada como objeto de estudo na geografia brasileira”, pois, atualmente mesmo havendo consolidação de estudos e publicações de artigos científicos e livros sobre lesbianidade e geografia, conforme observado no levantamento de dados por meio do Catálogo de Teses e Dissertações, não há produções científicas entre Teses e Dissertações no Brasil que abarque o campo da mobilidade humana, deslocamento espacial e migração considerando a sexualidade lésbica. Faz-se necessário elucidar que tal fato é comprovado a partir das produções na Pós-Graduação Brasileira como visto na explicação acerca da produção teórica sobre lesbianidades na ciência geográfica no item 1.2 deste trabalho.

Tal questão nos remete a Teixeira (2015) ao apontar que os estudos migratórios consideram os sujeitos enquanto massa homogênea determinando que as especificidades do sujeito não influenciam na dinâmica migratório. Nesse sentido, Rose (1993) advoga que o espaço é multidimensional e também paradoxal, configurando, portanto, a simultaneidade de

fatores específicos dos atores da migração, em que ao mesmo tempo, há centralidade e marginalidade, pois, ao migrar, mesmo o deslocamento sendo para um grande centro urbano, faz-se necessário entender qual o sujeito foi o para o centro, pois o mesmo sujeito pode ser a margem.

Digo, por exemplo, uma mulher lésbica migrante de uma cidade pequena do interior do Paraná ao migrar para a capital Curitiba, apesar de se situar em um centro econômico e estar inserida em uma dinâmica espacial mais progressista a diversidade sexual que a possibilite vivenciar plenamente a lesbianidade, não está ilesa de ser questionada sobre a figura masculina em que supostamente se relaciona, e por segurança, pode retornar ao armário, invisibilizando, assim, a vivência lésbica. Esse cenário demonstra a simultaneidade identitária da composição paradoxal do espaço e do armário. Ao pensarmos em identidade e espaço paradoxal, faz-se fundamental considerar o conceito de interseccionalidade.

A ideia de interseccionalidade se fundamenta entre a década de 80 e 90 enquanto compreensão de inter-relações na vivência de mulheres negras (Collins; Bilge, 2021). As autoras apontam ainda que a heteronormatividade está intimamente ligada a práticas disciplinares que moldam individualidades, influenciando, portanto, a identidade, masculinidade e feminilidade. Entende-se que “a intersecção entre identidade e experiências é reflexo dos jogos de poder que acontecem nos domínios estruturais, culturais, disciplinares e interpessoais do poder” (Collins; Bilge, 2021, p. 30).

Espaço e identidade se interconectam, pois ao pensarmos em espacialidades se faz fundamental entender o sujeito identitário que integra a vivência espacial. Collins e Bilge (2021) apontam que a interseccionalidade possibilita uma estrutura de compreensão entre categorias que compõem a identidade, como por exemplo, marcadores sociais de racialidade, gênero, sexualidade, idade e classe. Rodó-de-Zárate (2021) aponta que a interseccionalidade é um processo de compreensão social complexo pois não basta utilizar a palavra, pelo contrário, a interseccionalidade é uma forma de pensar sobre diferenças, semelhanças e poder. Os contextos envolta de uma identidade são elementos que constituem o sujeito. Ao pensarmos em uma mulher, pensamos em cor de pele, em idade, em sexualidade. O corpo possui eixos de compreensão que a inserção ou a discriminação. Ornat (2009), portanto, nos apresenta que as espacialidades vivenciadas constituem uma rede de relações socioespaciais. Nesse sentido, pensar o movimento migratório é indissociável de pensar as composições identitárias dos sujeitos que compõem as vivências espaciais.

A interseccionalidade é uma ferramenta analítica em constante processo de construção, assim como a identidade, que não é inata ao sujeito, mas fruto de um processo de construção

de si. Collins e Bilge (2021, p. 187) alertam que “a identidade foi uma dimensão importante para o surgimento da interseccionalidade como forma de investigação e práxis críticas”, possibilitando o entendimento da individualidade identitária do que se tem para o que se constrói, pois, a partir dessa ótica, entende-se “que as identidades individuais se aplicam diferentemente de um contexto para outro”, configurando portanto, uma indissociabilidade entre intersecção e identidade ao buscar compreender sujeitos e comportamentos sociais diante de uma perspectiva feminista, isto porque acredita-se que há uma relação entre estrutura social e construção de indivíduos.

Gênero, raça e classe são fundamentais em estudos interseccionais, entretanto, a interseccionalidade amplia o debate. A geógrafa Rodó-de-Zárate (2021) nos alerta que inclui estilo de vida, cultura, local de origem, religião, geração e demais marcadores sociais. Ao pensarmos em gênero e sexualidades deve-se considerar que existem regulações sexuais fundamentadas no sistema cisheteropatriarcal que classificam corporeidades. Portanto, investigar a categoria mulher, a partir da perspectiva interseccional, envolve considerar a sexualidade, bem como a origem, racialização, diversidade cultural e religiosa (Rodó-Zárate, 2021).

Nessa ótica, pensa-se de maneira conjunta identidade, espaço, sexualidade e movimento. Afinal, Massey (2008) aponta que o fato que importa é compreender as relações que ocorrem espacialmente e não o espaço em si. Em outras palavras, na análise em questão, o fato que importa é considerar as composições identitárias que compõe a mulher cis lésbica migrante. Gênero, sexualidade, idade, classe social, racialidade, local de origem e destino, compreendendo o contexto migratório e os impactos das intersecções no deslocamento espacial.

Portanto, movimento, cidade e vivências se interligam, formando possibilidades de compreender as dinâmicas espaciais geográficas. Faz-se fundamental elucidar, nesse ponto, que “a cidade é erguida com concreto e pensamentos, ideias e blocos. Impossível seria pensar uma cidade de modo asséptico, ou acrítico, sem levar em conta que o espaço em que pessoas vivem é constantemente permeado pelos valores que vigem nestes espaços” (Carvalho; Santiago, 2019, p. 158).

Nessa ótica, retomamos o questionamento da produção sobre espacialidades dissidentes, com base em Silva (2009, p. 58) entende-se que “compreender ausências, silêncios e invisibilidades do discurso científico é reconhecer que tais características não são fruto de acasos, mas de uma determinada forma de conceber e fazer geografia”, portanto, o conhecimento, independente da área científica advém de relações de poder sendo posicionado e situacional em detrimento da hegemonia heterossexual, branca e masculina de se produzir

ciência no Brasil. Nesse sentido, cabe a Geografia, enquanto ciência com foco analítico em relações espaciais, compreender que “a humanidade não é uniforme e que a diferença entre homens e mulheres é uma das principais categorias de análise” (Silva, 2009, p. 60), sendo fundamental articular gênero as relações espaciais, além de, sexualidade enquanto característica social de sujeitos espaciais.

Pensar o espaço urbano, pois, a partir de Vasconcelos (2011), engloba considerar a fragmentação da cidade a partir de territórios diferentes, culminando em efeitos de exclusão ou inclusão, perpassando a ideia de bem-estar social. Nessa ótica, entende-se a cidade como um conjunto complexo de redes de ações e relações diante da ação de agentes modeladores do espaço, pois a existência de agentes atua como propulsores de um padrão social, o que envolve a vivência de uma cidade menor de uma forma e em uma cidade maior de outra, sendo, pois, o processo migratório a busca por bem estar social.

Em complementaridade, Teixeira (2015, p. 36) alerta que “a migração desde um nível subjetivo e pessoal até o deslocamento para outra cidade, seria elementar na construção das subjetividades daqueles que desejam e amam corpos do mesmo sexo: o homossexual seria um migrante nato”. Tal consideração converge com o encontro primeiro da identidade homossexual, consigo mesmo, diante da estrutura heterossexual, em que, metaforicamente, há o primeiro deslocamento de si ao “sair do armário”, sendo, pois, a cidade, o centro urbano, o refúgio, enquanto a possibilidade de expressar a lesbianidade, bem como homossexualidade, materializando assim a possibilidade de vivenciar plenamente uma sexualidade dissidente ao migrar de uma cidade menor para uma cidade maior.

Acrescenta-se a tal análise as proposições de Marandola Junior e Dal Gallo (2010) (2019) de que as práticas migratórias se relacionam com a dinâmica territorial, perpassando vivência e uso do novo território a partir da ideia de mover-se. Nesse processo, a territorialidade do migrante se consolida com as apropriações do uso do espaço e do território. Pensar o território e o sujeito a partir da perspectiva e ação migratória converge com a abordagem de Sayad (1998) ao entender o sujeito como elemento central do estudo migratório, visto que, pensar a migração é pensar a sociedade como um todo (Sayad, 1998). Nesse ponto, reforça-se a ressalva de Silva (2009) ao apontar ser fundamental compreender as especificidades de gênero e sexualidade nas ciências que pensam a sociedade.

Ao considerar o território enquanto parte do processo do sujeito migrante, recorre-se a Haesbaert (2011) que considera o território do migrante como territórios-rede, considerando, pois, a relação envolta no processo migratório. Pensa-se, nesse sentido, a formação de territorialidades lésbicas, por exemplo, em espaços de um determinado local de destino, o que

tende a impulsionar a atração migratória, além de que, as próprias relações que começam a ser construídas em um dado espaço-território, facilita a chegada de novos migrantes a partir da rede já existente no novo local, a exemplo de indicações de empregos, bairros para moradia e espaços de segurança. Outro ponto a ser considerado perpassa o caráter econômico da migração para além da perspectiva macroeconômica, pois, pensar os fatores econômicos e políticos são indissociáveis de pensar as perspectivas culturais e sociais (Marandola Junior; Dal Gallo, 2010).

Nesse sentido, a busca por melhores condições de vida perpassa um ponto fundamental do sujeito migrante, seja por motivação principal a busca por um melhor emprego ou a necessidade de poder ser quem se é considerando a dignidade humana e o respeito. Diante do exposto, pautado em Vasconcelos (2011) entende-se, então, migrantes como agentes sociais que influenciam processos socioespaciais urbanos. Ribeiro (2021, p. 109) elucida que “o natural para o ser humano é se deslocar em busca de melhores condições de vida” e é diante desse contexto que a mescla entre os fluxos migratórios possibilita a diversidade cultural e histórica das cidades, produzindo, pois, novos processos a partir do contexto migratório.

Nesse contexto, pensando processos sociais e mobilidade a partir do contexto do sujeito migrante, Vieira (2011, p. 48) aponta que “a mobilidade ocupa um lugar central nos processos de “*coming out*”¹⁷”, devendo ser, por isso, fundamental a sua presença na investigação sobre vivências lésbicas e gays”, trazendo para a análise os apontamentos de Sedgwick (2004) ao tratar sobre a Epistemologia do Armário, entendendo que

Simbolicamente, o armário é o centro das vivências lésbicas e gays nos tempos da modernidade sendo que o processo de ‘saída do armário’ configura-se assim como o centro e o vórtice, um primeiro processo de mobilidade metafórica, mas com uma expressão especificamente espacializada (Vieira, 2011, p. 48).

A migração diante do jogo paradoxal de entrar e sair do armário – metaforicamente – implica no mover-se do sujeito e pensar o processo migratório, perpassa, por sua vez, considerar a dinâmica espacial da migração considerando o local de origem e o local de destino, valendo-se pensar, também, as características desses lugares. Elucida-se, nesse caso, que os fatores envolvidos na sexualidade como propulsão da migração, perpassa entender a base histórica da formação espacial das cidades de destino e origem, além de compreender as implicações da constituição social no sujeito, considerando os espaços de sociabilidade, o desenvolvimento interpessoal no dia a dia e as condições dignas de vida de sujeitos dissidentes do padrão heterossexual.

¹⁷ Tradução literal: ‘saindo’, tal expressão representa a ideia de saída, deslocar-se.

Nesse sentido, Vieira (2011, p. 52) aponta que para lésbicas e gays há uma ideia de “fascínio pela ideia de liberdade como elemento fundamental” no processo de deslocamento entre o local de origem e o local de destino. Sendo assim, alerta que “a mobilidade é, pois, uma das fortes metáforas e alegorias imbricadas no debate introduzido pela teoria *queer*, sendo um elemento fundamental da análise contemporânea das sexualidades” (Vieira, 2011, p. 57).

Pensar na migração e na sexualidade, então, perpassa considerar que a migração envolve diversos fatores, econômicos, sociais, culturais, estruturas, políticos, e entre eles, a sexualidade. Afinal, como apontado por Parker (2002, p. 247) “é inegável que a sexualidade, e talvez a homossexualidade em particular, seja um fator dentro da equação migratória num grau bem maior do que tem sido frequentemente percebido”, destacando, pois que pensar a orientação sexual perpassa compreender uma face do estudo da mobilidade humana.

Articula-se, portanto, migração e sexualidade, sendo o migrar-se entendido enquanto possibilidade de manter ou de romper com o sigilo do armário. O deslocamento espacial possibilitado pela dinâmica espacial urbana, se relaciona, portanto, com o poder e a negação da vivência da não-heterossexualidade. O ato de deslocar-se, no contexto lésbico, envolve a compreensão ou a redefinição de si, pois ao passo que existem espaços permitidos diante da possibilidade de um novo contexto, se configuram espaços negados no local de origem, o que molda a cristalização da identidade lésbica a partir dos locais de vivência.

Sendo fundamental entender que

A delimitação das cidades pequenas deve ir além de dados quantitativos – como os demográficos, de desenvolvimento econômico e social, entre outros –, devendo, sobretudo, considerar também os aspectos qualitativos, como por exemplo, sobre suas características, seus cotidianos, suas funções e suas formas (Moreira Junior, 2013, p. 29).

Esse contexto nos alerta para pensarmos a relação entre a cidade de origem com a dinâmica familiar galgada pelos costumes patriarcais e sua relação em como se apresenta a expressão da sexualidade a partir do contexto espacial em que se está inserido, o que envolve um alerta para o processo migratório entre sujeitos homoafetivos considerando que a realidade urbana muda conforme a construção social do espaço. Teixeira (2015, p. 35) aponta que

Ainda que não seja possível medir com precisão de que formas a orientação sexual estaria implicada nas correntes migratórias no Brasil, um fato torna-se observável: o deslocamento _físico e subjetivo_ seria o cimento que agregaria diversos fatores que agem na construção identitária homossexual. Desde a metáfora espacial de “sair do armário” (ao revelar-se a homossexualidade), passando por uma provável expulsão do lar pela família, até a migração para outra cidade, o deslocamento se faz presente nas narrativas de vida dos homossexuais.

Tal cenário nos leva a busca de entender como a lesbianidade perpassa o deslocamento, envolvendo a saída do armário bem como a dinâmica espacial, a partir da migração. O desenvolvimento da vivência lésbica envolve um paradoxo espacial e metafórico compreendendo as “práticas sociais dos indivíduos em sua relação ao espaço, tanto físico, quanto social” Leite, Zanetti e Toniolo (2021). As controversas espaciais se apresentam conforme a característica da cidade a partir da vivência homoafetiva, pois o paradoxo espacial nos demonstra que o deslocamento – físico e subjetivo – acompanha a promoção à diversidade ou a exclusão, envolvendo a retração e controle de si, entendido como o retorno ao armário, mesmo que temporário, como forma de se esconder ou de se proteger conforme a dinâmica espacial em questão.

A relação, portanto, entre migração e dinâmicas espaciais no âmbito das Geografias Lésbicas se faz de suma importância para entender o deslocamento além de simbólico, mas físico que a divergência da normatividade heterossexista pode provocar. Binnie e Bell (2004) apontam, inclusive que, a construção da subjetividade lésbica e homoafetiva se relaciona com a atração a centros urbanos – elucida-se, nesse ponto, na realidade brasileira, cidades de referência regional em relação a cidades menores – pois historicamente a cidade é um elemento atrativo da composição de vida LGBTQIA+.

A partir de Vieira (2011) podemos pensar a cidade como espaço de pertencimento, liberdade, encontro e visibilidade. A ideia de movimento se relaciona com a espacialidade possível. Há espaços possíveis de vivenciar a sexualidade lésbica, assim como existem espaços hostis. A busca por lugares de acolhimento, encontro e maior interação social com seus pares é uma característica presente (Vieira, 2011) na vivência lésbica. Cidades pequenas são, muitas vezes, restritas na constituição de diferentes comunidades que não sejam o padrão, o que culmina na inexistência de espaços de encontro lesbocentrados, dificultando o acesso a outras mulheres lésbicas e o conhecimento sobre a lesbianidade.

Nesse ínterim, a ideia de migração entre cidades e o deslocamento urbano não contempla só a busca pela liberdade, mas também pela sobrevivência diante da negação da não heterossexualidade em dados contextos espaciais, seja pela estrutura cisheteropatriarcal reguladora de formas e comportamentos espaciais, ou pela dinâmica familiar heterocentrada que molda e espera comportamentos lineares a expectativa patriarcal. A migração, portanto, para pessoas LGBTQIA+ conversa com o entendimento da subjetividade e identidade pessoal. O anonimato de uma nova cidade é compreendido como alívio, pois a cidade pequena – cidade

de origem – envolve o “peso da vigilância familiar, a pressão social da vizinhança” (Andrade, 2015), contexto esse que reforça o ciclo entre possibilidade de (sobre)vivência e deslocamento.

Diante do exposto, entende-se que as experiências lésbicas são intimamente relacionadas ao espaço. Afinal, a existência social culmina em relações que acontecem espacialmente e temporalmente, portanto, compreender as estruturas que permeiam as identidades lésbicas é o ponto de investigação para se aprofundar na relação entre espaço, movimento e sexualidade. Frente a esse contexto é que se busca entender como os processos de deslocamentos espaciais implicam na vivência lésbica como possibilidade de romper com a normativa estrutural vigente, sendo aprofundada a relação entre vivência lesbiana e espacialidade corporificada um caminho para compreensão dos elementos constitutivos nas vivências lesbianas frente ao deslocamento entre cidades de diferentes portes.

3.3 VIVÊNCIA DA MULHER CIS LÉSBICA, SEXUALIDADE E ESPACIALIDADE CORPORIFICADA

O patriarcado é o ponto de partida da discussão para compreensão da desigualdade e opressão de gênero na sociedade Ocidental (Saffioti, 2015), portanto, articular sobre a articulação binária de gênero pautada na mulher cis, envolve considerar os efeitos patriarcais no corpo feminino. O século XXI, mesmo com os avanços frente a disparidade de gênero fruto da luta feminista, está distante de ter a ruptura com a estrutura social patriarcal. A lógica da sociedade pautada no patriarcado está intimamente relacionada à intersecção da desigualdade entre gênero-raça-classe-sexualidade-performance-espacialidade atrelada a lógica de poder, Saffioti (2015, p. 33) aponta que “o poder é macho, branco e, de preferência, heterossexual”, sendo, portanto, o patriarcado um atravessador da sociedade, distante de ser uma categoria a-histórica. Entende-se, portanto, o patriarcado como uma categoria estrutural de dominação masculina em detrimento do controle social, incluindo, o feminino e a sexualidade.

Tem-se, portanto, uma relação íntima entre patriarcado, capitalismo e heterossexualidade, sendo a interação entre estas categorias a engrenagem que mantém o funcionamento uma da outra. O poder masculino contribui para desigualdade sexual de gênero inviabilizando mulheres e reforçando a heterossexualidade, sendo esta, compulsória, e, “uma instituição política que retira o poder das mulheres” (Rich, 2010). Sob a égide patriarcal, as mulheres são propriedades masculinas, seja emocional ou sexual, sendo, a autonomia e igualdade feminina ameaças a família tradicional, religião e ao Estado (Rich, 2010).

Nessa lógica, o poder masculino controla o corpo feminino, sendo possível encontrar em Rich (2010) oito formas da submissão feminina em detrimento do poder masculino, sendo:

- 1) a negação da sexualidade: punição em caso de adultério, morte em detrimento da sexualidade lésbica, restrição do ato de masturbar-se;
- 2) força em relação à sexualidade masculina: estupro, incesto entre irmão e irmã, idealização de romance e dignidade da mulher pautada no casamento heterossexual;
- 3) exploração e controle: não direito ao aborto, necessidade de aprovação do marido para cirurgia de ligamento de trompas, criação de armadilhas no ambiente de trabalho, manipulação da maternidade;
- 4) controle sobre os filhos ou ato de decidir ter filhos: apreensão de filhos em caso de mães lésbicas ou bissexuais, violência obstétrica, descumprimento de pagamento de pensão;
- 5) controle dos corpos femininos: código de vestuário feminino pautado em padrão ideal de mulher, negação a prática de atividades físicas, dependência manipulada ao marido;
- 6) mulher como objeto masculino: venda do corpo feminino, perda da virgindade masculina tendo a mulher como presente, casamento arranjado por dote;
- 7) restrição da criatividade feminina: apagamento da história de mulheres, controle de gostos e possibilidades de ação da mulher;
- 8) negação do direito ao conhecimento e atividades culturais: a não educação feminina com a ideia de que o lugar de mulher é no trabalho doméstico, discriminação no ambiente de trabalho e o sexo biológico enquanto fator de incapacidade de produção.

Tais métodos representam como o “poder masculino é manifestado e mantido” (Rich, 2010, p. 25). O poder masculino, portanto, ao se manifestar reforça a heterossexualidade sobre as mulheres, sendo estas convencidas do padrão heterossexual. Esse padrão configura o caráter compulsório, assim, mantém-se o controle da consciência feminina (Rich, 2010). A lógica patriarcal desenvolve a construção da ideia de masculino e feminino, nesse sentido, não há análise social sem análise de gênero, sendo necessário compreender a vivência feminina marcada por escalas dimensionais: espaço, lugar e território, compreendendo que as marcas de gênero e sexualidade se firmam num corpo espacializado.

Na estrutura social, o eixo de articulação entre patriarcado, capitalismo e heterossexualidade, pode ser entendido a partir de Rich (2010) ao compreender que a lógica capitalista sustenta o machismo – patriarcado – por meio da divisão sexual do trabalho, garantindo poder aos homens e alimentando a dependência feminina. O sexo, portanto, é um instrumento de poder controlador de corpos femininos para o homem. Culturalmente, na lógica Ocidental, é ensinado que há uma pulsão sexual masculina e as mulheres aprendem a aceitar tal

fato como natural. Sabemos, entretanto, que assim como o gênero é uma construção social (Butler, 1993, 2003), a sexualidade é uma instituição política exercida pelo sujeito, portanto, intimamente vinculada ao padrão cultural linear entre gênero, sexo e desejo.

Nesse sentido, compreendendo que o patriarcado atravessa todas as instituições sociais e compreendendo gênero, raça, classe e sexualidade enquanto eixos estruturantes da sociedade, entende-se que não há homogeneidade e nem comportamentos naturais intrínsecos ao sujeito social (Saffioti, 2015). A base patriarcal está para além da hierarquização dos sexos, envolve uma lógica de interesse masculino em controlar o feminino, isso inclui a feminilidade e a sexualidade, consequentemente, envolve o controle da diversidade sexual e da identidade de gênero, restringido a mulher a vivência heterossexual e a resumindo-a a genitália. Portanto, entende-se sexo e gênero como categorias em unidade, pois não há sexualidade biológica extra contexto social, pelo contrário, a sexualidade é exercida socialmente e espacialmente.

Esse cenário de compreensão das experiências sexuais enquanto possibilidade e dissociação da naturalização da heterossexualidade se relacionam com a vivência lésbica. Rich (2010, p. 36) aponta que

a existência lésbica inclui tanto a ruptura de um tabu quanto a rejeição de um modo compulsório de vida. É também um ataque direto e indireto ao direito masculino de ter acesso às mulheres. Mas é muito do que isso, de fato, embora possamos começar a percebê-la como uma forma de exprimir uma recusa ao patriarcado, um ato de resistência.

Sob tal perspectiva, a compreensão da corporalidade lesbiana é profundamente geográfica. Ora, sendo a lesbianidade a recusa e resistência ao patriarcado, e este um eixo estruturante modulador e controlador de comportamentos sociais no espaço, a partir de Ferreira (2013) entende-se que a produção do espaço reproduz paisagens, territorialidades e práticas heteronormativas, culminando, portanto, na invisibilidade e consequente opressão de sujeitos com a sexualidade dissidente da hegemonia normativa. Nesse sentido, depara-se com a realidade espacial marcada pela heteronormatividade-patriarcal, entretanto, a vivência lesbiana se faz presente no espaço, no território, no trabalho, na casa, no dia a dia, em todos os lugares.

Essa realidade demonstra como o espaço é uma categoria paradoxal, sendo o espaço o ponto de compreensão de realidade e de “possibilidades concretas de realização da sociedade. Esse é também o plano da vida cotidiana e do lugar. Aqui explodem os conflitos que sinalizam as contradições vividas” (Carlos, 2020, p. 351). Elucida-se, nesse sentido, que a ideia de “espaço paradoxal” enquanto categoria analítica apoiada em Rose (1993), é uma vertente contra-hegemônica do espaço enquanto categoria homogênea, compreendendo, portanto, a

multiplicidade de vivências e uso do espaço, entendendo que, na história do pensamento geográfico, a definição e o conhecimento da dinâmica espacial foi desenvolvido por homens, envolvendo uma concepção masculinista, branca, heteronormativa e colonizadora, considerando então, o espaço como uma vivência neutra ou como se fosse concebido da mesma forma para homens e mulheres, pessoas heterossexuais e homossexuais, pessoas cisgêneras e transgêneras, além da implicação por racialidades e classes diferentes.

Nesse sentido, retomamos a fala das vozes integrantes da pesquisa a fim de demonstrar marcas espaciais na vivência lésbica. A partir de Patrícia, Poli e Pérola, aprofunda-se a compreensão de que o espaço não é mesmo para todas as vivências.

Eu passei por situações que não acharia que eu passaria, de ser expulsa de ônibus inclusive, eu tava com uma menina no ônibus e o cara simplesmente mandou a gente sair porque a gente tava abraçada, ficamos em choque e saímos do ônibus. Outra experiência que eu tive também, foi numa pracinha com a menina que eu tava namorando na época e um cara começou a xingar a gente e falar que ali era espaço de família e a gente não poderia simplesmente estar ali. – Patrícia

Depende do local né, se é um ambiente com as minhas iguais eu sinto que eu sou bem recebida, sinto que o olhar é mais acolhedor. Mas se é um espaço no meu trabalho tem muita gente que me olha com um olhar de horror, que fica espantado, fica assustado ou tem gente que me olha e me trata como “ele”, no masculino, todos os dias mais de uma vez ao dia no meu trabalho eu sempre sou chamada como “ele”, sempre. Tem dias que eu me irrita, mas atualmente eu tô cansada de me importar. – Poli

Eu ainda não tive muita vivência em Londrina pra falar, mas é uma coisa que eu percebi bastante, principalmente por eu trabalhar em comércio em cidade pequena todo mundo me conhece. Então qualquer canto que você vai tem alguém observando, e então eu ficava muito acanhada de tudo, tudo principalmente pelo fato de eu não ser assumida e até mesmo por dançar uma música em um show na minha cidade de origem, eu ficava desconfortável. Porque, querendo ou não, eu pelo menos, eu tenho muita ansiedade social de ser julgada por não ser assumida [...] Mas dá pra perceber que em Londrina, sendo uma cidade maior, aqui consigo ser mais livre. – Pérola

Nesse sentido, fica evidente que a lesbianidade é marcada pela vivência espacial, havendo características espaciais que possibilitam e que negam a expressão lesbiana. Estruturalmente, o lugar social reservado à lesbianidade é o silêncio. A negação, a ocultação, o armário, a invisibilidade. A estrutura social heterossexista culmina na culpa enquanto proibição e há um peso no processo de entender-se lésbica (Silva; Maroja, 2016), gerando um fardo de não corresponder a expectativa social limitando a vivência espacial. No âmbito epistemológico, o armário é apontado como estrutura de opressão ao longo dos séculos (Sedgwick, 2007) e reforçado no século XXI como a possibilidade de ocultar o que diverge da normatividade heterossexual, pois “a revelação da identidade no espaço do amor íntimo derruba sem esforço toda uma sistemática pública do natural e do não natural, do puro e do impuro” (Sedgwick,

2007, p. 34). O armário que é entendido, metaforicamente, como o espaço do sigilo, é também, um espaço paradoxal, pois ainda que sujeitos homoafetivos estejam fora do armário, o armário ainda é uma característica, pois a cada nova relação social, sob efeito do heterossexismo, há a imposição do armário em diversas esferas sociais, visto que, o espaço é mercado pela corporalidade.

A relação entre espaço, corpo e armário também pode ser aprofundada através de Pandora, Pilar, Priscila e Pietra.

Eu me sentia culpada porque acabava entrando na minha cabeça, eu ficava me perguntando se eu era realmente sapatão. Será que eu estou errada de me sentir assim? De me sentir atraída por mulheres ou sentir tesão por mulheres? Mas eu nunca deixei de fazer isso, se eu tivesse oportunidade faria. Eu era podada de algumas formas, não podia sair de casa muitas vezes, mas se eu pudesse eu fazia, mesmo que chegasse uma culpa depois “não sei se fiz certo, se fiz errado”, mas no final, eu não deixava de fazer. – Pandora

O armário é justamente o que eu fazia muito na minha adolescência e que faço muitas vezes, muitas vezes com a minha mãe.... Sabe você se fechar, você se calar, e você não ser você mesmo, sabe?! É você se privar de momentos, eu acho que o armário é uma coisa se fosse para resumir uma palavra é silêncio, é você se calar sobre ser quem você é. – Pilar

Acho o armário que é uma coisa já bem distante pra mim, pessoalmente. Mas, eu acho que é uma coisa que impede a gente de conquistar o nosso espaço, a gente fica fechado, não tem muita liberdade para respirar. Eu acho que é um lugar muito infeliz, muito escuro pra se ficar. Eu entendo muito o processo de quem tem medo de sair porque eu também tinha medo de sair, principalmente por causa da família, não pôr como eu ia ser vista pela sociedade, era mais sobre como isso ia afetar os meus pais. – Priscila

Quando eu estou com o cabelo mais comprido, quando eu estou expressando minha feminilidade, quando eu estou com uma roupa que exalta mais o meu corpo, percebo olhares diferente. A minha namorada ela expressa mais essa feminilidade, apesar de que agora tá com cabelo curto, mas tipo na expressão ela é muito feminina, então o olhar quando a gente tá juntas é diferente, mas quando eu estou no dia em que eu quero me expressar menos feminina, que eu quero estar com menos feminilidade, nestes dias o olhar é diferente, o olhar não é de fetiche, o olhar é de raiva às vezes. Então, com certeza o corpo e a expressão influenciam. – Pietra

Frente aos relatos podemos relacionar armário, espaço e corporalidade diante da sexualidade lésbica, entendendo que a feminilidade está atrelada a presunção heterossexista e fetichização, ao passo que assumir a identidade lésbica e romper com papéis impostos socialmente a mulheres, se vincula a culpa e a vivência no armário, sendo este, um lugar desconfortável para existir nesses casos. Em Sedgwick (2007) entende-se que a compreensão do armário se encontra intimamente relacionada ao patriarcado-heterossexista, nesse sentido, a autora aponta que ao pensar um indivíduo diante de relações sociais presume-se a heterossexualidade, portanto, o armário, mesmo ao romper com o sigilo consagrado pela

metáfora do sair do armário, se faz presente na vivência LGBTQIA+, seja por necessidade de segurança, medo ou por presunção heterossexista. A respeito disso, elucida-se

Cada encontro com uma nova turma de estudantes, para não falar de um novo chefe, assistente social, gerente de banco, senhorio, médico, constrói novos armários cujas leis características de ótica e física exigem, pelo menos parte de pessoas gays, novos levantamentos, novos cálculos, novos esquemas e demandas de sigilo ou exposição (Sedgwick, 2007, p. 22).

Consciente, ou inconscientemente, em detrimento da ideia de naturalização da heterossexualidade enquanto inata ao ser humano, a vivência do armário é paradoxal. Sedgwick (2007, p. 39) acrescenta que “viver no armário, e então sair dele, nunca são questões puramente herméticas. As geografias pessoais e política são, antes, as mais imponderáveis e convulsivas do segredo aberto”, portanto, pensar a lesbianidade é reconhecer que sob a imposição heterossexista diante da heterossexualidade compulsória, é instituída a culpa enquanto proibição e fardo no processo de se entender lésbica, tendo, nesse sentido, o controle do corpo e da sexualidade feminina.

Aprofunda-se o contexto de heterossexualidade compulsória, corporalidade, culpa, vivência espacial e o paradoxo do armário a partir de Paloma, Pérola, Pandora e Pilar.

Foi tudo parte do processo, porque o ápice foi eu pensar que não dá mais pra viver assim foi quando eu comecei a trabalhar numa escola mais conservadora, na verdade foi quando eu comecei a trabalhar em escolar regular; que antes eu dava aula mais em cursinho e aí quando eu fui atrás dessas escolas eu já tava bem sapatão visualmente falando, com parte do cabelo raspado, por exemplo, e pra fazer a entrevista pra essa escola eu fui lá e cortei o cabelo, e daí aquele clássico esconder tatuagem, colocar um brinco. – Paloma

Aqui em Londrina é muita gente, cada um cuidando da sua vida, é mais tranquilo. Então eu acho que aqui eu conseguiria sim manter relações com outras mulheres, mas para mim é muito mais difícil pelo fato de eu não ser assumida, e eu não pretendo me assumir tão cedo. Porque ainda tenho muito receio por ter uma família, do lado do meu pai, homofóbica, do lado da minha mãe é uma família religiosa. – Pérola

Eu estava pensando quanto tempo demorou para que eu me sentisse a vontade de tratar sobre isso, porque os alunos perguntam e eu tenho uma relação normalmente muito próxima com os estudantes, é ensino médio, os alunos colocavam alguma coisa, às vezes eu desviava pelo receio. Inclusive aconteceu, não aconteceu uma repressão direta, mas você entende os olhares, teve uma vez que uma namorada me mandou flores no colégio no dia do meu aniversário e ela colocou um nome masculino, não colocou nome feminino no cartão. – Pandora

Para mim a questão de culpa era muito latente, uma coisa que estava errada, uma coisa que não era certa, eu não podia aceitar aquilo. A culpa foi muito muito presente na minha adolescência de pensar “tá errado”, tipo, “mulher com mulher não tá certo, não é funcional”, a questão de culpa foi muito presente. [...] Então, muito por eu já

ter essa questão dessa culpa internalizada e desse medo do que as pessoas vão pensar de mim, eu vou muito pisando em ovos, conforme à medida que eu vou me relacionar com a pessoa e eu vejo “bom, ela é de boa com isso”, daí eu falo sabe?! Agora a questão da minha família e o núcleo mais próximo da minha família sabe, minha mãe porque ela obviamente convivia comigo, meu pai e os meus irmãos, assim tipo se eu fôr pensar, tia avó, bisavô, não sabem. Eu acho que nem meus avós sabem, nunca falei sobre isso com eles também. – Pilar

Por meio de Paloma, o jogo paradoxal entre estar dentro ou fora do armário se relacionava com o espaço escolar, gerando a relação entre vivência espacial, paradoxo do armário e corporalidade, ao passo que através de sua fala fica evidente o receio de ser vista como sapatão, cabendo a utilizando de brincos e de um corte de cabelo diferente do que já tinha para tentar retornar ao armário frente a essa vivência espacial, portanto, a ideia de se esconder representa a relação entre lesbianidade, corpo, armário e espaço. Uma vivência semelhante é relatada por Pandora, que ao contar sobre o cotidiano do trabalho na escola sendo uma professora lésbica, nos relata que ao receber um buquê de flores da namorada no ambiente de trabalho, o remetente veio com nominal masculino para que os alunos não descobrissem o fato de terem uma professora lésbica; é neste ponto que podemos contextualizar tal relato com a presunção heterossexual e a heterossexualidade compulsória, pois, se uma mulher recebe um buquê é instituído socialmente que o presente parte de uma homem. Além disso, o fato de ter o receio de assumir a identidade lésbica na escola, representa uma relação paradoxal do armário, que mesmo representando a opressão e a invisibilidade, é onde Pandora, no momento e na situação específica de trabalho, se sente segura.

Já Pérola e Pilar apresentam o armário e a vivência espacial lesbiana de uma outra maneira. Pérola apesar de ter migrado de Porecatu para Londrina, além de se manter no armário para a família, não pretende ter vivências fora do armário mesmo em Londrina, pois tem receio que ainda assim a família descubra sua lesbianidade; portanto, toda sua vivência espacial ocorre dentro do armário e, devido a presunção heterossexual, não é questionada como sua sexualidade, o que a permite se manter nesse lugar. Pilar, assim como Pérola, relata sobre vivências do armário e a relação com a família, entretanto, vivencia o jogo paradoxal do armário frente a experiência espacial em questão, como por exemplo, em um ambiente de amigos em Ponta Grossa, conforme ela perceba segurança, dialoga sobre a lesbianidade, porém, em determinados núcleos familiares, a sexualidade lésbica é velada e há o retorno ao armário; um ponto fundamental na fala de Pilar é a relação entre culpa, lesbianidade e família, demonstrando que mecanismos religiosos estruturais e patriarcais reforçaram a ela que se mantivesse no armário e continuasse ocultando a lesbianidade.

A partir dos pontos colocados, nos adentramos na compreensão sobre espaço, identidade e corporalidade, em que através da geógrafa feminista Eduarda Ferreira (2013) entende-se que o espaço é fundamental na constituição e reprodução de identidades sociais, sendo o espaço indissociável das relações cotidianas. Pensar o dia a dia de mulheres cis lésbicas perpassa considerar o corpo enquanto categoria geográfica feminista. Bardzell e Bardzell (2011) explicitam o corpo enquanto vivência cotidiana, em movimento, não estático, é envolvido e se envolve, afeta e é afetado pelo mundo; tem-se uma análise do corpo dotado de experiências. O corpo é uma categoria importante para geografia, pois se conecta com a noção de performatividade proposta por Butler (1993, 2003), considerando que ser mulher é uma categoria cultural desenvolvida a partir de atos performáticos que produzem corporalidades.

Conversando com Butler (1993, 2003), Johnston e Longhurst (2023, p. 47) em “A geografia mais íntima: o corpo” apontam que

não é natural para as mulheres serem femininas e para os homens serem masculinos, mas que os atos de gêneros repetidos que constituem a realidade do corpo fazem com que pareça ser dessa forma. Gênero e sexo são relações sociais construídas. Corpos com gênero e com sexo são aculturados e inscritos pelo discurso. Isso não significa que eles possam ser reduzidos ao discurso ou a ser nada mais do que construções culturais, sociais ou linguísticas. Os corpos têm uma materialidade e biologia importantes que são inegáveis, mas os corpos encarnados sempre existem dentro dos domínios político, econômico, cultural e social nos remete a corporalidade no espaço.

Nessa ótica, a lesbianidade representa a resistência à instituição heterossexista de controle do corpo, do amor e da vivência da mulher. Portanto, pensar as vivências lésbicas envolve investigar as dinâmicas espaciais imbricadas pela sexualidade a partir da ciência geográfica. Lino (2019) denuncia que a heterossexualidade é entendida como uma sexualidade superior além do processo de naturalização, sendo fundamental dar nome às vivências estudadas: Lésbicas; Sapatão; Lesbianidades; Mulheres Lésbicas; Geografias Lésbicas, portanto, nomear sob qual corpo se diz é não unificar as identidades, é considerar e respeitar as especificidades identitárias (Rodrigues, 2021).

Considerando a perspectiva de nomear, Browne e Ferreira (2015) apontam que a compreensão da Geografia se baseia na presunção da heterossexualidade, sendo o recorte de gênero reconhecido e considerado a partir do modelo patriarcal, entretanto, as sexualidades ainda são pouco consideradas, além disso, sob uma perspectiva baseada nas Geografias Feministas, elucida-se que as Geografias das Sexualidades ainda se baseiam na figura do homem gay, pouco considerando a vivência lésbicas nas análises. Nesse sentido, entende-se que “a heterossexualidade é profundamente expressada no espaço” (Valentine, 1993, p. 397 -

tradução nossa), sendo, portanto, a compreensão das dinâmicas espaciais profundamente interseccional.

Valentine (2007), entretanto, alerta que mesmo as sexualidades sendo expressada a partir de corpos que ocupam espaços e sendo dotados de interações sociais, a heterossexualidade é tão profundamente enraizada enquanto norma social que há uma fusão da compreensão, ocorrendo, portanto, uma mistura entre prática social, normativa social e naturalização. Aqui se fundamenta o ponto principal de compreensão das Geografias Lésbicas, que “questionam e desafiam as normatividades particulares que continuam a ser reproduzidas nas investigações de gênero e sexualidade” (Ferreira; Moreira; Lenzi, 2018, p. 3), sendo também entendida como “campo de exploração científica importante para superar as relações de poder e injustiças que marcam a vida de mulheres que escapam à heteronormatividade” (Silva; Ornat, 2017, p. 425).

O escape, portanto, ao padrão de controle do corpo e sexualidade feminina através da heterossexualidade compulsória, se funde ao paradoxo do armário, pois, entende-se que

A expressão “sair do armário” somente faz sentido porque há um armário cujas paredes eram construídas pela cisheteronormatividade. Se pressuponho que um corpo deve ser cisheteronormativo (ou seja, que o órgão genital corresponde a um tipo de desejo específico e a uma única performance social), quem não possui essa correspondência deveria sair para fora do armário e “revelar” sua discordância, assumindo a posição de “minoridade divergente”. Logo, a “minoridade divergente” se revelaria para a “maioria convergente” seguidora das regras “naturais da normalidade” (Duarte, 2021, p. 433).

Aqui já é possível observar a dimensão da questão paradoxal acerca de uma estrutura (i)material reforçada pela relação linear imposta entre gênero e sexualidade, sendo o armário uma estrutura dotada de práticas visíveis e invisíveis. Portanto, existem contradições espaciais entre territórios permitidos e negados, além de práticas sociais permitidas e negadas. A ideia de permissão e negação carrega um paradoxo nas ações de indivíduos LGBTQIA+ diante de sua relação espacial, seja física ou social (Leite; Zanetti; Toniolo, 2021). Essa questão remete-nos ao clássico livro de Lefebvre (2001), intitulado “O direito à cidade” em detrimento da compreensão da corporalidade no espaço, sendo, pois, ousado pensar através da ótica feminista contemporânea: qual o direito à sociabilidade do corpo lésbico e da vivência da lesbianidade? Sendo o espaço interpolado pela estrutura patriarcal e a lesbianidade um fato, tem-se a configuração do paradoxo espacial. Fato este que permeia o deslocamento entre cidades de diferentes portes diante da possibilidade de vivências de diferentes sexualidades.

Silva (2008) nos alerta a perspectiva do direito a cidade dissidente da heteronormatividade, considerando que a cidade compõe narrativas identitárias. Essa

perspectiva nos remete a Rose (1993) ao considerar as multifaces das relações espaciais marcadas por tensões e relações de poder, entendendo que o espaço, bem como as relações espaciais, é constituído por simultaneidades e sobreposição de intersecções. Pensar o corpo na cidade vem se fundamentando enquanto essencial na geografia, pois, a cidade não é experienciada de uma única e imutável forma, pelo contrário, as possibilidades de vivências corporificadas no espaço urbano são múltiplas.

O direito à cidade não é uma categoria heteronormativa, pensar, produzir, ocupar e vivenciar a cidade, extrapola as delimitações marcadas historicamente pelo sistema cisheteropatriarcal. Aquino (2019) ao dialogar sobre cidade e heteronormatividade aponta que a espacialidade urbana gera uma política de controle, permissões e negações no âmbito da vivência urbana, sendo na negação, a organização de resistência do espaço urbano a múltiplos corpos e sexualidades. Esse cenário gera a possibilidade do efetivo direito à cidade, que não seja para um corpo, uma cor, uma idade, um gênero. Mas sim, que o espaço urbano e as vivências na cidade sejam múltiplas, variadas e justas.

Diante de tal perspectiva, o paradoxo do armário articulado aos conceitos de espaço, território e direito à cidade são fundamentais para compreensão de relações homoafetivas, especialmente, vivências lésbicas compostas pela enorme variedade de identidades lesbianas. Nessa ótica, entende-se que “a cidade, que é composta por signos patriarcais e heteronormativos, intervém na constituição das práticas sociais moldando o espaço de maneira que as classes dominantes e, espacialmente, a estrutura social permaneça sem alterações relevantes” (Leite; Zanetti; Toniolo, 2021, p. 62). Entretanto, corpos e vivências homoafetivas compõem o espaço, que por sua vez, ao tratar da lesbianidade e demais expressões que fujam do padrão compulsório da cisheteronormatividade, se expressa enquanto paradoxal, visto que se configuram enquanto “permitidos e, ao mesmo tempo, negados” (Leite; Zanetti; Toniolo, 2021, p. 68).

Portanto, tendo o espaço paradoxal a partir de Rose (1993), Ornat (2009, p. 93) aponta que o espaço “é multidimensional, contingente e em movimento”, ora, nesse sentido, em uma dada cidade, sendo o mesmo espaço urbano, uma mulher lésbica pode ser impactada pelo paradoxo do armário a depender do lugar que se está e da relação em que se está exercendo, pode-se pensar como exemplo, uma professora lésbica, ao sair do ambiente de trabalho expressa a lesbianidade, entretanto, ao adentrar na escola, é impactada pela negação do espaço, retornando-o ao armário, sendo o ambiente escolar, um espaço de negação. Reflete-se através desse exemplo, em uma outra situação, uma professora heterossexual, mesmo na figura feminina, não é impactada por um espaço permitido e outro negado, pois tem-se a

heterossexualidade enquanto padrão normativo que assegura a permissão da mesma identidade dentro e fora do ambiente de trabalho.

O presente contexto se articula com a permissão de corpos baseando na estrutura social patriarcal, capitalista, racista, machista e fundamentalmente religiosa, em que a pluralidade identitária nega múltiplas identidades, Silva e Maroja (2016), nesse sentido, denuncia que o princípio da laicidade do Estado sempre enfrentou dificuldades cotidianas, culminando pois na manutenção de uma identidade padrão entre ser homem e mulher, entretanto, Ornat (2009, p. 93) denuncia que “cada pessoa não possui apenas um gênero, mas também uma sexualidade, uma classe, uma raça, uma religião, e toda uma rede de outras relações sociais”, entretanto, o padrão compulsório heterossexual observado por Rich (2010) formula identidades confundidas com a naturalização de um sujeito ideal. Tal fato indissocia quem se é de quem o padrão social moldou a ser, “é que primeiro você é cristão, depois você é você. Então quando tirei essa parte, nem eu sabia o que tinha sobrado” (Silva; Maroja, 2016, p. 21).

Presumir-se heterossexual parte de uma matriz cultural em que corpos, gênero e desejos são naturalizados enquanto heteroafetivos, sendo caracterizados como

Modelo discursivo/epistemológico hegemônico da inteligibilidade do gênero, o qual presume que, para os corpos serem coerentes e fazerem sentido (masculino expressa macho, feminino expressa fêmea), é necessário haver um sexo saudável, expresso por um gênero estável, que é definido oposicional e hierarquicamente por meio da prática compulsória da heterossexualidade (Butler, 1993, 2003, p. 215 - 216).

Sedgwick (2007) ao tratar sobre a epistemologia do armário compreende que o modelo social posto na cultura ocidental parte da presunção heterossexista, sendo então, o armário o espaço do sigilo, pois “cada encontro com uma turma de estudantes, para não falar de um novo chefe, assistente social, gerente de banco (...) constrói novos armários” (Sedgwick, 2007, p. 22). O armário, mesmo ao romper com o sigilo, se faz presente na vivência LGBTQIA+, seja por segurança ou em detrimento da presunção heterossexista. Essa perspectiva entende o armário em relação com a ideia de público e privado, que por sua vez, assola a espacialidade homoafetiva e lesbiana. Sendo a heterossexualidade uma expressão do sujeito permitida a espaços públicos, refletir sobre o armário perpassa questionar o lugar da homossexualidade, pois, se cabe a sujeitos heterossexuais a livre vivência, por que a expressão da homossexualidade é empurrada para a esfera do privado?

Esse contexto envolve uma estrutura paradoxal, visto que, há vivências que não comportam ao armário. Quem pode estar no armário? Para lésbicas que desviam a normatividade de feminilidade padrão, caracterizadas pelas desfeminilidade, o armário não é

de madeira robusta, é, no máximo, uma cristaleira de vidro, afinal, existem corpos que expressam a sexualidade pela aparência, não sendo possível retornar ao armário em caso de segurança. Considerando o exposto, Sedgwick (2007) classifica o armário enquanto uma estrutura opressora, pois, entende-se o armário enquanto a negação e a falta de liberdade de si, pois

Segundo uma concepção machista, racista e cisheteronormativa, as mulheres (cis) existem para a satisfação dos prazeres masculinos, para a reprodução sexual e para atividades domésticas. A partir do momento em que sua existência se volta para a própria satisfação e de outras mulheres, o risco de “estupros corretivos”, por exemplo, aumenta consideravelmente. Para sobreviver a essa realidade, evitar violências e acessar o mercado de trabalho, vêm-se obrigadas a performar “feminilidade” através de roupas e acessórios (Duarte, 2021, p. 439).

Entretanto, elucida-se que para pensar o armário enquanto metáfora epistemológica é preciso considerar a historicidade, “quer porque há novas vivências sendo vocalizadas, quer porque há novas estratégias de reconstrução do armário, quando se alteram as bases materiais de produção da informação e de sua circulação” (Duarte, 2021, p. 441), visto que, entendendo o armário enquanto uma opressão sistemática a expressão da identidade de sujeitos LGBTQIA+, o armário também pode ser a única possibilidade de vivência, de afeto familiar, de acesso a emprego e de segurança. Ou seja, o armário se associa ao espaço geográfico sendo paradoxal.

A metáfora espacializada – o armário – se faz presente na vivência LGBTQIA+, entendendo o “carácter dúplice do armário, como espaço de repressão e resistência, sendo potenciador da análise por parte da investigação urbana qualitativa dos quotidianos homossexuais” (Vieira, 2010, p. 6). Elucida-se, mais uma vez, que a espacialização da metáfora do paradoxo do armário, é, portanto, profundamente geográfica, pois as vivências humanas se configuram enquanto inter-relações sociais e espaciais, sendo a expressão e vivência da diversidade sexual fundamentalmente espacializadas.

Faz-se, portanto, fundamental retomar a influência do patriarcado na vivência espacial corporificada, em que Witting (1978, 2022) argumenta que ocorre uma supremacia heteronormativa implicada na vivência de sujeitos, o que nos leva a entender que a hegemonia heterossexista patriarcal retira o direito a existência plena de corpos e sexualidades que sejam divergentes da norma. Nesse sentido, Gonçalves e Rovai (2017, p. 329) argumentam que a ideia de universalidade e neutralidade de sujeitos, sexualidades e corpos baseando em um modelo padronizado se configura como “um brutal regime de silenciamento das vozes subalternizadas”. Aqui se fundamenta o armário enquanto um “torturante sistema de duplos vínculos, oprimindo

sistematicamente as pessoas, identidades e atos gays ao solapar, por meio de limitações contraditórias ao discurso, as bases de sua própria existência” (Sedgwick, 2007, p. 26).

Entendendo a sexualidade enquanto eixo identitário e social do sujeito, a relação entre mulheres em caráter amoroso, afetivo e sexual, historicamente “eram considerados destituídos de importância: não eram sexuados, pois apenas o sexo masculino, o falo e sua semente dariam sentido, valor e materialidade ao sexual” (Swain, 2016, p. 13). A negação e a invisibilidade, portanto, ao longo da história das mulheres se faz presente, sendo o armário uma possibilidade de vivenciar o amor entre mulheres, pois conforme argumenta Navarro-Swain (2016), a recusa da homossexualidade no século XIX era entendida enquanto crime ou loucura, reservado as mulheres divergentes do papel feminino, de mãe ou esposa em um casamento heterossexual, as cadeias, a exclusão, ao hospício, e até a morte, caso sua aparência e desejo ameacem a norma institucional da figura feminina. Tal contexto histórico converge com a homossexualidade compulsória cunhada por Rich (2010) negando a possibilidade de conhecimento de si e a consequente invisibilidade lésbica através da domesticação de impulsos enquanto atração natural de sexos opostos (Swain, 2016).

Entende-se, portanto, que a ideia de “naturalidade” da homossexualidade e do comportamento social padronizado e esperado por mulher, é, na verdade, fruto do patriarcado em convergência com o sistema heterossexual-capitalista. Haraway (1991), nesse sentido, entende que os corpos são materializações de práticas e normativas sociais impostas nas quais o sistema patriarcal nos submete enquanto sujeitos. Portanto, a homossexualidade pode ser entendida como uma construção social normativa reguladora de comportamentos, corpos e práticas sociais alinhada ao sistema patriarcal (Butler, 1993, 2003) pautado no falocentrismo.

Nesse sentido, reforça-se essa compreensão entendendo que “o gênero, estabelecido socialmente na homossexualidade, constrói o sexo biológico: não em suas materialidades, mas em sua apreensão mediatizada pelas constelações de sentido” (Swain, 2016, p. 21), ou seja, a imagem padronizada do outro, reforça a naturalização de um padrão que, na verdade, não é natural e sim, imposto socialmente. Esse cenário explica a opressão sistemática social que implica a existência do armário lésbico.

Rodrigues (2021) aponta a homossexualidade enquanto um atravessador cotidiano da vivência espacial, sendo esse sistema compulsório o responsável pela negação das lésbicas a determinados lugares e vivências sociais. Lembra-se, neste ponto, a vivência dupla – pelo menos – da lesbiana, pois “o gênero, como outros marcadores de diferenciação sociais, impacta como os indivíduos percebem o espaço” (Rodrigues, 2021, p. 1111). O paradoxo do armário se vincula com a ideia de espaços permitidos e espaços negados, em que um corpo marcadamente

por intersecções contra-hegemônicas, ora pode estar fora do armário, ora precisa retornar ao lugar do sigilo.

Esse contexto nos remete a Rose (1993) ao trazer à tona a concepção de dentro e fora do centro de debate compreendendo a dinâmica paradoxal das relações espaciais. No âmbito social, a compreensão de si e da estrutura que rege a dinâmica ocidental, é fundamental para entendimento das especificidades e despadronização de comportamentos esperados. Valentine (2007) advoga que heterossexualidade, assim como a brancura, é tão profundamente normativa que se mistura com a ideia de uma sexualidade naturalizada, entretanto, como visto em Neves (2019), a sexualidade não é fixa, é uma normalidade fixada. Sendo, portanto, o espaço controlado pela dinâmica heterossexual (Valentine, 1996).

O armário, então, se funde à relação do espaço paradoxal (Rose, 1993) configurando a simultaneidade do que por ser visto e expressado fora do armário e o que deve ser escondido, guardado, mantido em segredo, negado de sua expressão por fugir a norma ao esperado socialmente ou por divergir da presunção heterossexual, o que configura ascensão de poder ou intimidação confirme a configuração espacial em questão diante do paradoxo entre vivenciar dentro ou fora do armário. Duarte (2021, p. 428) aponta que “a história dessa peça de mobília, por si só, já seria um enigma suficiente para contar as transformações da sociedade ocidental e das relações entre corpo e espaço”, pois, o armário guarda o que não deve ser visto, o íntimo. O conjunto de vestimentas é que pode ser performado no espaço público, caso, esse conjunto esteja conforme a ética de vestimenta baseada no esperado por mulheres cisheterossexuais, o que nos leva a compreender que o poder cisheteronormativo delimita e molda os armários sociais.

A vivência lesbiana, entretanto, ao não corresponder aos moldes de comportamentos sociais e vestimentas apontados pela cisheteronormatividade, é conduzida ao espaço do sigilo – o armário (Sedgwick, 2007). Entretanto, é uma peça que pode ser trocada, aberta, doada. É possível viver fora do armário, mesmo que ele mude de forma – seja uma cristaleira, uma cortina – e, por segurança, seja preciso se proteger, a vida de mulheres lésbicas não é reservada a violência da negação de si. A vivência lésbica é possível, múltipla, feliz e importante, o contrário disso, é a negação da possibilidade de viver fora do armário configurada pela opressão da heterossexualidade compulsória controladora de práticas sociais e corpos, visto que, historicamente, o lugar reservado a lesbianidade é o silêncio. Entretanto, “pensar o espaço é pensar sobre a existência. E mais do que isso, é pensar na possibilidade de diversas formas de existência” (Escouto; Tonini, 2021, p. 412).

Nesse sentido, pensar a lesbianidade e a expressão espacial corporificada por meio da Geografia perpassa desafiar as normatividades implicadas nas conceituações da ciência geográfica, considerando que o espaço “é simultaneamente e paradoxalmente elemento de negação e possibilidade de existência de sexualidades” (Ferreira; Moreira; Lenzi, 2018, p. 3) dissidentes da normatividade hegemônica. Refletir sobre o espaço geográfico implica pensar as relações sociais imbricadas por estruturas de poder, pois “existem distintas espacialidades, relacionadas a distintas práticas sociais” (Ornat, 2008, p. 311).

O migrar-se aparece, nesse contexto, como possibilidade de mudança, de romper com a culpa e de abandonar o fardo da expectativa de controle do corpo e da sexualidade da mulher. Com a consolidação da identidade lésbica, então, a ideia de culpa, pode se configurar como orgulho e resistência, configurando o armário enquanto passado, pois tamanha vivência não cabe em um espaço tão pequeno. Faz-se, portanto, importante considerar o processo de cristalização da identidade lésbica a partir do ponto propulsor de questionar a heterossexualidade enquanto única sexualidade legítima.

Neste capítulo, portanto, se consolida a discussão teórica sobre a construção da identidade de sexualidades lésbicas, a produção do conhecimento geográfico sobre o estudo considerando a relação entre migração e lesbianidades e a vivência espacial de mulheres cis lésbicas o que culmina na compreensão entre espaço corporificado e espacialidades de vidas lésbicas por meio da compreensão das interseccionalidades que compõem o corpo lésbico, entendendo que elementos estruturais constituem a vivência lesbiana, que resiste, apesar de tais mecanismos.

4 VIVÊNCIAS DAS SEXUALIDADES LÉSBICAS E SUA RELAÇÃO COM OS DESLOCAMENTOS ESPACIAIS

*O amor aguarda do outro lado da porta,
Mas antes do batizado vem o compromisso
Com teu 'eu' divino. Aceita-se como és,
Abra a porta.
- Carol Sarleto*

O capítulo anterior nos remete ao cenário da vivência lésbica espacializada, composta por relações de poder e expressada paradoxalmente no espaço urbano e na ciência geográfica. Silva (2009) argumenta que a produção de saberes científicos é marcada por silenciamentos e ausências na história do pensamento geográfico, o que colabora para padronização de uma massa homogênea de sujeitos de acordo com o modelo vigente patriarcal ao considerarmos seres sociais. Entretanto, as Geografias Feministas incorporam a perspectiva interseccional para compreensão das relações espaciais, entendendo que categorias de poder interagem na produção do ser social na lógica espacial. Dessa forma, faz-se fundamental entender que corporalidades contra hegemônicas acessam, vivem, se expressam e se materializam no espaço.

Neste capítulo, busca-se compreender vivências lesbianas e suas relações com deslocamentos espaciais por entender a partir de Silva e Ferreira (2017) que a relação entre espaço e sujeito se concretiza no dia a dia, entendendo que tais relações produzem e modificam as estruturas sociais. Dessa forma, a interação cotidiana dos sujeitos espacializados modela a relação cotidiana entendendo que “somos afetados pelo espaço onde nos situamos” (Silva; Ferreira, 2017, p. 33). Portanto, a cidade enquanto lócus da socialização afeta os corpos cotidianamente, fazendo-se necessário compreender as transformações nas vivências lésbicas a partir de seus processos de deslocamentos espaciais. Para tanto, o capítulo está dividido em duas seções a fim de entender as transformações das vivências lésbicas diante de seus processos de deslocamento espacial entre cidades, inicialmente é incorporada a discussão sobre a perspectiva de ser mulher lésbica e vivenciar o deslocamento espacial entre cidades de diferentes portes, considerando o marcador de gênero além da sexualidade, e, na segunda seção o processo migratório enquanto possibilidade e desafios, uma vez se faz necessário discutir sobre fatores que atravessam o deslocamento espacial da mulher lésbica.

4.1 DESLOCAMENTO ESPACIAL, GÊNERO E CIDADE

Massey (2008) aponta que investigar as vivências no espaço é fundamental, pois alerta que a Geografia enquanto ciência é base para compreender a organização espacial e social, indicando que, o desenvolvimento de uma ação se vincula a outras ações dentro desta mesma sociedade. Nesse sentido, Massey (2008, p. 95) compreende “o espaço como múltiplo, aberto e relacional, não acabado e sempre em devir, é um pré-requisito para que a história seja aberta, e assim, um pré-requisito também para a possibilidade da política”. A análise do espaço geográfico, conforme proposto pela autora, introduz uma concepção inovadora e multifacetada que transcende visões tradicionais. Esta abordagem se articula em torno de três dimensões interconectadas, que juntas, fornecem uma visão integrada do espaço: primeiramente, como uma manifestação das inter-relações; em segundo lugar, como uma possibilidade para a diversidade e a multiplicidade; e, por último, como uma entidade em perpétua construção e transformação.

Segundo a autora, o espaço deve ser compreendido não como um cenário imutável para eventos, mas como o resultado e o meio de interações contínuas. Esta perspectiva ressalta o caráter dinâmico do espaço, moldado pelas interações entre diferentes agentes e processos, promovendo uma compreensão do espaço como um construto relacional em constante evolução, que reflete a complexidade das interconexões globais e locais. Ademais, Massey convida à reflexão sobre o espaço como um domínio onde coexistem múltiplas trajetórias e identidades. Esta visão destaca a heterogeneidade e a pluralidade intrínsecas ao espaço geográfico, contestando visões unificadoras e uniformizadoras. A coexistência de diversas histórias, culturas e processos no mesmo espaço desvenda uma complexa malha de experiências e perspectivas, caracterizando o espaço como um local de encontros e divergências. Finalmente, a concepção de Massey do espaço como uma “simultaneidade de histórias até o momento” enfatiza seu aspecto processual e inacabado. O espaço é concebido não como um recipiente inerte ou um simples pano de fundo, mas como um conjunto de narrativas e interações que está em constante reconfiguração. Nesse sentido, destaca-se a relevância temporal e social na compreensão do espaço, não meramente como uma dimensão estática, mas como algo que é incessantemente recriado pelas dinâmicas sociais, econômicas e políticas.

Neste sentido, entende-se que “são os sujeitos, em suas diferentes relações, que produzem o espaço em um movimento sempre conflitante em que, ao se produzirem, realizam também o espaço como elemento condicionante à sua (re)produção” (Cassab, 2020, p. 29). Este ponto rompe com a fixidez espacial, não nos restringindo a uma concepção “natural” e

homogênea, pois o espaço é heterogêneo, “é multidimensional, em movimento e contingente. É também paradoxal” (Rose, 1993, p. 137). Pensar a lesbianidade e o espaço diante de uma sociedade que em grande parte é sexista, patriarcal e lesbofóbica, implica entender que investigar espacialidades, envolve compreender que o espaço “é simultaneamente um elemento de negação e possibilidade de existência de sexualidades não heteronormativas. A existência das dissidências sexuais à norma heterossexual se dá por fissuras, brechas que são construídas por estratégias e ações de resistências” (Lenzi; Silva, 2018, p. 118).

Por este ângulo, entende-se que há uma indissociabilidade entre espaço e identidade, pois, o sujeito produz e é produzido pela dinâmica espacial, entendendo através de Ferreira (2013) que o espaço compõe a dinâmica heterossexista culminando na autorregulação da expressão da lesbianidade, sendo essa lógica um fator propulsor a dinâmica da mobilidade entre cidades a partir do desejo de deslocar-se espacialmente a fim de experienciar plenamente a vivência lésbica no espaço urbano.

Nesse sentido, é preciso pensar a compreensão sobre cidades ao investigar o deslocamento espacial como possibilidade de vivenciar a lesbianidade. Pensar em cidade “é um assunto complexo. Defini-la torna-se, portanto, tarefa árdua e de difícil, se não mesmo impossível, unanimidade” (Soares, 2019). Neste sentido, utiliza-se a compreensão de cidade enquanto locus da socialização, estando

Em constante transformação e aquisição de novos sentidos, a urbe mescla culturas, identidades visuais e sonoras num caldeirão efusivo e demasiado complexo para se categorizar: a cidade adquire vida com as produções e intercâmbios culturais de seus cidadãos. A (re)produção do espaço urbano não pode ser dissociada da construção ideológica, visto que o espaço em que os cidadãos passam suas vidas é constantemente remodelado e adequado à produção de subjetividades dos próprios cidadãos (Carvalho; Santiago, 2019, p. 144).

Entende-se que definir cidade baseado na densidade demográfica ou dimensão território é redutor (Soares, 2019), tornando-se urgente investigar a cidade considerando o fator humano, entendendo a cidade enquanto palco de disputas de poder e narrativas, compreendendo que “a cidade é construída não somente de aço e concreto, mas de gente, de vida pulsante que disputa espaço” (Carvalho; Santiago, 2019, p. 148). Faz-se então, fundamental questionar a manutenção e a (re)produção do espaço fundamentado pela heterocisnormatividade.

Dito isto, entende-se que as cidades pequenas são diferentes entre si e que historicamente possuem funções e formas distintas (Jurado da Silva; Sposito, 2009). Pensar o tamanho da cidade, para o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) perpassa o critério demográfico quantitativo, entretanto, entende-se que este aspecto “não leva em

consideração aspectos qualitativos dos pequenos centros humanos, como os valores e as práticas cotidianas das pessoas” (Jurado da Silva; Sposito, 2009, p. 207). É neste sentido que não adotaremos a classificação acerca de cidades pequenas, médias e grandes pautada na Divisão Regional do Brasil e a consequente compreensão de Regiões Geográficas Imediatas ou Intermediárias, pois diante da ausência de dados oficiais para políticas públicas acerca da população lésbica, não cabe classificar qual tamanho de cidade é possível viver a lesbianidade, sendo esta “uma prova gritante que a cidade se fecha em torno da heterossexualidade e da cisgeneridade, ignorando a presença e participação de LGBTs em seu corpo” (Carvalho; Santiago, 2019, p. 149).

Nessa ótica, apropria-se da compreensão de “diferentes portes”, “maior” e “menor” enquanto termos chave para a compreensão do tamanho das cidades ao se compreender a vivência lésbica. Ao passo que Londrina, como cidade de origem, se comporta como menor em relação a Curitiba como cidade de destino, esta também se configura como maior em relação a Porecatu ao pensarmos Londrina como destino e Porecatu como origem. Cidade maior e menor, pois, com base no IBGE, Londrina não se classifica como cidade pequena, entretanto, pode ser pequena para a vida cotidiana lésbica, caso a migração seja para Curitiba, e, também, pode ser grande, caso a origem da migração seja Porecatu.

Assim, sendo a cidade composta por sujeitos, entende-se que o espaço urbano é marcado por elementos que constituem a vivência social espacial. Rose (1993), por meio do conceito acerca do espaço paradoxal, entende que os sujeitos dissidentes estão “tensionados em relações de poder que podem estar na situação de centro e/ou margem da configuração territorial, dependendo do perfil de relação que se estabeleça” (Ornat; Silva, 2014, p. 117). A configuração de cidade-armário, é entendida enquanto uma “construção ideológica que orienta a produção e reprodução do espaço urbano a partir da heteronormatividade e da violência contra lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transsexuais na cidade” (Carvalho; Santiago, 2019, p. 146).

A vivência lésbica espacializada é marcada de formas mais ou menos intensas pela dinâmica cotidiana de dada cidade, sendo ainda, o lugar social reservado a lesbianidade o silêncio (Silva; Maroja, 2016). Entende-se, neste ponto, a ideia de lugar enquanto silêncio devido a estrutura normativa patriarcal e heterossexista que impõe lugares pré-determinados a diferentes tipos de corpos e comportamentos sociais, culminando na culpa enquanto proibição – de vivenciar qualquer tipo de experiência que não seja heterossexual – e o fardo – enquanto peso de ruptura de expectativa social e familiar – no processo de se entender lésbica.

O entendimento da lesbianidade a partir do impacto do deslocamento entre cidades, bem como a inserção da análise da sexualidade no espaço, é um ponto de rompimento com a perspectiva hegemônica e caucasiana que estrutura a ciência geográfica no Brasil, visto que como posto em Teixeira (2015) os estudos migratórios se fundamentam em pressupostos heterossexistas, homogêneos e universalizantes. Entretanto, entende-se que gênero, sexualidade, raça, classe social, idade são categorias de análise interseccionais fundamentais para os estudos sobre deslocamento geográfico, entendendo, portanto, a cidade como “mosaico de mundos sociais” (Perlongher, 1993), sendo esta, um fragmento do sujeito.

Em Andrade (2015, p. 31) entende-se que “a vida urbana traz um imaginário social de liberdade, inclusive de liberdade sexual”, em que o ato de migrar, traz, o sair de uma cidade para outra, mas também, simbolicamente, a ideia de sair do armário, entendendo a mobilidade além da materialidade, mas como metáfora como posto em Vieira (2011). Neste sentido, entende-se a mobilidade como elemento central no processo de saída do armário, mesmo que não haja a consciência explícita do processo migratório diante da relação com assumir a identidade lésbica, mas, o ato de mudar-se para um contexto espacial cotidiano que possibilite a vivência lésbica, possibilita, consequentemente, o rompimento com o papel social heterossexual esperado pelo contexto de vivência – família, mecanismos religiosos, ausência de rede de apoio lesbiana – da cidade de origem.

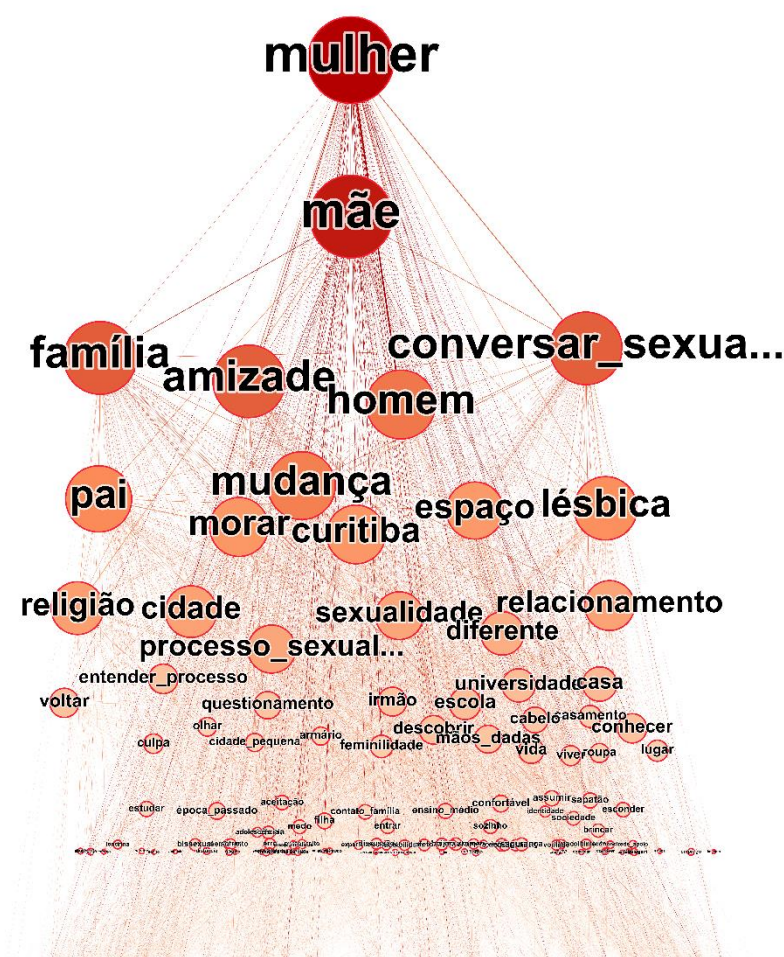
O deslocamento espacial, portanto, é entendido como possibilidade. Em Lefebvre (2001) entende-se que a cidade enquanto um espaço de disputa de poder e de realidade socioespacial se transforma pelas relações de produção e acumulação de capital. Em uma leitura atual, pode-se relacionar tal compreensão com poder de consumo e acesso a espaços, pois “a cidade é construída não somente de aço e concreto, mas de gente, de vida pulsante que disputa espaço” (Carvalho; Santiago, 2019, p. 148). É neste ponto que podemos relacionar a discussão entre o deslocamento espacial e vivência lésbica a partir do processo metodológico explicitado no capítulo 1, podemos entender os elementos que perpassam a vivência lesbiana frente ao processo migratório entre cidades de diferentes portes considerando os elementos que constituem a lesbianidade, articulando, portanto, gênero, cidade e deslocamento espacial.

A análise de redes sociais, como apontado por Silva e Silva (2016) possibilita que o discurso ‘fale por si mesmo’, sendo ferramenta de mapeamento da realidade a partir da conexão entre palavras. Assim, através da sistematização de dados utilizando a base metodológica do software *Gephi* mediante passo a passo explicitado no capítulo 1, a fala das mulheres cis lésbicas é evidenciada pelas palavras por meio da análise de redes sociais (ARS) a partir da

rede de palavras conectadas por nós (palavras) e arestas (conexão entre palavras) que estruturam o discurso e compreendem padrões de tendência argumentativa frente ao conjunto discursivo.

A organização das palavras por meio da transcrição das entrevistas obtidas pela organização metodológica em questão, possibilitou a elaboração da rede bimodal, grafo 1 (capítulo 2), e rede unimodal, grafo 2 (capítulo 2) tendo evidência palavras como “mulher”, “mãe”, “espaço”, “mudança”, “morar”, “curitiba”, “lésbica”, “cidade” e “religião”, entretanto, a fim de possibilitar melhor visualização estrutural de peso dimensionado por meio da centralidade de grau ponderado das palavras ditas, utilizou da representação topológica explorando a hierarquia da rede considerando os dados da rede unimodal (quadro 4 – capítulo 2) por meio da representação topológica, como pode ser visualizado na figura 19, grafo 15.

Figura 22: Grafo 5: Rede unimodal topológica



Fonte: A autora;

É a partir do resultado da rede unimodal topológica que podemos pensar a estrutura discursiva envolvendo ser mulher cis lésbica migrante considerando o deslocamento espacial entre cidades; isso pode ser evidenciado a partir das ligações entre os nós (arestas) diante da centralidade de grau ponderado das palavras. Os dados de grau ponderado podem conferidos no quadro 7.

Quadro 7: Palavras com maior centralidade de grau ponderado

PALAVRAS	GRAU PONDERADO
MULHER	996
MÃE	774
FAMÍLIA	609
CONVERSAR_SEXUALIDADE	605
AMIZADE	605
HOMEM	564
MUDANÇA	552
PAI	536
LÉSBICA	509
MORAR	471

Fonte: Organização própria

Os resultados nos indicam que a palavra “mulher” possui maior peso, sendo, o gênero caráter fundamental na vivência lésbica estudada em questão, é assim que podemos pensar sobre ser mulher cis lésbica frente ao processo de migração, que por sua vez, converge novamente com gênero, ao ter como “mãe” a segunda palavra de maior evidência, sendo a partir do gênero o caráter relacional entre a base familiar patriarcal, representada pelas palavras “família” e “homem”, indicando também ser papel feminino-materno conversar sobre sexualidade. Em um outro subnível da análise evidencia-se as palavras “morar”, “mudança” “curitiba” e “espaço”, indicando que tais aspectos estão envoltos na estrutura generificada do ser mulher, antes mesmo de incluir a sexualidade lésbica, afinal, historicamente a migração feminina é ocultada em detrimento da ideia do homem migrante e a esposa acompanhante.

Além da rede topológica, a análise discursiva se completamente a partir das vozes de Pandora, Pietra, Priscila e Paloma, em que através da análise de conteúdo do discurso entende-se a marcação generificada sobre ser mulher lésbica com a vivência na espacial, juntamente com implicações familiares no processo de deslocamento espacial entre cidades e também de abertura da sexualidade lésbica.

Eu cresci em um ambiente que eu não tinha referência nenhuma de mulher lésbica, sapatão. Eu até lembro que uma das primeiras vezes que eu convivi com lésbicas foi

quando eu tive um relacionamento com um menino, ele tinha uma rede de amigas que todas eram sapatão. Um dia a gente foi na casa delas, jogar alguma coisa, e foi a primeira vez que eu não sabia o que estava acontecendo, mas sabia o quanto aquilo mexia comigo de alguma. – Pandora

Eu sempre soube que eu era uma mulher lésbica, e eu acho que isso ficou muito forte quando eu tinha 14 anos, quando eu realmente coloquei esse “rótulo”, coloquei essa identidade e veio essa decisão de sair da cidade da minha mãe em Porecatu para vir para Curitiba morar com meu pai porque lá já não me cabia mais, porque lá já era reconhecida como uma menina lésbica, e eu sofria muita exclusão por isso. Então eu achei que era bom sair daquele ambiente para que eu pudesse viver essa identidade. – Pietra

Efetivamente eu ter vindo pra cá me deixou mais confortável e mais segura pra conseguir conquistar meu espaço fora do armário, que era um espaço seguro para mim. A partir do momento que eu conquistei um espaço seguro, eu consegui efetivamente sair do armário e não precisar ficar mais escondida ali para os meus pais, ou fingir que eles não sabiam. – Priscila

Em Telêmaco Borba, por mais que eu conhecesse pessoas pontuais, mesmo assim, era muito velado, muito contido então não dava a sensação de que podia ser quem eu quisesse, ser eu mesma. – Paloma

A partir das falas explicitadas acima, percebemos o gênero, a sexualidade e a marcação espacial de maneiras específicas em cada um dos relatos. Pandora alerta de antemão que no ambiente de vivência da juventude não havia referências lésbicas; sendo assim, entende-se que há relação entre cidade, gênero e sexualidade, seja pela negação de qual expressões corporais podem vivenciar a cidade ou pela afirmação de qual corporalidade é bem-vinda ao espaço urbano, ressalta-se que a corporalidade amplamente aceita sob a lógica ocidental é majoritariamente branca, masculina e heterossexual. Além disso, Pandora aponta também sobre perceber algum sentimento que não sabia dar nome frente ao contato com outras mulheres lésbicas, relação esta convergente com o eixo estruturante da rede topológica representada pela palavra “mulher”, pois a partir da possibilidade de compreensão de que existem mulheres lésbicas é que se pode pensar que existem outras possibilidades de ser mulher, portanto, a mulher heterossexual não é a possibilidade única de existência feminina. Esse ponto é ressaltado, pois além da lesbianidade ser negada frente a imposição heterossexual (Rich, 2010), a categoria “mulher” também é negada a vivência lésbica, sendo entendido o corpo lésbico ou a corporalidade feminina que não compreenda padrões estruturantes, como não mulher.

Como sequência analítica pensamos a partir de Pietra que já com 14 anos reforçava a ideia de ser mulher lésbica, sendo o espaço a possibilidade de troca, a sexualidade e o gênero não, estes já eram parte da constituição identitária dela. Ora, se o espaço em questão – cidade pequena de origem –, não aceita e não possibilita a vivência da mulher lésbica, busca-se existir e viver enquanto mulher lésbica em outro espaço – cidade grande de destino – que seja capaz

de englobar a vivência lesbiana. Novamente fica evidente a categorização generificada da sexualidade lésbica ao pensar a relação espacial frente as cidades de origem e destino.

No relato de Priscila é possível articular a vivência lésbica com o deslocamento espacial e sua relação com a família, sendo representadas pelas palavras “mãe”, “família” e “pai” na rede topológica, indicando que a vivência na cidade de origem a mantinha no armário, que por sua vez era um lugar de segurança na época, entretanto, o deslocamento espacial com a migração de uma cidade menor para um capital a possibilitou conforto e segurança para sair do armário, indicando que foi a partir da conquista de um espaço possível de vivenciar a lesbianidade o momento de romper com a construção social do papel esperado pelos pais sob sua história de vida, enquanto mulher e enquanto lésbica. O relato de Paloma se assemelha ao de Priscila, ao tornar evidente que em Telêmaco Borba não era possível ter vivências enquanto mulher lésbica, sendo a cidade de origem uma espacialidade que retirava o direito da identidade própria.

Diante da articulação por meio de recortes de falas das participantes do processo de pesquisa e do resultado da rede topológica se torna evidente as marcas estruturais acerca de gênero e sexualidade na expressão espacial das cidades. Nesse sentido, como rompimento a tal estrutura, o processo de migração converge com o processo de saída do armário, sendo o deslocamento espacial entre cidades a possibilidade de compreensão que existem outras possibilidades que não a viver o silêncio do armário, em que através de Kilomba (2019) entende-se que é rompendo a “máscara do silenciamento” através do processo de sair de armário que se é possível descolonizar o pensamento heterossexual e a imposição heterossexista.

Portanto, é pensando a mulher e o recorte generificado na cidade que se compreende a constituição espacial da vivência lésbica. Retomamos a Valentine (1996) ao elucidar que a lesbianidade requer uma análise dupla em função do recorte de gênero e sexualidade. Butler (2022, p. 67) alerta o gênero como “efeito de uma prática reguladora que busca uniformizar a identidade do gênero por via da heterossexualidade compulsória”, sendo representado pela corporalidade em detrimento de um “conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual de cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser” (Butler, 2003, p. 59). Portanto, a entendemos que estruturalmente é imposto que o gênero deve corresponder a performatividade heterossexual, indicando, nesse sentido, uma corporalidade esperada a corpos femininos e masculinos. Sendo assim, Butler (2022) nos indica que a linearidade entre gênero, sexo e desejo, representado pela sexualidade, é uma herança colonial.

Neste sentido, pensar na mulher lésbica envolve considerar a expressão performática corporal, pois “esse corpo dito como desviante, animal, aberração da sociedade e não humano rompe com o enrijecimento e o asfixiante que o perfilham a colonização do gênero” (Fatumma, 2023, p. 96). Assim, entendemos através de Ferreira (2017) que a sexualidade lesbiana envolve um grupo heterogêneo com diferentes experiências e contextos, entretanto, como ponto comum é o fato de serem mulheres que amam mulheres, o que acomete um contexto social discriminatório em detrimento do gênero.

Ser lésbica e deslocar-se espacialmente engloba o gênero feminino além da sexualidade dissidente, assim o ato de se deslocar nos espaços urbanos também engloba as duas especificidades, o ser mulher e o ser mulher lésbica. Esse contexto se relaciona com o Grafo 5, em que a palavra de no topo da hierarquização é “mulher”, categoria esta que tanto perpassa a sexualidade lésbica, quanto perpassa o processo migratório entre cidades de diferentes portes. Ser mulher envolve uma categoria ampla, plural e passível de diferentes definições a nível científico, aqui, nos atentamos a uma entre várias possibilidades de classificação da mulheridade. Entendemos como mulher um sujeito social, que frente as suas marcas e especificidades corporais divergem do masculino, sendo, este corpo influenciado pela sociedade patriarcal em diferentes níveis; elucida-se que não tratamos a ideia de mulher enquanto sinônimo de mulher heterossexual e nem enquanto mulher feminina, ser mulher não é diretamente proporcional a ideia burguesa de “mulher ideal”, portanto, entendemos que existem diferentes formas de vivenciar a mulheridade, seja sendo lésbica, bissexual, heterossexual, cisgênera ou transsexual; feminilizada ou desfeminilizada, mulheres são múltiplas e são detentoras de corpos que ainda tentam ser controlado na sociedade heteropatriarcal. Não se trata de ser mais ou menos, de ser legítima ou não, “o ser mulher se define num contexto de relações sociais e a identidade feminina, é, portanto, permanentemente re-elabora, está em constante movimento” (Silva, 2003, p. 34).

Ser mulher e experienciar relações no espaço geográfico envolve considerar a corporalidade na dinâmica espacial. É neste sentido que nos apoiamos em Johnston e Longhurst (2023, p. 64) entendendo que os corpos – generificados e com intersecções variadas – “não podem ser separados de experiências de espaços e lugares”. A mulher lésbica, neste contexto, é afetada pela dinâmica espacial, sendo o direito e o acesso a cidade diferente ao considerarmos uma mulher heterossexual, quiçá uma mulher lésbica negra, o que nos reforça que ser mulher é um eixo central na vivência espacial lesbiana.

Dito isto, o espaço sendo múltiplo, como apontado por Massey (2008), não é o mesmo ao considerarmos a vivência lesbiana frente aos recortes interseccionais que perpassam tal

corporalidade, sendo então, como posto em Cassab (2020), o espaço é produzido por sujeitos em suas diferentes relações, o que nos indica que a espacialidade lesbiana é desenvolvida a partir da relação cotidiana entre mulheres lésbicas nos espaços urbanos, portanto, a presença ou a ausência de mulheres lésbicas diminui ou aumenta a sensação de identidade, pertencimento e segurança para ser quem se é, indicando que na dinâmica espacial existem possibilidades e desafios frente a vivência lésbica. Desse modo, compreende-se que espaço, gênero, sexualidade e cidade perpassam o deslocamento da mulher lésbica, sendo o contexto de desenvolvimento da pesquisa a possibilidade de compreensão da relação entre migração e sexualidade indicando os desafios e as possibilidades de deslocar-se diante do cotidiano lésbico.

4.2 O DESLOCAMENTO ESPACIAL COMO POSSIBILIDADES E DESAFIOS DAS VIVÊNCIAS LÉSBICAS

O deslocamento espacial é um movimento que leva corpos de um lugar para outro; o mover-se espacialmente envolve o contexto migratório e movimento cotidianos entre diferentes espacialidades. É neste sentido que entendemos o deslocamento frente a diferentes perspectivas: “por um lado, como fenômeno demográfico, e por outro lado, como processo social” (Cunha, 2011, p. 8). Esta concepção possibilita novas concepções envolta do processo de deslocamento, entendendo que não se trata da mudança puramente física em razões econômicas ou políticas, mas também, em detrimento da dinâmica estrutural, cultural e social no espaço em que se vive em relação ao que se busca viver.

O deslocamento, neste contexto, apresenta uma perspectiva paradoxal ao passo que se relaciona com o deslocamento físico e o fenômeno migratório, mas também identitário, visto que “deslocar-se” também pode ser compreendido enquanto sentimento “sentir-se deslocamento” ao não se encaixar em dada vivência espacial; o sentimento, portanto, pode culminar na ação espacial de deslocar-se, migrar-se. Assim, entende-se que a experiência da sexualidade envolve o espaço geográfico, visto que a dinâmica espacial implica a vivência da sexualidade não-heterossexual, uma vez que os acesso a lugares e espaço podem sofrer maior repressão ou aceitação. Portanto, o deslocar-se pode ser compreendida tanto como a mudança física, como pelo mover-se em detrimento do desconforto.

O deslocamento espacial e a sexualidade dissidente estão interligados, o que evidencia a complexidade de investigação das vivências espaciais geográficas. Neste sentido, pensar o deslocamento espacial lésbico requer considerar as experiências específicas enfrentadas pela lesbianidade, como ressaltado em Valentine (1996) a intersecções na vivência da mulher

lésbica. No caso de cidades de diferentes portes, partimos da base estrutural social que constitui cidades enquanto espaços de vivência, entendendo que a base familiar patriarcal em consonância com mecanismos religiosos molda o cotidiano espacial. Este ponto, entretanto, tem uma ressalva, pois como posto em Saffioti (2015, p. 139) “sempre que há relações de dominação-exploração, há resistência, há luta, há conflitos”, o que nos assegura compreender que mesmo sob influência estrutural de quais corpos e experiências afetivas podem vivenciar o espaço, outras corporalidades e sexualidades que rompam com o padrão hegemônico branco, masculinista, heterossexual e religioso cristão, resistem e constituem vivência espacial.

Nesse contexto, entende-se que o poder circula pelas relações sociais ao passo que permite ou nega sujeitos em diferentes espaços (Saffioti, 2015), entendendo que não são todos as corporalidades – constituída por cor, raça, gênero, sexualidade, classe social, idade e características físicas – que podem circular e vivenciar livremente. É neste ponto que relacionamos o fundamentalismo religioso enquanto mecanismo de interferência na vivência lésbica, seja pela relação familiar que geralmente é afetada por meio da justificativa religiosa, ou seja pelo deslocamento físico, pois a dinâmica espacial da cidade de origem exclui a sexualidade lesbiana por não corresponder a premissa de influência religiosa.

Neste cenário, o deslocamento espacial aparece como possibilidade e como desafio. O processo de mover-se é a possibilidade de romper com a realidade até então dada, para se conquistar a realidade possível; uma vez que, a realidade dada pelo local de origem, no caso da realidade das integrantes da pesquisa, é influenciada pela estrutura familiar patriarcal. Tal fato converge com os apontados de Saffioti (2015) ao indicar que a civilização ocidental é influenciada pela lógica patriarcal e religiosa, o que culmina na civilização da culpa, que por sua vez controla corpos e comportamentos. Este ponto converge com um, entre outros, desafios no processo de deslocamento espacial entre cidades de diferentes portes.

A relação entre migrar de cidade e base familiar são indissociáveis nas vivências lésbicas encontradas, tal fato, além de teoricamente conversarem, na prática podem ser observados a partir da fala de Pietra, Pandora, Pilar, Priscila e Pamela.

Foi um mix, foi uma soma de dois fatores principais, primeiro essa questão da minha sexualidade de como eu era tratada pelas pessoas, porque é uma cidade muito pequena de 15 mil habitantes, muito pequena. E pra piorar minha vó e minha mãe são muito conhecidas lá, então não era só o pessoal da minha escola que tinha questões comigo, eram várias pessoas da cidade que tinham questões comigo e tava insustentável pra mim, eu tava muito mal. – Pietra

O principal motivo foi de fazer faculdade, mas um dos motivos de escolher uma faculdade longe foi para me afastar um pouco da família, estava meio insalubre o momento, estava com 18 anos. Tinha aquela vontade de escapar e eu aproveitei o momento como um escape pra fazer a graduação em outro lugar. – Pandora

O fator principal foi a faculdade, porque eu tinha o sonho de fazer faculdade, o fator principal. O segundo, com certeza, foi a autonomia sair de casa, o poder ser quem de fato eu sou de verdade, sem ter barreira, sem ter julgamento principalmente da minha mãe, do meu padrasto. – Pilar

Ficar longe dos meus pais e da minha família, além daqui ter muito mais oportunidade em questão de emprego e ambiente. Paranaguá é muita pequena tanto em questão de oportunidades, quanto o que você faz todo mundo sabe. Já em Curitiba existe um olhar mais aberto e você vê, existe uma representatividade, uma porcentagem talvez maior de lésbicas, gays, enfim. Em Paranaguá, eu posso nomear para você as pessoas que eram abertamente e aqui, eu conheço muita gente, meus amigos todos são. Acho que se tivesse em Paranaguá eu não me sentiria tão à vontade, talvez. – Priscila

No primeiro momento era faculdade, mas eu lembro muito de falar para os meus pais que eu queria morar em outro lugar, que eu queria morar sozinha e que inclusive isso foi uma questão de muita discussão entre a gente, porque eu venho de uma família em que a gente não tinha grandes poderes aquisitivos e um capital de acesso à universidade [...] Então ao mesmo tempo que era pelo curso, que era porque eu escolhi as Ciências Sociais, era muito em função de querer morar em outro lugar, de sair daquele espaço. – Pamela

Em todas as falas é perceptível a menção familiar, indicando que o processo de migração, sexualidade e família se relacionam. Em Pietra, entendemos que o tamanho da cidade influenciava nas vivências, sendo a convivência social um problema em sua vivência lesbiana, visto que como já relatou em outro depoimento, sua realidade na cidade de origem já não contemplava mais o armário, e justamente por não ter condições de bem estar, a migração foi um caminho a ser seguido; Pietra também faz um alerta em relação às figuras maternas de sua família, indicando que as inconveniências alheias em detrimento de sua sexualidade transpassava as relações entre adolescentes na escola, mas também, impactava suas relações familiares.

Em complementaridade, Pandora, Pilar, Priscila e Pamela indicam abertamente que a justificativa social – interpretada como principal motivo de migrar-se – foi em detrimento da passagem no vestibular, o que levava a mudança de cidade, entretanto, complementa indicando o desejo de estar longe de casa. Pandora aponta o desejo de se afastar do controle familiar aproveitando a justificativa da graduação como motivo de migrar, elucida-se, entretanto, que tal fato converge o processo de saída do armário, sendo a vivência em outra cidade, maior que a de origem, a possibilidade de ter relações que não correspondessem a expectativa heteronormativa.

Pilar retoma o mesmo discurso, indicando o desejo e o sonho de fazer faculdade, sendo esta a justificativa a família, entretanto, é a mesma família que estimula em Pilar o desejo de estar longe para viver a lesbianidade – “ser quem de fato eu sou de verdade” –, sendo a migração

motivada para além de cursar a graduação, mas também a possibilidade de romper com a heterossexualidade compulsória sem lidar com o julgamento da família, principalmente marcada pela questão materna e a figura do padrasto. Este padrão de comportamento fundamentado na família patriarcal, onde na cidade de origem em detrimento da convivência com o núcleo familiar, alimenta a dinâmica entre controle e medo (Saffioti, 2015) pois assim se mantém a lógica heterossexista; não pode se pensar em sexualidade extra controle social, pois a sexualidade é exercida socialmente.

Priscila e Pamela retomam a questão familiar no processo de migração – que também converge em suas histórias de vida com o processo de saída do armário –. Priscila indica o desejo de ficar distante da base familiar em detrimento da vivência lesbiana, indica que sua cidade de origem é pequena para contemplar sua vivência lésbica, sendo Curitiba, sua cidade de destino, um lugar com representatividade; um ponto importante na fala de Priscila, é que apesar indicar abertamente a vontade de ficar longe de seus pais, alerta que outro fator importante seria a questão de emprego e ambientação social, ou seja, é preciso indicar um motivo no processo de migração, sendo a justificativa econômica uma vertente plausível a família. Este ponto também aparece em outras falas, o que indica que as mulheres lésbicas, apesar de ter a motivação de vivenciar a lesbianidade em outro lugar, justificam socialmente a migração como questões econômicas e novas oportunidades.

Essa questão é retomada por Pamela, que diz que a justificava foi a faculdade, apesar de já ter diálogos com os pais sobre o desejo de morar em outro lugar e sozinha; neste processo, ao passar no curso de Ciências Sociais, tem a justificava necessária para a possibilidade de sair de casa, sendo por meio da melhor qualidade de vida – a justificava inicial – a possibilidade de juntamente com o processo de sair de casa, sair do armário. Neste sentido, entende-se que o processo de migração envolve mudanças na vida pessoal. Na migração lésbica essas mudanças podem ser ainda profundas em detrimento do gênero, da sexualidade e do processo de construção de identidade. Desafios e possibilidades compõem a vivência lesbiana e os processos migratórios envoltos na trajetória da mulher lésbica.

Com isto, entendemos que a família aparece como elemento constitutivo deste processo. A família, aqui, é entendida como a base familiar moderna, monogâmica e religiosa, em que a relação entre propriedade privada, patriarcado e igreja se entrelaçam (Engels, 2012). Esse contexto familiar molda comportamentos sociais baseados em papéis generificados, indicando as ações do homem e os deveres da mulher, sendo o homem o burguês e a mulher o proletariado, tornando por meio deste contexto, o heterossexismo – heterismo – uma instituição social de supremacia masculina sobre o sexo feminino (Engels, 2012). Portanto,

majoritariamente o papel da família, até os dias atuais, influência nas práticas sociais de seus filhos, seja por meio da segurança – em um lar seguro e acolhedor – de que a maneira que se expressem para o mundo em níveis de sexualidade não implicam no ser humano que se é, ou, pela manutenção do controle de suas ações indicando a imposição da heterossexualidade.

Nessa ótica, “é imprescindível o reforço permanente da dimensão histórica da dominação masculina para que se compreenda e se dimensione adequadamente o patriarcado” (Saffioti, 2015, p. 110), uma vez que é a base patriarcal que controla a ideia e o comportamento da feminino e, controlar a mulher perpassa controlar a sexualidade feminina, pois o patriarcado não se restringe a hierarquização dos sexos, envolve uma lógica de interesse que visa preservar o *status quo* masculino por meio do controle do corpo feminino e, consequentemente, da sexualidade feminina, impondo a heterossexualidade como única possibilidade e mais profundamente, como natural. Falácia; afinal, a sexualidade se expressa de modo social.

O entendimento da sexualidade como expressão social conversa com Ferreira (2013) ao trazer o cotidiano da vivência lésbica, sendo possível entender, a partir de Vieira (2010), que o cotidiano heteronormativo sentido por sujeitos LGBT’s permite a criação de espacialidades e vivências que contemplem a própria sexualidade, seja na sua cidade de origem – mediante possibilidade – ou seja a partir do deslocamento entre cidades, ou, a considerar a proporção espacial da cidade, dentro da mesma cidade. Assim sendo, o deslocamento é entendido como possibilidade. Entretanto, é a partir da análise entre desafio e possibilidade que o fenômeno migratório acontece, há de se ponderar as categorias que envolvem tal processo.

Como viabilidade de compreensão em torno das palavras ditas pelas mulheres lésbicas no processo de pesquisa, a rede unimodal – Grafo 2 (página 46), foi organizada em modular radial com redução grau ponderado 80 a fim de agrupar as palavras ditas em comunidades semânticas para se compreender a relação entre os termos. A partir deste processo pode-se identificar tendência temáticas nas histórias contadas, como por exemplo, a relação entre as palavras “mãe”, “família”, “conversar_sexualidade”, “mudança”, “pai”, etc, que foram faladas dentro do mesmo contexto discursivo. O conjunto de comunidades semânticas pode ser observado na figura 23 – Grafo 6 e as métricas no quadro 8 e 9.

AZUL	LUGAR	212
AZUL	VIVER	203

Fonte: Organização própria

Quadro 9: Peso de ligação entre as palavras de maior grau ponderado: relação origem e destino

CATEGORIA	ORIGEM	DESTINO	PESO
ROXA	MULHER	HOMEM	72
ROXA	MULHER	ENTENDER_PROCESSO	21
ROXA	MULHER	FEMINILIDADE	21
ROXA	MULHER	MUDANÇA	17
VERDE	MORAR	CURITIBA	26
VERDE	MORAR	MUDANÇA	19
VERDE	MORAR	CIDADE	19
VERDE	MORAR	AMIZADE	16
VERMELHA	MÃE	MULHER	27
VERMELHA	MÃE	FAMÍLIA	27
VERMELHA	MÃE	MUDANÇA	25
VERMELHA	MÃE	CASA	17
AMARELA	ESCOLA	QUESTIONAMENTO	11
AMARELA	ESCOLA	MUDANÇA	9
AMARELA	ESCOLA	CABELO	8
AMARELA	ESCOLA	HOMEM	8
AZUL	ESPAÇO	HOMEM	11
AZUL	ESPAÇO	VIVER	10
AZUL	ESPAÇO	MULHER	10
AZUL	ESPAÇO	SEGURANÇA	9

Fonte: Organização própria

O grafo 6 demonstra as palavras ditas nas entrevistas com maior ligação entre si, o que forma grupos – comunidades semânticas – sobre tendências afins. Observa-se que a palavra de maior grau de centralidade é “mulher”, como demonstrada no quadro 4 do capítulo 1, que por sua vez se relaciona principalmente a palavra “mulher” e com a palavra “família”, sendo respectivamente os maiores graus de centralidade em termos decrescentes. Este grafo nos evidencia cinco comunidades, sendo representadas pela cor roxa, verde, laranja, amarela e azul. A partir deste resultado metodológico, pode-se aprofundar a relação entre os eixos que estruturam as possibilidades e os desafios no processo de deslocamento espacial lésbico.

A comunidade encabeçada pela palavra “mulher” representada pela cor roxa se vincula ao gênero. Saffioti (2015) nos indica que o gênero não é apenas uma categoria de análise, mas também uma categoria histórica, indicando que “nas relações entre homens e mulheres, a desigualdade de gênero não é dada, mas pode ser construída, e o é, com frequência” (Saffioti, 2015, p. 75). Neste contexto, estruturalmente, gênero e sexualidade se fundem a fim de gerar a manutenção da falácia linear entre gênero, sexo e desejo, como posto em Butler (1993, 2003).

Diante disto, entende-se que há um papel social esperado a mulher, que seja heterossexual, se case e tenha filhos, pois assim ocorre a manutenção da família patriarcal e, conseqüentemente, do poder masculino de controle em relação ao corpo, desejo, ações, práticas e comportamentos da mulher. Esta manutenção de poder reforça a heterossexualidade como possibilidade única de vivência social, que por sua vez, “torna-se compulsória pelas estratégias culturais, que deslizam e impregnam-se pelos veios educacionais, formais e informais” (Swain, 2010, p. 48). Portanto, é evidente a relação entre gênero e sexualidade, o que demonstra a maior centralidade da palavra “mulher” nos discursos da análise em questão.

Além do papel social esperado pela mulher, a categoria representada pela palavra “mulher” também dialoga com as palavras “amizade”, “homem” e “lésbica”, este fato é de suma importância pois na construção de diálogo com as participantes da proposta metodológica, foi evidente o reforço discursivo sobre ser mulher, indicando que além de serem lésbicas, são mulheres. Este fato conversa com a palavra “homem” devido a dois pontos, 1) lésbicas não são homens, afinal, ser lésbica não torna uma mulher menos mulher; este, é, inclusive, um mecanismo de imposição masculina a dizer como mulheres devem ser. 2) a lesbianidade é vivenciada espacialmente, sendo o espaço uma possibilidade de violências lesbofóbicas. Já a palavra “amizade” representa a busca por uma rede segura frente ao processo migratório, o que permite, por meio de um grupo de relação com outras mulheres lésbicas, a vivência de maneira mais segura e o sentimento de compreensão identitária.

Outra categoria em evidência é representada pela palavra “mãe” e coloração laranja. Esta comunidade retoma a questão familiar, que está sempre presente na estrutura geral das falas analisadas e demonstra a representação do que se é esperado socialmente: ser mãe, cuidar da família, ser pai, ter uma religião, fatores estruturais que mantêm a lógica patriarcal. É importante salientar que o papel da mãe também é influenciado por marcadores de gênero. Kimura (1997) alerta que o papel da mãe envolve a construção de uma identidade, sendo esta, não-natural, pelo contrário, “a identidade é um processo que é construído e conhecido pela ação, ou seja, através da atividade do indivíduo”. Portanto, entende-se que para ser mãe ou exercer a atividade materna, um indivíduo assume o exercício de filho. Nesse contexto, entende-se que

"a maternidade é um fenômeno social" (Kimura, 2014, p. 341) E, portanto, influenciado pela base moderna-patriarcal.

A palavra “mãe” (grau 164) mantém relações semânticas com as palavras “família” (grau 157), “mudança” (grau 164), “pai” (grau 158) e “conversar_sexualidade” (grau 165), indicando o processo de diálogo sobre sexualidade. Este contexto é fundamentado a partir do mesmo mecanismo estrutural que controla e impõem comportamentos sociais de gênero: patriarcado. É diante deste contexto que o papel da mãe se vincula a vivência lésbica, visto que, estruturalmente, é imposto a mãe que sua função é ser cuidadora – do marido, da casa e dos filhos – enquanto o papel do pai, é prover economicamente a família, o que implica no cuidado dos filhos, ora, se a filha é lésbica, é atribuído mau cuidado materno.

Esta subcategoria representada pela palavra “mãe” engloba o contexto familiar, sendo este um desafio no processo de migração e vivência lesbiana. A família, fundamental no processo de migração, pode servir como apoio, seja no momento de procurar uma casa, em questões financeiras ou enquanto suporte na adaptação a um novo lugar; entretanto, na migração lésbica, o que poderia se consolidar enquanto rede de apoio, pode esbarrar na não-aceitação familiar, o que torna o processo migratório mais desafiador. Com os desafios, a outra face são as possibilidades, em que frente a negação familiar ou a impossibilidade de vivência lesbiana na cidade de origem, o contexto migratório surge como possibilidade em prol de busca por autonomia e acesso a vivência lésbica por meio da constituição espacial menos conservadora, além do acesso a redes de apoio em que é possível constituir amizade com outras mulheres lésbicas e, consequentemente, compartilhar a vivência lesbiana.

Neste sentido, considerando a migração como possibilidade é que se encontram as subcategorias representadas pelo eixo verde e azul, através das palavras "morar" e “espaço”. Esta subcategoria integrante ao grafo 6 representa que a busca por moradia em uma nova cidade também se vincula ao processo de saída do armário e aprofundamento da própria sexualidade, representadas pelas palavras "espaço", "processo_sexualidade", "lugar", "viver" e "armário", indicando que frente ao processo de conhecimento da própria sexualidade, e isto se relaciona as fases de vivência dentro e fora do armário, se constitui a busca pelo seu própria espaço, pela possibilidade de vivência em um lugar que não a empurrasse de volta para o armário. Este fato converge com as justificativas sociais, em que apesar do fato de ser lésbica não fosse a justificava primeira para ser dita a família, a busca por moradia em cidades de maiores precisavam ser justificadas, portando, aparecem fortemente as palavras "morar", "curitiba", "cidade" e "universidade", o que vincula a ida até uma cidade grande em função da necessidade

de morar em outro lugar devido a possibilidade de estudos, emprego e conseqüentemente melhor condição de vida.

A visualização do discurso que converge com a articulação entre estas categorias podem ser aprofundada a partir da fala de Priscila, Pietra, Patrícia, Pandora e Paloma.

É uma questão que me permite ser o que eu sou, porque próxima deles não existe esse espaço pra respirar, mas é uma questão que me machuca pela expectativa do que a gente espera do que é uma relação familiar, mas eu acho que isso já me machucou mais, mas hoje em dia eu tento me levar por uma outra lente, assim como eu não vou abrir mão de ser lésbica por uma perspectiva deles, eu não posso esperar que eles abram mão da religião que é efetivamente parte do que eles são, tipo, eles vivem nisso, faz parte deles. – Priscila

Não acho que a minha expressão vai pra masculinidade, eu não vejo dessa forma. Eu não quero me aproximar do masculino em nenhum ponto. Eu não tô sendo excludente com outras pessoas, tô falando de mim mesma, eu não quero me aproximar do masculino, independentemente de estar com roupa que poderia ser vista por outras pessoas como “masculino”, eu não quero me aproximar do masculino, nem nas minhas relações e nem quem eu sou. Então, o dia em que eu estou usando uma roupa mais larga, como a de hoje, que eu tô usando moletom, uma roupa mais confortável, mais larga, não é porque eu tô me aproximando do masculino, não é porque eu tô me sentindo mais masculino, só porque essa roupa que vontade de vestir. – Pietra

Hoje eu tenho mais amigas lésbicas aqui em Curitiba do que lá na minha cidade. Ainda tenho o contato das minhas amigas de infância, que hoje em dia também são lésbicas, mas hoje meu ciclo é mais pertencente, eu vejo que foi muito pela faculdade que eu consegui. Eu não faço parte de nenhum movimento político, mas hoje eu tenho minha rede de apoio de amigas lésbicas. – Patrícia

eu vim pra Curitiba, consegui vir pra cá aos 18 anos, até aos 18 eu era muito tratada como uma pessoa que não podia sair de casa, não podia sair com os amigos direito, aí então eu não podia vivenciar as coisas de jovem na rua, e aí quando eu vim pra cá sozinha, sem a minha família, foi libertação nesse sentido. – Pandora

Eu sempre quis sair de lá, a cidade era pequena, eu era muito de outro mundo. Queria viajar, queria conhecer os lugares, viver outras coisas e eu odiava, odiava muito ficava “meu deus, quero sair daqui” e eu acho que é muito comum no geral. Daí eu vim pra estudar e justamente pra ter essa vivência maior, era um sonho vir pra cidade grande. – Paloma

O discurso de Priscila representa a articulação com a categoria semântica representada pela cor laranja envolta da questão familiar. O discurso de Pietra trata a questão de realçar a lesbianidade enquanto categoria feminina, ou seja, não cabe comparação da mulher lésbica a nada que seja masculino, pois elucida que existem diferentes formas de feminilidade. Patrícia, por sua vez, aponta sobre a rede de apoio encontrada por meio de amizade com outras mulheres lésbicas. Os discursos de Pietra e Patrícia demonstram a articulação entre as palavras na categoria roxa. A fala de Pandora representa, neste caso, a categoria azul, em que a busca por espaço e fuga do controle familiar, era a possibilidade da conquista do seu próprio espaço frente ao contexto de se libertar das imposições heterossexistas e processo de saída do armário. Já a

fala de Paloma, evidencia a justificativa social do processo migratório, sendo a lesbianidade uma face oculta da motivação, visto que para a família apoiar o processo era preciso haver um motivo que fizesse sentido estruturalmente, sendo, portanto, a busca por estudos o motivo ideal para mudar de cidade.

Uma outra subcategoria, representada pela cor amarela e encabeçada pelas palavras “escola” e “cabelo” aparece em menor proporção, entretanto, é de suma importância para aprofundamento da ideia sobre o ‘ser mulher’ e a compreensão sobre como se é visto no mundo. Este fato será aprofundado no próximo capítulo.

Neste capítulo, nos aprofundamos na discussão acerca dos resultados metodológicos a partir das proposições encontradas na rede topológica e na rede modular radial correlacionando a rede de palavras com o deslocamento espacial, gênero e espaço urbano. Desta forma, articulamos o deslocamento espacial como possibilidade e como desafio na vivência lésbica frente a elementos que constituem o cotidiano lésbico na cidade. Com isso, se acreditamos que os deslocamentos espaciais na realidade lésbica implicam na vivência de suas sexualidades.

5 NARRATIVAS LÉSBICAS DE MULHERES CIS SOBRE O ‘SER MULHER’ E SUAS VIVÊNCIAS

*As lésbicas são uma das manifestações do que é ser mulher
Que venceu tudo que o mundo tentar nos obrigar a ser.
- Carol Sarleto*

A discussão do capítulo anterior aprofunda o diálogo a partir dos resultados metodológicos compreendendo a relação entre deslocamento espacial, gênero e sexualidade. Esta construção dialógica permite a ampliação da análise desenvolvida a partir da metodologia das redes semânticas, em que inicialmente foi discutido a rede de palavras e, neste capítulo, avança na discussão a partir da investigação da rede de categorias. Silva e Silva (2016) apontam que os procedimentos metodológicos ampliam a capacidade de interpretação da realidade diante a sistematização visual da fala e do sentido do que se é dito. Nesse sentido, por meio do processo de análise baseado na ARS, entende-se que a estrutura organizativa em redes permite a inteligibilidade discursiva, o que possibilita o aprofundamento entre diferentes histórias de vida encontradas no processo de entrevista.

Portanto, busca-se investigar a partir da vivência lesbiana as narrativas sobre a ideia de ser mulher lésbica e as interseções envolta das múltiplas vivências e interpretações sobre ‘ser mulher’ cis lésbica, corporalidade lésbica e a performance corporal frente ao contexto de construção identitária lésbica. Afinal, não seria a lésbica uma mulher? Assim, amplia-se a discussão sobre a categoria mulher diante da análise metodológica entre a rede de palavras e a rede de categorias (*dual mode*), além do aprofundamento da interpretação da rede de categorias, o que assegura a compreensão sobre as vivências da mulher lésbica.

5.1 AS MÚLTIPLAS VIVÊNCIAS DA MULHER CIS LÉSBICA

A categoria mulher vinculada à construção identitária e a sexualidade compõe desde obras feministas no século XX quanto aos debates contemporâneos. Neste contexto, a fim de entender as intersecções identitária na composição da experiência de uma mulher cis lésbica, é que se busca dialogar sobre a ideia do ‘ser mulher’ e suas vivências, incluindo construção identitária, performatividade e o processo de sair do armário, no caso da vivência lesbiana. Inicialmente, faz-se fundamental elucidar que pensar mulheridade compreende considerar uma multiplicidade identitária, afinal, não há um único modelo legítimo e muito menos natural de

ser mulher, portanto, concordando com Beauvoir (1967) e Butler (1993, 2003), mesmo com abordagens distintas, entende-se um ponto comum: ser mulher envolve uma construção social e cultural, que por sua vez é marcada por um dado espaço e tempo.

Mulher cis lésbica: esta classificação corresponde a identidade de gênero e a sexualidade. A mulheridade cisgênera corresponde ao alinhamento identitário em relação ao sexo de nascimento, entretanto, não se restringe a feminilidade. Independente da orientação sexual, tanto a feminilidade, quanto a desfeminilidade, podem compreender a corporalidade lésbica. Expressar ou não comportamentos e vestuários feminilizados ou desfeminilizados não é diretamente proporcional ao gênero e a orientação sexual. Em outras palavras, podemos dizer que nem toda mulher feminina é heterossexual, ao mesmo tempo que nem toda mulher desfeminilizada é lésbica. Neste ponto, se torna evidente a diferença entre gênero feminino e expressão de feminilidade, ambas categorias compõem a ideia de ser mulher. Portanto, a ideia de ser mulher não é padronizada, afinal, entende-se mulher como uma categoria de análise interseccional.

Neste sentido, feminino é o gênero atribuído ao sexo, que por sua vez, se consolida mediante ao caráter estrutural baseado no sistema patriarcal e na repetição sistêmica de normas aos corpos femininos. Já a feminilidade não se restringe a uma atribuição, é uma imposição social de comportamento baseado na normativa genereficada. Diante disto é que se considera a vivência do corpo lésbico frente a identidade sexual e a identidade de gênero, ao passo que existem signos variados de feminilidade e desfeminilidade nas vivências lésbicas, pois é possível ser mulher mesmo que a sexualidade e a feminilidade não correspondam ao padrão esperado pela imposição comportamental do patriarcado. Pois, entende-se que a categoria mulher não se restrinja a lógica de dominação masculina da subserviência de corpos femininos, pelo contrário, acredita-se na ideia de ‘ser mulher’ enquanto resistência a imposição da lógica ocidental e unificadora de corpos e comportamentos femininos.

A constituição identitária da mulheridade lésbica é influenciada, com base em Wermuth e Canciani (2018), pelo sistema de dominação patriarcal, que por sua vez constitui categorias binárias de gênero pautada na linearidade entre sexo e desejo, configurando, portanto, corpos e sexualidades subversivas ao padrão social imposto enquanto marginais ou invisíveis e, até mesmo, ‘menos’ mulher, ou a negação da mulheridade. Entretanto, é preciso reforçar, mulheres são plurais, identidades são múltiplas, portanto, assim como podemos pensar em mulheridades, pensamos em lesbianidades, e isto, constitui múltiplas vivências frente as realidades de mulheres cis lésbicas. Wermuth e Canciani (2018, p. 1364) afirmam que “o desafio da mulher lésbica consiste em ser identificada em um mundo já pautado pelo imaginário

masculino”, pois o padrão masculino induz a classificação do que é ‘ser mulher’ e qual papel social e comportamental é esperado pelo corpo feminino.

Esse cenário, diante do crescimento dos estudos feministas e interseccionais, torna fundamental a construção e consolidação da identidade lésbica, onde pode-se compreender que existem outras formas de ser mulher, que por sua vez, não se vincula a servir a correspondência imposta pela dominação patriarcal. Com base em Ferreira (2015, p. 228) “as lésbicas constituem um grupo heterogêneo com diversas experiências e expectativas, que vivem em contextos socioeconômicos distintos, mas que apresentam alguns aspectos comuns, como o facto de serem mulheres e viverem num contexto social discriminatório”.

Serem mulheres, com ênfase, pois como aponta Wermuth e Canciani (2018, p. 1371) “uma lésbica, antes de mais nada, é uma mulher, que convive diariamente com o machismo. Quando se assume lésbica e abdica de se relacionar com homens, o preconceito contra sua orientação sexual aparece em forma de assédio, de apagamento e de violência”. A ideia de ‘ser mulher’ sob uma perspectiva cis lésbica perpassa a consolidação identitária frente a imposição heterossexista, ao passo que entendemos que a heterossexualidade alimenta o sistema patriarcal, que por sua vez “regula as relações afetivas e sexuais de forma binária e dualista: a heterossexualidade é entendida como natural e desejável, ao passo que a homossexualidade é vista como anormal e imprópria” (Wermuth; Canciani, 2018, p. 1375). É neste cenário que se encontra o processo de construção da ideia de ‘ser mulher’ para lésbicas cis, uma vez que, em sua vivência cotidiana, lésbicas precisam reforçar sua mulheridade para que não tenham seus corpos desumanizados e não sejam questionadas se desejam ser homens, afinal, frente a lógica sexista patriarcal é desenvolvida uma repetição sistemática do comportamento feminino que alinha gênero, sexo, desejo e práticas sociais que determina como se é mulher.

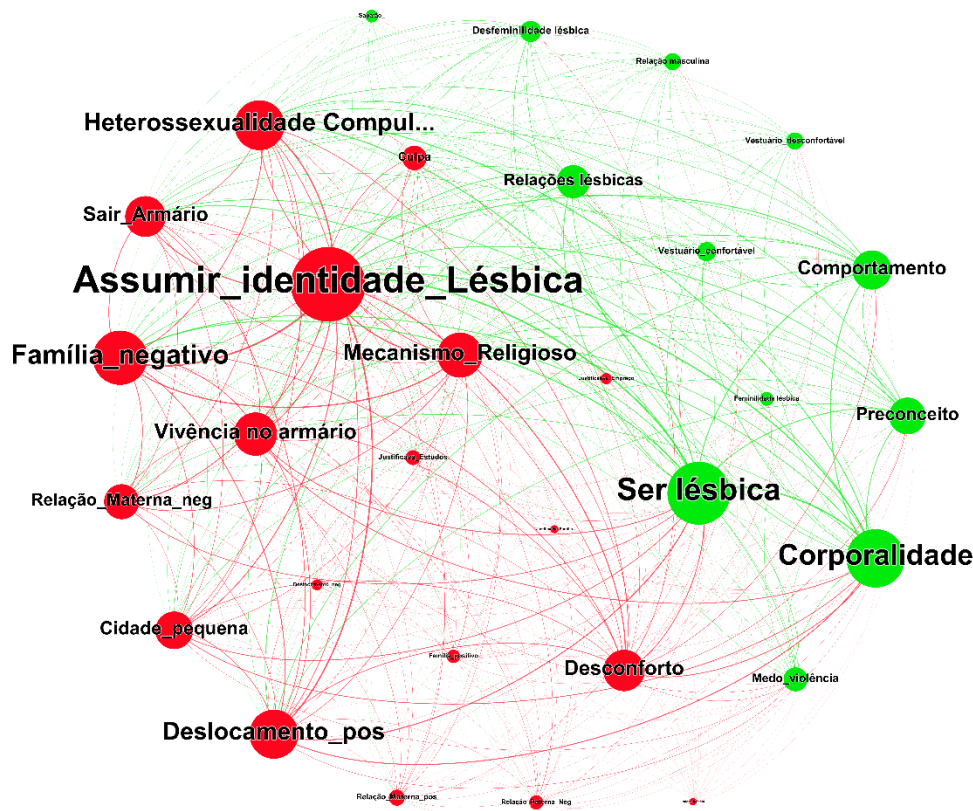
Esta discussão teórica entre ‘mulher’ e ‘lésbica’ se fez presente no processo de investigação científica, em que durante a construção dialógica nas entrevistas, reiteradamente foi encontrado a junção das ideias de ser mulher e de ser lésbica, além de, relações entre papéis estruturais esperados para as práticas femininas, entretanto, ao se compreender lésbica, não se perde o ‘ser mulher’ e é neste contexto em que se forma uma gama de relações entre ser mulher cis lésbica. Para compreender a relação entre lesbianidade, mulheridade e demais elementos constitutivos recorre-se ao resultado metodológico a partir da rede bimodal de categorias e palavras.

A análise de redes semânticas, como apontado por Silva e Silva (2016) possibilitam a investigação discursiva a partir da fala no processo de diálogo. Assim, através da sistematização de dados utilizando a base metodológica Open Refine, Gephi e Teguette, o discurso produzido

pela fala das mulheres cis lésbicas migrantes é separado por categorias discursivas. Portanto, como já demonstrado no capítulo 1, figura 20 – Grafo 3: Rede Bimodal Categorias-Palavras, percebe-se que as palavras e as categorias discursivas apresentam informações em suas relações, sendo as categorias de maior centralidade “assumir_identidade_lésbica” e “ser_lésbica” como apontado no capítulo 1, figura 21 – Grafo 4: Rede Unimodal Categorias e no quadro 6 – Métricas Rede Unimodal Categorias, sendo, por outro lado, ao examinarmos a rede de palavras, as palavras com maior grau ponderado “mulher” e “mãe”.

Essa análise articula as palavras “mãe” e “mulher” com as categorias “assumir_identidade_lésbica” e “ser_lésbica”, o que nos reforça as possibilidades e atribuições da figura feminina, uma vez que ser lésbica envolve o ser mulher, ao passo que assumir a identidade a lésbica envolve a figura materna - marcada pela relação entre a categoria “assumir_identidade_lésbica” com a palavra “mãe”, que também é carregada por um signo social de mulheridade. Neste ponto, faz-se fundamental ter em mente a base patriarcal e as atribuições de papéis sociais esperados por homens e mulheres. Este contexto pode ser aprofundado a partir da rede de categorias modular, em que se torna evidente o fato de ser lésbica, representado pela categoria “ser_lésbica” e pelo processo de construção da identidade lesbiana através da categoria “assumir_identidade_lésbica”, com a figura materna e a base familiar. Entretanto, frente ao contexto estrutural da imposição heterossexista, as relações com a “mãe” e com “família” no contexto lesbiano, geralmente, não são harmoniosas. Este fato pode ser compreendido a partir da figura 24: Grafo 6: Rede Unimodal Modular Categorias.

Figura 24: Grafo 6: Rede Unimodal Modular Categorias



Fonte: A autora;

A Rede de Categorias Modular é uma possibilidade de representação da análise de redes semânticas (ARS) que organiza e sistematiza o discurso interpessoal. A ARS permite interligar conceitos, palavras e outras possibilidades de estruturar o discurso, em que neste caso, a partir da rede de palavras, como demonstrado no capítulo 1, foi desenvolvido um compilado de categorias que passou pelo mesmo processo metodológico de sistematização e hierarquização. A Rede de Categoria Modular se propõe a estruturar em grupos, a partir do comando “clusters” disponível nos softwares, em que as categorias afins formam módulos de análise. Neste caso, tem-se 2 módulos representados pelas cores vermelha e verde. A visualização a partir dos diferentes tons permite facilitar a conexão, representada pelas arestas, entre uma categoria e outra.

Neste ponto, a partir do grafo 6 nos atentamos a categoria “ser lésbica”¹⁸ e sua relação com as categorias “família_negativo”, “sair_armário”, “mecanismo religioso”, “vivência no armário” e “heterossexualidade compulsória”, em que estes fatores se vinculam com o ‘ser mulher’ diante da constituição identitária lésbica, uma vez que, o processo de se compreender enquanto mulher lésbica perpassa questionar signos impostos a mulheridade. Portanto, entende-se que a base familiar vinculada ao mecanismo religioso impacta e implica as múltiplas vivências lesbianas, seja pelo medo da rejeição e do isolamento emocional, pela pressão e expectativa social heteronormativa ou pelo estigma pautado no mecanismo religioso.

Além disso, a análise pode se estender a articulação de outras categorias, como “assumir_identidade_lésbica”¹⁹, com “deslocamento_pos”²⁰, “vivência no armário”, “sair_armário”, “heterossexualidade_compulsória”, “família_negativo” e “mecanismo religioso”, uma vez que o processo de compreensão da identidade lésbica e a conscientização sobre a lesbianidade convergem frente a influência de tais categorias. Portanto, sendo o processo de assumir a identidade lésbica impactado pelo jogo paradoxal entre entrar e sair do armário, questões familiares negativas, influenciado pela heterossexualidade compulsória e por mecanismos religiosos, entende-se que além da inteligibilidade visual, esta discussão deve ser aprofundada por meio da análise da fala, sendo através da transcrição a possibilidade de valorização discursiva desenvolvida no processo de entrevistas. Neste sentido, diante da relação entre as categorias, a materialização das múltiplas vivências lesbianas cis podem ser compreendidas através das falas de Pérola, Patrícia, Pilar e Paloma.

É como eu te falei, a família da parte do meu pai é homofóbica, do lado da minha mãe é religiosa. Eu tenho muito receio da reação deles. A minha mãe é muito tranquila quanto a isso, ela respeita. Não é à toa que minhas amigas que gostam de meninas e namoram meninas, a minha mãe sabe. Minha mãe sempre perguntava, recebia em casa, minha mãe sempre teve muito respeito. Só tem aquela coisa, ela é tranquila porque não é dentro de casa, então ela é tranquila enquanto a isso porque é sobre a sexualidade das minhas amigas e não a minha. – Pérola

Foi bem complicado pois eu vivi num meio religioso. Desde criança eu tive essa vivência familiar religiosa, então isso me privou de muitas coisas, esse contato de quem eu sou. – Patrícia

Foi um processo muito difícil porque eu sou de criação evangélica, sabe? Então teve todo aquele transtorno de você acabar não aceitando você mesma, seus pais não aceitando, minha mãe foi muito resistente porque ela é muito religiosa. [...] A minha mãe é muito envolvida com a igreja evangélica e a gente já sabe o posicionamento dessa igreja e quando eu era novinha eu tinha meus 13, 14, 15 anos eu também era muito envolvida com a igreja, então a primeira impressão é culpa, tá errado, tipo o que eu sinto tá errado, eu ser essa pessoa e você tá nessa busca de tentar se corrigir

¹⁸ Principal categoria disposta no quadro 6: Métricas Rede Unimodal Categorias no capítulo 1.

¹⁹ Segunda categoria disposta no quadro 6: Métricas Rede Unimodal Categorias no capítulo 1.

²⁰ Onde está deslocamento_pos, lê-se deslocamento positivo.

foi um processo muito violento, primeiro comigo mesma, de querer me corrigir e querer pedir perdão, de sentir um pecado muito grande, é muito latente essa questão do pecado de ser quem você é. – Pilar

Eu venho de uma família católica, muito religiosa, e eu sou a filha mais nova de três irmãs e diferença de idade minha e delas é muito grande, então quando eu era criança, minhas irmãs eram adolescentes, então eu acompanhei os namorinhos delas né, a vida delas, o casamento e as duas casaram com primeiro namorado, trabalharam com meu pai, foram super padrão. E eu nunca me senti pertencente aquele lugar. Então eu sempre fui quebrando isso e sentindo desde pequena uma atração por mulheres, só que com culpa, tinha um quadro de Jesus me olhando, literalmente tinha um quadro perto do meu quarto. E daí né, eu compensava me relacionando com meninos e eu falava desde cedo que eu tive que aprender a fazer isso, vai vamos lá, isso é o que eu tenho que fazer, então muito é complexo. – Paloma

Frente a parte das histórias de vida acessadas, entende-se que a sistematização categórica representada pela análise de redes semânticas converge diretamente com o que foi contado pelas lésbicas, uma vez que, ao examinarmos trechos das falas de integrantes da pesquisa, as duas principais categorias “ser lésbica” e “assumir identidade lésbica” convergem com outras categorias que compõem a vivência da mulher lésbica. A fim de aprofundar essa temática, nos atentamos a fala de Pérola, em que se torna evidente o processo de assumir identidade lésbica com a questão familiar negativa frente ao mecanismo religioso e a consequente vivência no armário, pois, se não há segurança para enfrentar a jornada de sustentação da identidade lésbica frente ao impacto familiar, a vivência lesbiana se reprime em função da segurança.

Pérola aponta que a figura paterna é homofóbica e a figura materna é religiosa; diz que a mãe respeita as amigas lésbicas, entretanto, ao se tratar da sexualidade dela a recepção não é a mesma. Neste cenário, entende-se que o processo de assumir a identidade lésbica é impactado por uma relação familiar negativa e pela influência religiosa que alimenta a não aceitação da lesbianidade, em que para manter uma relação familiar alinhada a um espaço seguro de vivência, a vivência no armário é um mecanismo encontrado para não romper a relação familiar, uma vez que Pérola aponta que tem receio de não ser acolhida nem pelo pai e nem pela mãe. Esta realidade não assola somente a vivência de Pérola, tal fato também pode ser analisado em outras histórias de vida de mulheres lésbicas.

Em um trecho da fala de Patrícia, é retomado a questão do mecanismo religioso frente a questão familiar, entretanto, trata da dificuldade no passado e não no presente, o que indica que o processo de dificuldade em assumir a identidade lésbica já foi enfrentado. Patrícia aponta que o meio religioso em detrimento da família a privou de experiências e de ter o contato com quem ela realmente é, fato este que também se vincula com a categoria “heterossexualidade compulsória”, ora, ao passo que Patrícia aponta que foi privada de viver

‘muitas coisas’ entende-se que a base familiar religiosa fazia a manutenção da heterossexualidade compulsória negando qualquer possibilidade de existência lésbica. Entretanto, apesar de ter vivido uma relação familiar conturbada frente ao processo de construção da identidade lesbiana, esta não é uma mais realidade, pois Patrícia vive fora do armário e tem relações com sua família.

Na história apontada por Pilar é dito mais uma vez sobre ter sido difícil assumir a identidade lésbica pois além da influência religiosa na base familiar, esta criação impactou em sua vivência, sendo então, a primeira impressão ao desejo por outra mulher: a culpa. Este sentimento relatado por Pilar é reforçado pelo mecanismo religioso, pela heterossexualidade compulsória e pela relação familiar fundamentalista. O processo de assumir a identidade lésbica já foi vivenciado de maneira violenta, não diretamente pelos outros, afinal o primeiro processo de assumir é pessoal, então Pilar aponta que a violência veio para com ela mesma em detrimento de uma ideia de ‘pecado’ que se equivale ao controle do corpo feminino em função de alimentar a estrutural patriarcal, que por sua vez, é fundamentada pela heterossexualidade enquanto normativa compulsória. Pilar, entretanto, possui uma relação diferente de Patrícia e Pérola em relação ao processo de assumir a identidade lésbica, uma vez que, para a família e amigos próximos Pilar é lésbica assumida, entretanto, em outras relações cotidianas, sua sexualidade só é abordada caso sinta segurança para tal.

Em complementaridade, Paloma reforça como o mecanismo religioso perpassa a construção e compreensão da lesbianidade frente a base familiar. Diferentemente de Pilar, a base religiosa da família de Paloma é católica e não evangélica, entretanto, o mecanismo religioso em relação a manutenção da heterossexualidade é o mesmo. Paloma aponta como a estrutura familiar foi reproduzida por suas irmãs heterossexuais, sendo este o modelo ideal para sua família, entretanto, ela mesma não se sentia pertencente ao ambiente. Outro ponto importante é que assim como Pilar, mesmo com bases religiosas diferentes, o mecanismo religioso age da mesma forma: a culpa. A culpa é retomada ao passo que ela relata sentir atração por mulheres e, é neste ponto que diferentes categorias se articulam, sendo o mecanismo religioso alinhado a heterossexualidade compulsória, uma vez que Paloma aponta que ‘compensava’ o desejo por mulheres se relacionando com homens. Paloma, atualmente, vive plenamente sua lesbianidade, entretanto, sua relação familiar é fragilizada em detrimento de sua sexualidade.

Este cenário aponta como mecanismos estruturais compõem parte de diferentes vivências lesbianas, as trajetórias se conectam, mas não as mesmas. A base familiar, o contexto escalar em relação ao tamanho da cidade de origem e destino, o deslocamento enquanto

possibilidade de vivenciar a lesbianidade, o desconforto frente ao processo de sair do armário, a influência no mecanismo religioso ao se entender lésbica, além da corporalidade e comportamento lesbianos que geram estruturalmente medo frente ao preconceito; as histórias de vida estão em conexão com os resultados no Grafo 6, uma vez que as categorias de análise discursiva representam as narrativas pessoais compartilhadas por mulheres cis lésbicas.

Ressalta-se que o recorte de quatro, entre as nove, integrantes da pesquisa além de demonstrar como as principais categorias perpassam as diferentes histórias de vida, possibilita entender que a partir da construção da identidade lésbica pode-se entender que existem outras formas de ser mulher, o que reforça que a sexualidade feminina não é sinônimo de heterossexualidade, e mais, entende-se que ser mulher não se vincula a servir as correspondências impostas pela dominação patriarcal, apesar de ser evidente a influência estrutural na formação da ideia de ser mulher. Portanto, ao entender que a família patriarcal, a constituição espacial da cidade de origem, mecanismos religiosos e imposições masculinistas sobre a ideia de ser mulher, é que “as mulheres lésbicas foram identidade mesmo nesse universo de dominação de discursos patriarcais (Wermuth; Canciani, 2018, p. 1371).

Nesse sentido, é evidente um receio de assumir a lesbianidade frente a base familiar em detrimento de questões estruturais fundamentada no heterossexismo reforçado por mecanismos religiosos, pois a concepção de mulheridade pautada na heterossexualidade corresponde a negação de outras formas de ser mulher, inclusive a mulheridade lésbica. Portanto, entende-se que a lesbianidade é um incomodo a estrutural patriarcal pois as mulheres lésbicas não correspondem e não cumprem um comportamento social estabelecido historicamente. Entretanto, é nesse sentido que se entende que as narrativas lésbicas compõem história de vida de mulheres, corporalidade esta que compreende múltiplas vivências frente aos marcadores de gênero e de sexualidade.

Deste modo, nesta seção foi aprofundado a partir das narrativas sobre parte das histórias de vidas compartilhadas como elementos estruturais constituem as múltiplas vivências da mulher cis lésbica. Frente a isso, se torna evidente a complexidade das relações de gênero e sexualidade envolta do corpo feminino, uma vez que a constituição identitária sobre ser mulher envolve o contexto social, espacial, temporal e histórico. No mais, reforça-se, a mulheridade não se limita a estrutura patriarcal apesar de influenciada por tal, ser mulher lésbica compõem múltiplas vivências a partir de experiências individuais frente a suas próprias histórias de vida.

5.2 CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA LÉSBICA, CORPORALIDADE E OS PROCESSOS CONSTITUTIVOS DAS VIVÊNCIAS ESPACIAIS LÉSBICAS

A compreensão sobre diversidades lésbicas ainda é recente, visto que historicamente a identidade a mulher é diminuída, sendo esta, sempre uma extensão ao outro – tendo este outro enquanto referencial masculino –, quiçá a figura da mulher lésbica, que é homogeneizada enquanto universal, sendo a identidade lesbiana atribuída a um modelo específico de ser e se expressar social e espacialmente. Entretanto, compreender os processos que constituem as vivências, identidades e corporalidades lésbicas é entender que ao se pensar na identidade lésbica, deve-se considerar que existem múltiplas dimensões e diversidades lesbianas.

Para que seja possível aprofundar a análise acerca dos processos que envolvem as vivências lésbicas, recorre-se, inicialmente, a compreensão do corpo na análise espacial, uma vez que é o corpo, fundamentando em Lefbvre (1991), que produz o espaço e se reproduz na dimensão espacial, sendo, portanto, o espaço vivido, praticado e representado. Este cenário nos leva a compreender que a corporalidade é um ponto fundamental ao se refletir sobre as vivências lésbicas – enquanto possibilidades, desafios e demais marcas que envolvem o cotidiano lésbico –, pois o contexto social marca expressões estruturais, culturais e sociais que impactam a vivência do corpo feminino, seja ele lésbico ou não.

Neste sentido, fundamentando numa perspectiva alinhada às geografias feministas, entende-se a corporeidade enquanto possibilidade de análise espacial, uma vez que, o corpo compõe múltiplas vivências cotidianas, entre elas, as especificidades lesbianas, que são materializadas e expressadas espacialmente. Portanto, a presente discussão entende que

o corpo vem conquistando algum lugar nas análises geográficas que emergem desde o final do século XX e com isso vem se desenhando uma passagem de uma geografia do indivíduo para uma geografia do sujeito, de uma geografia do homogêneo para uma geografia das multiplicidades de corpos, que reconhece nessas corporeidades o simbólico, o representacional, o afetivo, as sexualidades, os gêneros e as estéticas e rompe, de forma sempre relativa, com a ideia de massificação dos corpos. São geografias que dão centralidade ao sujeito ativo, perceptivo, e não apenas construtivo, mas constitutivo, que produz espaços e ao mesmo tempo os leva em seus corpos por meio das memórias, identidades, comportamentos e práticas espaciais (Ramos e Milani, 2022, p. 14).

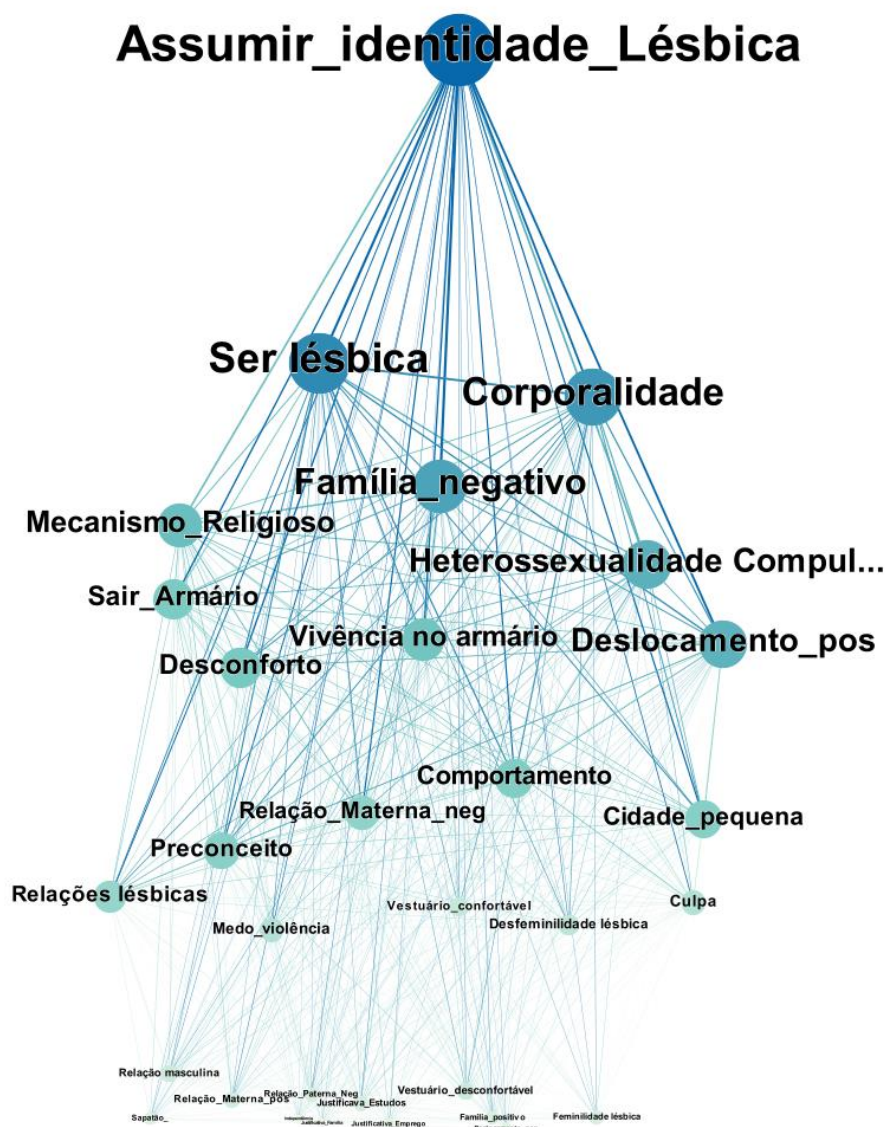
Corpo e identidade são, portanto, categorias fundamentais na investigação sobre vivência espacial, sendo neste caso, a vivência espacial lésbica. Com base em Haraway (1985, 2009) a identidade não é fixa ou essencialmente vinculada ao sujeito, pelo contrário, é entendida como um processo de construção fluído estando passível de transformação, o que nos permite

entender que não se trata de algo predefinido. Ou seja, pensar na identidade feminina, envolve considerar fatores que interpolam a categoria mulher, uma vez que a mulheridade não é naturalmente feminina e heterossexual, longe disso, como já dito, a lógica heterossexista patriarcal impõem comportamentos e práticas a mulheres, o que por vezes, tem-se a ideia da naturalização de comportamentos vinculadas a mulheridade, entretanto, é fundamental ressaltar que a identidade é uma face do ser humano dinâmica e interconectada com intersecções sociais, uma vez que, entendemos que a mulher lésbica é impactada por ao menos dois eixos estruturais de opressão, sendo eles gênero e sexualidade (Valentine, 1996). Neste ponto, podemos nos atentar a outros eixos, como raça, classe, religião, faixa etária, profissão, características físicas e demais possibilidades de composições identitárias.

Esta perspectiva possibilita relacionar diretamente corpo, espaço e identidade, uma vez que a discussão sobre sujeitos corporificados e sexualmente corporificados tem sido examinada na geografia desde meados dos anos 90 (Johnston; Longhurst, 2023), o que assegura legitimidade e necessidade de compreender o espaço geográfico marcado por sujeito corporificados. Nesta perspectiva, Silva e Ornat (2017) a partir de uma entrevista com a geógrafa Eduarda Ferreira, apontam que “o espaço é uma parte essencial da constituição e reprodução das identidades sociais, e as identidades sociais, os seus significados e relações produzem espaços materiais, simbólicos e metafóricos” (Silva; Ornat, 2017, p. 427).

Esta discussão possibilita aprofundar os processos que constituem as vivências lesbianas diante da diversidade identitária lésbica, uma vez que o processo metodológico adotado nessa dissertação perpassa o diálogo com nove mulheres lésbicas migrantes, sendo elas de realidades diferentes entre si, com visões de mundo distintas e vivências em cidades de origem com características diversificadas, entretanto, o ponto comum é a identidade lésbica. Portanto, sendo a identidade um processo em construção, esse debate pode ser ampliado frente ao resultado encontrado na Rede de Categorias Topológica, conforme figura 25.

Figura 25: Grafo 7: Rede Topológica de Categorias



Fonte: A autora;

A Rede de Categorias Topológica é uma representação que categoriza hierarquicamente as categorias desenvolvidas com aporte dos softwares *Taguette* e *Gephi* a fim de demonstrar a estrutura organizacional entre os elementos que constituem as vivências lésbicas. A partir dessas categorias, pode-se perceber que por meio do discurso das mulheres lésbicas, existem três categorias nos pontos mais altos da pirâmide hierárquica, o que representa também a centralidade dessas temáticas através da fala. Portanto, as categorias “assumir_identidade_lésbica”, “ser lésbica” e “corporalidade” são pontos de atenção envolta da vivência espacial frente ao contexto migratório, uma vez que a narrativa construída por meio do diálogo trouxe o processo de assumir e construir a lesbianidade, o que perpassa um processo

individual e social, uma vez que a construção da identidade lesbiana envolve um processo em se autocompreender lésbica e de enfrentar a negação da heterossexualidade, e, além disso, o processo de assumir a identidade lésbica perpassa elementos que envolvem a vivência lesbiana de forma espacializada, pois, considera o âmbito familiar – a família está situada em um dado espaço marcado por características espaciais estruturam que influenciam na aceitação ou na negação a possibilidades de existência que não correspondam a heterossexualidade – e social do processo em “sair do armário”.

Esses fatores podem ser observados ao longo da estrutura topológica, uma vez que no corpo do triângulo categórico, se encontram categorias discursivas como “família_negativo”, “mecanismo_religioso”, “heterossexualidade compulsória”, “sair_armário”, “vivência no armário”, “desconforto” e “deslocamento_pos”, o que demonstra elementos presentes do processo de construção da vivência lésbica. Entretanto, mesmo com esses eixos, o ponto principal do discurso envolve o processo de assumir a identidade lesbiana e, ser lésbica perpassa a corporalidade, que por sua vez se materializa de forma espacial.

Com base em Valentine (1993) a sexualidade, e, principalmente a heterossexualidade é profundamente expressada no espaço, uma vez que a dinâmica heterossexista “que atravessa o cotidiano expulsa as lésbicas de certos espaços, seja pela estrutura que espera uma heterossexualidade, seja pela violência. O gênero, como outros mercadores de diferenciação social, impacta como os indivíduos percebem o espaço” (Rodrigues, 2021, p. 1111). É neste sentido que se articula a dinâmica entre corpo, identidade e vivência espacial, uma vez que corporalidades não são homogêneas, identidades não são fixas ou inata a um sujeito e a vivência espacial pode ser modificada conforme a dinâmica de inserção da prática cotidiana.

Portanto, entendendo que a vivência espacial se envolve na construção identitária, Pimentel e Carrieri (2011, p. 3) apontam que “o espaço opera como meio de produção de identificação dos indivíduos com o ser mundo social”, ou seja, o espaço, bem como a dinâmica espacial frente a realidade de cidades de diferentes portes é composto por diferentes práticas que influenciam no processo de construção de si. No caso da vivência lésbica é por este caminho que a diversidade lesbiana se expressa, uma vez que a identidade lésbica também é impactada pela escala espacial de vivência, pois, frente ao diálogo com as mulheres lésbicas integrantes no processo de pesquisa, entende-se que as práticas lesbianas e a construção de si enquanto mulher lésbica passou por modificações diante do processo migratório. Este fato reforça as categorias “assumir_identidade_lésbica”, “ser lésbica” e “corporalidade” como principais, visto que com o deslocamento espacial, a principal percepção – mesmo com os elementos constitutivos estruturais que permeiam a vivência lésbica representados pelas categorias

centrais na triangulação topológica – é a autocompreensão lesbiana, pois, antes de assumir o rompimento com a heterossexualidade compulsória para o outro, o ponto principal é se compreender lésbica, fato este que não é da mesma forma para todas as lésbicas, afinal, fala-se de vivência e, vivências não são únicas ou predeterminadas. Vivência é acontecimento, acontecimento é uma porção temporal marcada por um dado espaço e fração de tempo, geração.

Essa dinâmica entre o se assumir e se compreender lésbica diante dos elementos estruturais que constituem a vivência lesbiana juntamente com o fato de ser lésbica não ser homogêneo, pode ser compreendido por meio das histórias de vida de Pandora, Patrícia, Paloma, Pilar e Pamela em que podemos entender que a vivência corporal e a compreensão de si são impactadas pela dinâmica escalar espacial, além da auto percepção não ser a mesma, pois o ponto comum é a lesbianidade e não a vivência ou história de vida lésbica.

Eu sou bastante confortável com essa vivência minha, mas sinto medo de algumas coisas aqui em Curitiba às vezes, de andar de mãos dadas ou transparecer muito afeto público, então acabo frequentando lugares mais seguros nesse quesito, mais voltado para público LGBT. Mas fora o medo de morrer e de apanhar, de sofrer alguma violência, eu me sinto bastante confortável na minha própria pele. – Pandora

Me sinto maravilhada comigo mesma, de conseguir compreender minha lesbianidade e saber do papel político que é ser lésbica. Hoje em dia eu reconheço o quão importante é ser lésbica, antes eu só achava uma vergonha, eu me achava uma vergonha, me achava diferente. Eu sempre me senti diferente. Mas hoje em dia me sinto muito orgulhosa de quem eu sou. – Patrícia

Totalmente silenciada, de certa forma, pela opinião pública né, aquela coisa principalmente religiosa pegava muito, e do que as pessoas vão falar essa aparência a ser mantida pesava muito mais do que aqui. Aqui, foi ainda mais que eu vim pra fazer letras, então eu lembro de quando eu cheguei, a primeira vez que eu saí, ainda tava começando e ainda já tinha um monte de LGBT junto e eu falei assim eu sou bissexual, mas eu prefiro ficar com mulher aí foi aquela sensação de tipo nossa não vou me preocupar se eles contam pra alguém. E acho que a maior diferença aí, esse meio também, querendo ou não, em Telêmaco Borba por mais que eu conhecesse pessoal pontuais, mas mesmo assim, era muito velado, muito contido então não dava a sensação de posso ser quem eu quiser, ser eu mesma. – Paloma

Tem uns traumas que eu carrego que eu faço até terapia tudo, mas assim, hoje em dia eu me sinto super bem. A posição que eu me encontro hoje é uma posição leve, tipo de estar bem comigo mesma, tá tudo bem com a minha autoestima quanto a sexualidade, hoje é uma posição muito tranquila, mas é uma luta diária para a gente continuar nessa posição. – Pilar

É muita coisa que atravessa, mas assim, em Pato Branco isso não era uma coisa possível, nem imaginava! Não era nem que era certo ou errado, não havia possibilidade, não vislumbrava. – Pamela

A partir do recorte da fala de Pandora pode-se analisar que ser lésbica, atualmente, é confortável para si, mas que ainda sim vivência angustias em relação a percepção do outro em detrimento do medo de sofrer alguma violência lesbofóbica. Pandora cita ainda o fato de que

tem medo de vivenciar ou expressar sua lesbianidade numa cidade como Curitiba, capital do estado do Paraná, apesar de se sentir confortável em sua própria pele, entretanto, alerta que ao passo que tem receio de ter trocas com outras mulheres na cidade de forma geral, ela busca espacialidades marcadamente LGBT para que se sinta mais segura. Este trecho de análise do discurso em questão converge com as três principais categorias semânticas, sendo elas “assumir_identidade_lésbica”, “ser_lésbica” e “corporalidade”.

Um ponto fundamental na fala de Pandora é a temporalidade entre passado e presente em relação a sua autopercepção, uma vez que ela indica que no passado – se remetendo a vivência na cidade de origem – o sentimento sobre ser lésbica era diferente do sentimento de ser lésbica atualmente, ou seja, entre o processo de assumir a identidade e o se reconhecer enquanto lésbica, contempla um processo constituído por mudanças que se expressam espacialmente. Em complementariedade, na fala de Patrícia se faz presente a marca entre passado e presente, indicando que “hoje em dia” a sua percepção sobre si é motivo de orgulho.

É neste sentido, que, como aponta Patrícia, mesmo se sentindo maravilhada consigo mesma e que ser lésbica é algo que atualmente é motivo de orgulho, ao rememorar sobre sua vivência, reconhece que ser lésbica já foi uma vergonha para si, indicando ainda um sentimento de “diferença sobre si”, o que pode ser compreendido como a ideia de não se encaixar frente as imposições compulsórias fundamentadas na heteronormatividade. Nessa história de vida é possível entender novamente a marca entre uma vivência anterior a mudança para Curitiba e após a mudança, o que converge com o processo de se assumir lésbica, uma vez que o desconforto se faz presente na vergonha e na sensação de ser diferente, entretanto, esses sentimentos fazem parte do passado e hoje, sua vivência espacial é constituída e possibilitada pelo orgulho de ser lésbica.

Com o recorte discursivo de Paloma a fala sobre passado e presente relacionando vivência na cidade de origem e na cidade de destino se mantém, entretanto, a vivência de Paloma envolta do processo de assumir a identidade lésbica e do processo de construção identitária acerca do ser lésbica inclui o discurso religioso e sua relação com a lógica familiar patriarcal, a heterossexualidade compulsória e a dinâmica do armário. Esses processos sobre a história de vida de Paloma representam tanto as três principais categorias discursivas do grafo 7, quando as demais categorias que contemplam os processos que constituem a vivência espacial lésbica.

É fundamental observar que, uma vez que ela diz “aquela coisa principalmente religiosa pegava muito”, indicando que na cidade de origem, sendo Telêmaco Borba menor que Curitiba, a dinâmica religiosa impactou no processo de assumir a identidade lésbica, gerando

culpa e negação de si, indicando que as vivências em determinadas espacialidades são conforme a normatividade religiosa e, consequentemente, heterossexual. Portanto, pode-se entender que para Paloma, a vivência em Telêmaco Borba interferiu em sua vivência lesbiana. Outro ponto fundamental a ser elucidado é o fato de Paloma citar, por uma fase de sua vida – enquanto morava em Telêmaco Borba – ser bissexual, indicando que não iria se preocupar caso alguém soubesse de sua sexualidade, afinal, ainda existia a possibilidade de se relacionar com homens e, corresponder a uma estrutura heterossexista que espera que mulheres se relacionam com homens.

Este relato conversa com a fundamentação teórica baseada em Rich (2010) passo que Rich aponta que a estrutura social impõe a heterossexualidade enquanto normativa, acarretando na invisibilidade e negação da vivência e experiência lésbica. Fundamentando em Rich (2010), portanto, entende-se que a heterossexualidade culmina em efeitos estruturais que reproduzem a dinâmica social fundamentada em normas “naturais” de se envolver afetivo sexualmente. Este fato culmina no sentimento de “erro”, de “diferença”, “vergonha” que é citado pelas mulheres ouvidas, uma vez que a lesbianidade é o rompimento com a norma.

Além dessas análises, a fala de Pilar retoma a questão do sentimento sobre ser lésbica ter mudado ao longo de sua trajetória, indicando que hoje sua vivência enquanto mulher lésbica é boa para si, entretanto, por ter vivenciado traumas no processo de assumir a identidade lésbica, enfrenta uma luta diária de reconhecimento de si para que continue estando segura em vivenciar sua lesbianidade. Ressalta-se que Pilar tem sua família de origem influenciada por uma dinâmica religiosa forte, o que implicou em seu processo de aceitação de si.

Outro ponto importante nesse contexto é o relato de Pamela, em que a vivência lésbica no contexto de Pato Branco, cidade do interior do Paraná, era velada ao ponto de não ser nem possível pensar na lesbianidade enquanto vivência legítima, sendo, portanto, o processo de assumir a identidade lésbica algo que atravessou sua trajetória, pois antes de se pensar em se entender como lésbica, teve que enfrentar o desconhecido, a negação de outra vivência que não correspondesse a heterossexual.

A partir desses relatos entende-se que a construção identitária lésbica perpassa o local de vivência, uma vez que a temporalidade da fala das mulheres remete a localidade, a experiência espacial. Este ponto nos leva a aprofundar o diálogo entre performance corporal e diversidades lesbianas a fim de aprofundar que outros processos constituem o cotidiano lésbico. Para tanto, faz-se fundamental nos atentarmos a fala de Paloma, Pietra, Poli e Pérola – outras quatro mulheres que tiveram suas histórias de vida relatadas – ao apontarem sobre a vestimenta

em situações que atravessam a vida, como festas, casamentos, entrevistas de emprego e demais momentos em que a vestimenta e a expressão corporal são sentidas.

Quando eu era adolescente eu lembro de dar muito trabalho para roupas para o casamento das minhas irmãs. No casamento de uma irmã, eu era emo e queria ir de preto, nossa, foi um inferno. Primeiro, era todo um rolê vir de Telêmaco Borba para Curitiba ou Ponta Grossa para ver roupas e achar alguma coisa que eu gostasse, e daí eu sempre questionava sobre o salto, era muito difícil encontrar algo que fosse meio termo. Nesse casamento eu fui de vestido preto, uma sandália, alisei o cabelo e só. Maquiagem? Meu Deus, uma briga. Essa foi uma das minhas primeiras discussões de tipo superar na terapia. Queriam que eu usasse batom e eu ficava super incomodada. Mas de um tempo pra cá, eu já me sinto mais preparada e tenho mais consciência das roupas que quero e gosto de usar. – Paloma

Eu não mudo a minha expressão, tipo eu não vou usar um vestido, não vou tipo passar uma maquiagem, alguma coisa assim para ficar mais ou menos no padrão, mas apesar de usar as mesmas roupas que eu uso, eu acho que a montagem delas talvez seja um pouco diferente, qual blusa eu uso com qual calça, talvez para realmente passar mais seriedade, que talvez também expresse um pouco menos a sexualidade, deixar um pouco menos óbvio, para depois que eu tiver lá dentro, daí eu mostro quem eu sou. Mas hoje, por eu ter escolhido a carreira acadêmica, não tenho muita essa questão. Eu estou num lugar muito privilegiado socialmente em relação a outras mulheres lésbicas, porque não é um lugar que eu preciso me esconder. – Pietra

Nossa, para questões de trabalho eu sempre fico em crise porque eu sempre acho que a minha aparência não é boa o suficiente, que eu não vou agradar, que as pessoas vão me julgar. Na minha cidade, eu tava distribuindo currículos e as pessoas me olhavam dos pés à cabeça e nunca nem me chamavam. Teve um lugar que me chamou, mas tenho certeza que fui mandada embora por lesbofobia. Um cara estudava comigo e ele odiava mulheres, sobretudo as lésbicas, e aí quando ele viu que eu estava trabalhando no restaurante universitário, ele surtou comigo, não pegava mais as coisas que eu estava servindo e ele era amigo do dono do restaurante, então quando o dono foi lá, mesmo as mulheres que me contrataram gostando do meu trabalho, no dia seguinte eu fui tirada. No outro trabalho, eles também gostavam do meu trabalho, mas foi a dona chegar e me ver que fui tirada no fim do dia, e aí quando voltei lá, tinha alguém ocupando o meu lugar, e sempre uma mulher tipo que atende os padrões da feminilidade. – Poli

Pra mim, qualquer tipo de roupa é confortável. Eu não sei se é por gosto mesmo ou por esse negócio de sempre ser forçada a transformar feminilidade. Chegou uma época da minha adolescência que eu não usava brinco, eu só andava de camiseta, calça e tênis, e aí ficava meu pai falando e minha avó ficavam falando que eu tinha que usar brinco, passar batom e maquiagem. [...] No final do ano fui comprar uma roupa para passar o final de ano, eu tava atrás de vestido porque eu gosto do vestido, me sinto confortável usando vestido. Então para mim não é problema nenhum, não é uma coisa assim que força eu a usar uma roupa que eu não gosto, e eu gosto de me sentir mais confortável possível, então eu gosto de um dia sair de camiseta de herói, jeans e tênis, e, no outro dia sair de vestido, sandália de salto, brinco, colar, maquiagem e cabelo solto, e eu gosto disso, eu gosto de ter vários estilos. – Pérola

Frente aos relatos compartilhados, percebe-se outros processos que envolvem a vivência lesbiana, além de se tornar evidente que existem diversidade entre as mulheres lésbicas ao considerar a expressão corporal, pois, ao passo que para Pérola o uso de um vestido é confortável, Pietra se nega a utilizar e prefere outras roupas. Entretanto, fato é segundo Silva, Ornat e Chimin Junior (2019), todos os seres humanos possuem corpos, entretanto, o conjunto

de corporalidade é sentido de forma diferente. Isto não seria distinto no caso das lésbicas, afinal, não há uma fórmula determinante em como ser ou expressar a lesbianidade.

As vivências permeiam o ser e a expressão da vida é desenvolvida a partir do corpo, portanto, faz-se fundamental compreender a relação entre vestimenta, expressão corporal e a vivência lésbica e, para isto, nos aprofundaremos na fala de Paloma, que aponta que quando era adolescente teve dificuldade em se sentir confortável em decidir a roupa que seria utilizada no casamento das irmãs, em que a família impunha sobre seu corpo a obrigatoriedade de utilizar salto alto, maquiagem e vestimentas fundamentadas na feminilidade padrão, entretanto, isso gerou uma briga entre Paloma e sua estrutura familiar. Vale ressaltar que a memória sobre o controle de seu corpo é voltada ao passado, remetendo a espacialidade em sua cidade de origem, entretanto, com o processo migratório, com o amadurecimento de si e a auto compreensão da identidade lesbiana, Paloma se sente preparada para escolher as roupas que quer utilizar sem que precise se adequar a um padrão que não lhe é confortável. Portanto, nesse relato pode-se perceber outras categorias semânticas que compõe a vivência de uma mulher lésbica, sendo elas: a relação familiar, representada pela categoria “família_negativo”, o desconforto pela imposição de um tipo específico de vestimenta, representada pela categoria “desconforto”, além das categorias “deslocamento_pos” e “vestuário_comfortável” que indicam que o processo migratório colaborou positivamente para que a expressão da corporalidade lesbiana pudesse ser vivenciada.

Na fala de Pietra pode-se perceber um outro contexto, vale ressaltar que Pietra passou por um processo migratório ainda na adolescência, o que a possibilitou ter contato a capital do Paraná enquanto estava no ensino médio no período escolar, portanto, Pietra aponta que não muda sua expressão em relação a um dado lugar ou evento que vá, pensa na roupa enquanto necessidade de formalidade ou, caso não seja necessário, menos formalidade. Nesse relato pode-se observar que não há citação da família e outros fatores que possam controlar a corporalidade da mulher, entretanto, Pietra elucida que está em um lugar de privilégio em relação a outras mulheres lésbicas, uma vez que sua profissão, em caráter técnico, não exige de si um padrão de feminilidade, ao menos nos dias atuais. Esse relato conversa diretamente com “corporalidade” e “vestuário_comfortável”, o que nos demonstra que nem todas as lésbicas vivem o desconforto em relação a como se expressar socialmente.

Por outro lado, em contrapartida ao relato de Pietra, Poli aponta especificidades lesbianas em função de sua desfeminilidade, sendo que para Poli, sua vivência passa por olhares de julgamentos e ações lesbofóbicas, chegando a ser demitida de empregos por não corresponder aos padrões de feminilidade. Esse relato demonstra que o conjunto de

corporalidades de Poli é sentido e vivenciado de forma distinta das experiências de outras lésbicas. A vivência corporal de Poli é assolada pela representação das categorias “preconceito”, “desconforto” e “desfeminilidade lésbica”, o que nos indica que o vestuário fundamentado em padrões binários de feminilidade e a expressão corporal fundamentada em comportamentos heterossexistas invadam a vivência lésbica, uma vez que isto é repassado em forma de violência e olhares de julgamento.

Já para Pérola, diferente dos demais relatos, qualquer tipo de roupa é confortável. Pérola menciona como a família chegou a interferir em sua expressão corporal através de sua vestimenta, induzindo-a na utilização de batom, maquiagem e brinco, entretanto, mesmo com esse cenário, ela não vê problemas em utilizar vestidos e salto alto ou camiseta, jeans e tênis, pelo contrário, Pérola gosta de variar o estilo de sua vestimenta. Com isso, pode-se entender que a lesbianidade e a expressão envolta da corporalidade lésbica não é fixa ou composta de regras, a lesbianidade é uma vivência afetivo, sexual e identitária envolta de mulheres que amam e se relacionam com outras mulheres.

Além desse contexto, outro ponto importante envolto na corporalidade, vivência e no processo de construção identitária lésbica que converge com categorias semânticas em evidência no grafo 7 são “ser lésbica”, “assumir_identidade_lésbica”, “sair_armário” e “deslocamento_pos”, é o diálogo com Sedgwick (2007) ao relacionar sexualidade frente as estruturas patriarcais, entendendo o armário como metáfora a um espaço da identidade lesbiana – ou em diversas outras sexualidades que fujam da normativa –, em que a orientação sexual pode ser ocultada, seja por segurança ou medo de romper com as amarras da imposição heterossexual. Sedgwick (2007) ainda aprofunda a discussão alertando que o armário pode ser entendido enquanto elemento paradoxal, uma vez que, na mesma dinâmica espacial, pode-se estar dentro e fora, ocultando ou não a sexualidade lésbica. Com isso, faz-se importante atentar-se as falas de Priscila, Pietra, Patrícia, Poli e Pérola, uma vez que o armário é um dos elementos que constituem a vivência lesbiana.

É uma coisa que impede a gente de conquistar o nosso espaço, a gente fica fechado, não tem muita liberdade para respirar. Eu acho que é um lugar muito infeliz, muito escuro pra se ficar. Eu entendo muito o processo de quem tem medo de sair porque eu também tinha medo de sair, principalmente por causa da família, mas não por como eu ia ser vista pela sociedade, era mais sobre como isso ia afetar os meus pais. – Priscila

Eu vejo o armário como o ponto da sua vida em que você ainda não pode ser quem você é, acho que é tipo como se fosse um divisor de águas entre poder ser quem você é ou não. – Pietra

O armário na verdade eu creio que, o pior armário é o interno, da sua cabeça, quando você se limita a achar que você não é suficiente. Eu acho que o pior armário é quando você se acha insuficiente por ser lésbica. – Patrícia

Eu acho que o armário, sobretudo, é a rejeição de si mesmo. Eu vivenciei o armário muito nova quando eu comecei a sonhar com mulheres. O armário tinha fantasmas quando sonhava que tava ficando com mulheres e depois quando eu voltei a ficar com homens, eu sinto que eu me coloquei no armário de volta, que eu deixei de lado tudo aquilo que eu tava construindo para mim, mas não vivo nele, não recomendo. – Poli

É um lugar confortável, me sinto confortável dentro, então, já tive amigas que tiveram essa urgência de se assumir, ela precisa internalizar isso, e para mim não. Para mim tá tudo bem estar dentro. – Pérola

No relato de Priscila, o armário representa o elemento paradoxal entre ser um espaço de sufoco e ocultação de si, ao passo que o medo de romper com isto é compreendido, uma vez que sua vivência foi marcada pelo processo entre compreender a imaterialidade do armário enquanto um lugar infeliz, entretanto, foi o que garantiu segurança em um dado período em função de sua relação familiar. Já o relato de Pietra traz o armário como algo que não faz parte de sua vida, entretanto, diz que entende a imaterialidade do armário como um ‘esconder-se’, enquanto fase em que não se pode ser quem realmente se é. Com isso, baseado em Sedgwick (2007) entende-se que o fundamento epistemológico do armário não se configura enquanto um espaço físico ou metafórico, mas sim uma representação envolta da dinâmica de poder acerca da construção da sexualidade, uma vez que o rompimento com a normativa patriarcal é entendido enquanto ameaça a uma estrutura de poder.

Em complementariedade com a análise, Poli, aponta o armário enquanto a rejeição de si e traz em sua fala a relação entre a vivência no armário e a heterossexualidade compulsória apontada por Rich (2010), além disso, alega que já viveu no armário, mas que atualmente rompeu com a estrutura e sua vivência lesbiana não cabe mais neste espaço, que inclusive, não recomenda tal vivência. Entretanto, confirmando a diversidade lesbiana frente aos relatos, Pérola, por sua vez, aponta o armário enquanto um lugar seguro e confortável e que não tem pretensão, nesta fase de sua vida, em sair. Portanto, frente ao conjunto de relatos analisados, percebe-se a articulação entre os eixos discursivos na rede topológica de categorias, uma vez que os elementos que constituem a vivência lésbica se entrelaçam, mesmo que não constituam de forma determinada a vivência de todas as lésbicas, afinal, as vivências lesbianas são múltiplas.

É neste sentido que as categorias “assumir_identidade_lésbica”, “ser lésbica” e “corporalidade” são as principais vertentes nas histórias de vida analisadas, uma vez que elas perpassam, em diferentes instâncias, a vivência lésbica de forma coletiva, pois sob a lógica patriarcal-heterossexista não corresponder as imposições heterossexuais envolve um processo

de assumir-se e compreender quem se é. Portanto, entende-se que a corporalidade lésbica se expressa espacialmente, sendo este, um dos processos envolvidos na construção identidade lesbiana. As histórias de vida acompanhadas, portanto, refletem que ser lésbica não envolve uma identidade comum, pensa-se, portanto, em pluralidade identitária compostas por corporalidades que expressam de diferentes modos espacialmente.

Dessa forma, esta seção representa a junção das ideias baseadas na fala de mulheres cis lésbicas sobre a ideia se entender enquanto mulher lésbica, uma vez que isto perpassa a negação da heterossexualidade e a aceitação da lesbianidade, entendendo que as vivências lesbianas são múltiplas e influenciada por marcadores de gênero, além de sexualidade. Com isso, entende-se que a construção da identidade lésbica é um processo repleto de particularidades apesar das semelhanças, uma vez que os elementos constitutivos estruturais perpassam o cotidiano da mulher lésbica independente da escala espacial, entretanto, a forma como a vivência é atravessada representa as narrativas sobre suas vivências. Que sejam, portanto, vivências livres para que seus corpos, seus amores e seus espaços sejam respeitados e reconhecidos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como eixo norteador a busca pela compreensão sobre vivências lésbicas e o deslocamento espacial entre cidades de diferentes portes no Paraná, investigando como o processo migratório se vincula na trajetória de vida de mulheres no processo de autocompreensão da sexualidade lésbica. O desenvolvimento da pesquisa evidenciou que o questionamento da lesbianidade, nos casos estudados, antecede o processo migratório, entretanto, a compreensão e entendimento do rompimento com a heterossexualidade vem concomitante ao processo migratório. Este fator nos indica que a Geografia, enquanto ciência voltada aos estudos acerca das dinâmicas espaciais, deve considerar as composições identitárias dos sujeitos que vivenciam o espaço, incluindo, mulheres lésbicas; uma vez que a dinâmica espacial em cidades de diferentes portes influencia na prática acerca da expressão da sexualidade.

O debate sobre gênero e sexualidade na história do pensamento geográfico esteve, por um longo período, silenciada, ou seja, não houve consideração acerca da discussão sobre identidade e corporalidade no espaço geográfico, entretanto, fruto das discussões feministas que influenciaram a produção da ciência geográfica entre os anos 1990 e 2000, o campo das Geografias Feministas apresenta a discussão sobre gênero e sexualidade para hegemonia da produção do conhecimento tradicional. Com isso, tem-se registros de que dissertações, teses e artigos que consideram a diversidade sexual na compreensão sobre espaço geográfico; elucidam-se, entretanto, que estas publicações apesar de se fazerem presentes, ainda são incipientes frente a toda produção sobre o contexto migratório e conexão entre espacialidade, vivência e sexualidade, conforme mostrado nos levantamentos realizados no Catálogo de Teses e Dissertações – CAPES e, no Observatório Brasileiro de Geografia.

Neste sentido, por meio da investigação acerca de como os deslocamentos espaciais entre cidades de diferentes portes implicam nas vivências das sexualidades lésbicas de mulheres cis, entende-se que o processo migratório demonstra duas vivências distintas, uma na cidade de origem e outra na cidade de destino, uma vez que na fala das mulheres lésbicas é apontado sobre elementos que constituem a vivência lesbiana. Tais elementos se configuram enquanto uma interferência no processo de compreensão da lesbianidade, seja pela auto negação ou pelo desconhecimento, entendendo que não haveria possibilidade de vivenciar uma relação entre mulheres frente ao acesso daquele dado espaço; entretanto, o processo migratório é praticado enquanto possibilidade, pois, no imaginário antecessor ao ato de migrar-se, em uma nova cidade

sem o conhecimento de membros de sua família original, a relação com mulheres passaria a ter possibilidade de ser vivenciada.

Por meio da análise das falas no processo de construção de diálogo, passa-se a materializar tais elementos estruturais, como por exemplo, a família, mecanismos religiosos, heterossexualidade compulsória, modelos de feminilidade e a expressão corporal. Esse contexto possibilitou a compreensão da influência da dinâmica patriarcal em relação a vivências e práticas sociais, principalmente vinculando o padrão de família heterossexual e religiosa, o que influencia na modulação acerca da sexualidade feminina e corporalidade. É neste contexto que entra a dinâmica espacial, uma vez que na cidade de origem, vinculada ao núcleo familiar, a vivência da mulher lésbica é negada, omitida ou controlada, pois em função da influência estrutural de controle, a liberdade cotidiana de vivenciar a lesbianidade é cerceada em detrimento da manutenção da heterossexualidade compulsória reforçada pela família e por práticas religiosas.

Em complementariedade, entendendo quais são e como os elementos estruturais constituem a vivência lésbica, a troca de diálogo demonstra desconforto em expressar a lesbianidade em uma cidade de menor porte – cidade de origem – quando comparado ao ideal de liberdade em uma cidade de maior porte – cidade de destino –, o que nos leva a compreensão de que a escala espacial influencia na vivência cotidiana, ou seja, corpos e práticas sexuais são afetados e expressados de formas distintas em função do lugar que se está. Portanto, a vivência lésbica em uma cidade pequena no interior do Paraná, é diferente da experiência lésbica em uma cidade média no Paraná, que por sua vez, também é diferente quando comprado a uma cidade grande. Este fator acontece pois o espaço, a dinâmica urbana, não é a mesma, além de que, sujeitos sociais são influenciados por interseccionalidades que implicam em seu acesso ao espaço. Logo, a análise espacial não pode ser única, deve-se considerar gênero, raça, classe, idade, sexualidade e outros marcadores que compõe a identidade social.

Neste sentido, entendendo que a escala espacial muda a vivência, compreende-se que as narrativas sobre si também são impactadas pelo deslocamento espacial, uma vez que a autocompreensão sobre a ideia do ser mulher e, ser mulher lésbica, passa por transformações ao considerarmos um antes e depois nas histórias de vida investigadas. O antes e depois referido, neste contexto, é compreendido pelo antes do processo migratório e após a migração. Com isso, as narrativas sobre a compreensão da mulheridade não são anuladas pela lesbianidade, pelo contrário, entende-se que existem diferentes formas de ser mulher e não somente uma linearidade entre o padrão “ideal” de feminilidade e heterossexualidade impostos a mulher. Portanto, entende-se que ser mulher é poder ser lésbica, uma vez que a mulheridade

não se restringe a heterossexualidade e nem a feminilidade. Pelo contrário, as lésbicas, neste estudo, são mulheres, portanto, atrelar a categoria mulher somente a mulher-heterossexual é negar a mulher-lésbica.

Frente a este contexto, entende-se as vivências lésbicas passaram por transformações nos seus processos de deslocamentos espaciais, marcadamente pela trajetória específica envolta de cada história. Em algumas situações, houve afastamento em relação a família, já em outros, houve acolhimento e compreensão. Em algumas situações, o armário tornou-se pequeno demais para lesbianidade, já em outras, o armário passou a ser abrigo. Para algumas mulheres, a expressão corporal foi marcada por como se vestia na cidade de origem e pôr como passou a se vestir após assumir a lesbianidade, já no contexto na cidade de destino. Algumas, com a mudança, nunca mais se relacionaram com homens, já outras, ainda sim sentiram a pressão e o efeito da heterossexualidade compulsória em seu processo de compreensão lésbica. Portanto, assim como a identidade lesbiana é múltipla, os deslocamentos espaciais impactaram cada vivência de forma específica, entretanto, o ponto fundamental é que por meio do deslocamento espacial foi possível assumir para si mesma: sou uma mulher lésbica.

Sendo assim, entende-se que o espaço geográfico é composto por diferentes corporalidades, sexualidades e vivências, além de que, as reflexões feministas sobre espaço são uma potência para a produção do conhecimento geográfico. Isto posto, a presente contribuição possibilita ampliação do campo das Geografias Feministas, Geografias das Sexualidades e, especialmente Geografias Lésbicas, além de, toda ciência geográfica, uma vez que para se pensar a produção espacial, deve-se considerar a composição identitária de quem usa e produz o espaço. Esta pesquisa, portanto, possibilita além da ampliação do campo de investigação, mas também, a viabilidade para produção de conhecimento situado, corporificado e representativo. De uma lésbica; para que toda vivência espacial lésbica seja entendida enquanto possível.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Vítor Lopes. Migrações internas e internacionais motivadas por orientação sexual e identidade de gênero. **Travessia – Revista do Migrante**, n. 77, p. 29-46, jul-dez, 2015.
- ANJOS, Gabriel dos. Identidade sexual e identidade de gênero: subversões e permanências. **Revista Sociologias**, v. 2, n. 4, p. 274-305, 2000.
- AQUINO, Igor Melo de. **Economia moral dos corpos em Niterói**: fissuras na cidade cis-heteronormativa. 2019. 151f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Instituto de Geociências, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019.
- BARBOSA, Camila Palhares. Construções da identidade lésbica: as múltiplas narrativas teóricas de formação da subjetividade. **Revista de Estudos Feministas e de Gênero**, Pelotas, v. 1, n. 1, p. 699-716, 2022.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2002.
- BARDZELL, Shaowen; BARDZELL, Jeffrey. **Mapping Techno-Sexuality through Feminist Geography**: Inscription, Performativity, and Paradoxical Space. CHI, Atlanta, 2010.
- BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**: A experiência vivida. Vol. 2. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1967.
- BELL, David; BINNIE, Jon. **The Sexual Citizen**: queer politics and beyond. London: Polity Press, 2000. p. 24-42.
- BELL, David; VALENTINE, Gill. **Mapping Desire**: geographies of sexualities. 1. ed. Psychology Press, 1995.
- BINNIE, Jon. Trading places: Consumption, sexuality and the production of queer space. In: BELL, David; VALENTINE, Gill. **Mapping Desire**: geographies of sexualities, London: Routledge, 1995. p. 182-199.
- BINNIE, Jon; BELL, David. Authenticating queer space: citizenship, urbanism and Governance. **Urban Studies**, London, v. 41, n. 9, p. 1807-1820, 2004.
- BROWNE, Kath. Imagining Cities, Living the Other: Between the Gay Urban Idyll and Rural Lesbian Lives. **The Open Geography Journal**, n. 1, p. 25-31, 2008.
- BROWNE, Kath; FERREIRA, Eduarda. **Lesbian Geographies**: gender, place and power. Burlington: Ashgate, 2015.
- BRUNETTO, Dayana Carlin dos Santos. **A narrativa sapatão em disputa**: identidade e atitude sapatão. 2021. Tese (Pós-doutorado em Educação), Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2021.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993; 2003.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. Henri Lefebvre: o espaço, a cidade e o “direito à cidade”. **Revista Direito e Práxis**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p. 349-369, 2020.

CARVALHO, Claudio Oliveira; SANTIAGO, Gilson Júnior. 'Ainda vão me matar numa rua': direito à cidade, violência contra LGBTs e heterocisnormatividade na cidade-armário. **Revista Direitos e Garantias Fundamentais**, v. 20, n. 2, p. 143-164, 2019.

CASSAB, Clarice. Cidades também para mulheres: uma perspectiva generificada do espaço. In: ALVES, Flamarion; Azevedo, SANDRA. (Orgs). **Análises geográficas sobre o território brasileiro: dilemas estruturais à Covid-19**. Alfenas: Editora Universidade Federal de Alfenas, p. 29-39, 2020.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. 6. ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999. p. 13-173.

CASTRO, Iná Elias. Imaginário político e território: natureza, regionalismo e representação. In: CASTRO, Iná Elias; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato. **Explorações geográficas**. 1. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997, p. 155-196.

CATONNÉ, Jean-Philippe. **A sexualidade, ontem e hoje**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

CECCARELLI, Paulo Roberto; ANDRADE, Eduardo Lucas. O sexual, a sexualidade e suas apresentações na atualidade. **Revista Latinoamericana de psicopatologia fundamental**, n. 2, p. 229-245, 2018.

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. 1. Ed. São Paulo: Boitempo, 2021.

DUARTE, Evandro Charles Piza. Epistemologias dos armários: novas performances públicas e táticas evasivas na sociedade da informação. **Revista Culturas Jurídicas**, v. 8, n. 20, mai-ago, 2021.

ENGELS, Friedrich. **A origem da família, da propriedade e do Estado**. 3. Ed. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

ESCOUTO, Cláudia Maliszewski; TONINI, Ivaine Maria. A geografia ainda está no armário? Silêncios e naturalização no espaço escolar. **Revista da ANPEGE**, v. 17, n. 32, p. 409-428, 2021.

FATUMMA, Dedê. **Lesbianidade**. 1. ed. São Paulo: Jandaíra, 2023.

FERNANDES, Marisa. Ações lésbicas. In: GREEN, James Naylor et al. **História do Movimento LGBT no Brasil**. 1. ed. São Paulo: Alameda, 2018. p. 91-120.

FERREIRA, Maria Eduarda Pereira da Costa. **Reconceptualising public Spaces of (in)equality: sensing and creating layers of visibility**. 2013. Tese, Universidade Nova de Lisboa, 2013.

FERREIRA, Eduarda. Visibilidade lésbica e cidadania sexual. In: FERREIRA, Eduarda et al. **Percursos Feministas: desafiar os tempos**. Lisboa: UMAR/Universidade Feminista, 2015, p. 228-244.

FERREIRA, Eduarda; MOREIRA, Luciana; LENZI, Maria Helena. Espacialidades Lésbicas: localizando visibilidades e construindo geografias dissidentes. **Revista Latino Americana de Geografia e Gênero**, Ponta Grossa, v. 9, n. 2, p. 2-6, 2018.

FONTANHA, Paula Junqueira Braga do Carmo. **Quem os sujeitos LGBT Sem Terra? Diversidade sexual e de gênero no MST**. 2022. Monografia (Licenciatura em Geografia), Universidade Federal Fluminense, Campos dos Goytacazes, 2022.

GONÇALVES, Carolina Stéphanie Rodrigues; ROVAL, Marta Gouveia de Oliveira. Dos armários nossos de cada dia: uma (ainda) presença formadora do(s) armário(s) no cotidiano contemporâneo do ser lésbica. **Revista Eletrônica de Ciências Sociais**, Juiz de Fora, n. 23, p. 327-343, 2017.

GOMES, Paulo César da Costa. Um lugar para a Geografia: contra o simples, o banal e o doutrinário. Conferência de Abertura da ANPEGE. Curitiba, 2009. In: VIII ENANPEGE, 2009, CURITIBA. **Espaço e tempo: complexidade e desafios do pensar e fazer geográfico**. Curitiba: Ademadan, 2009. v. 1. p. 13-30.

GREEN, James Naylor et al. **História do Movimento LGBT no Brasil**. 1. ed. São Paulo: Alameda, 2018. p. 9-13.

HAESBAERT, Rogério. Da multiterritorialidade aos novos muros: paradoxos da desterritorialização contemporânea. **Revista PPGeo – Universidade Federal Fluminense**, Niterói, p. 1-15, 2011.

HANDCOCK, Mark; GILE, Krista. **On the concept of snowball sampling**. Nova York: Arxiv, 2011, P. 1-5.

HARAWAY, Donna. Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: HARAWAY, Donna; KUNZRU, Hari; TADEU, Tomaz (orgs). **Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano**. Belo Horizonte: Autêntica, 1985; 2009, p. 33-118.

HARAWAY, Donna. **Ciencia, cyborgs, y mujeres: la reivención de la naturaleza**. 1. ed. London: Cátera, 1991. p. 71-112.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, n. 5, p. 7-41, 1995.

HIGGINS, Silvio Salej; RIBEIRO, Antonio Carlos Andrade. **Análise de redes em Ciências Sociais**. Brasília: Enap, 2018.

JOHNSTON, Lynda; LONGHURST, Robyn. A geografia mais íntima: o corpo. In: SILVA, Joseli Maria; ORNAT, Marcio Jose; CHIMIN JUNIOR, Alides Baptista. **Corpos e geografia: expressões de espaços encarnados**. Ponta Grossa: Todapalavra, 2023, p. 43-68.

JURADO DA SILVA, Paulo; SPOSTIO, Eliseu Savério. Discussão geográfica sobre cidades pequenas. **Revista GEOGRAFIA**, v. 34, n. 2, p. 209-217, 2009.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação**: episódio de um racismo cotidiano. Tradução Jess Oliveira. 1 ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

KIMURA, Amélia Fumiko. A construção da personagem mãe: considerações teóricas sobre identidade e papel materno. **Rev. Esc. Enf. USP**, v. 31, n. 2, p. 339-343, 1997.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. 5. ed. São Paulo: Centauro, 2001.

LEITE; Maiara Sanches Leite; ZANETTI, Valéria; TONIOLO, Maria Angélica. As contradições entre os espaços permitidos e negados aos LGBTQI+ na cidade de São Paulo. **Revista Latino-americana de Geografia e Gênero**, v. 12, n. 1, p. 54-17, jan-jul, 2021.

LENZI, Maria Helena; SILVA, Joseli Maria. ‘Faço de Conta que Eu Não Existo e Você Faz de Conta que Não Me Vê’: Geografias Lésbicas na Ditadura Militar em Florianópolis – SC, Brasil. **Revista Latino Americana de Geografia e Gênero**, v. 9, n. 2, p. 114 152, 2018.

LESSA, Patrícia. **Lesbianas em movimento**: a criação de subjetividades (Brasil, 1979- 2006). 2007. Tese, Universidade de Brasília, 2007.

LINO, Tayane Rogeria. Nas fissuras da história: o movimento lésbico no Brasil. **Revista Movimentação**, Dourados, v. 6, n. 10, jan-jun, 2019.

MARANDOLA JUNIOR, Eduardo; DAL GALLO, Priscila. Ser migrante: implicações territoriais e existências da migração. **R. Bras. Est. Pop.**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 2, p. 407-424, 2010.

MASSEY, Doreen. **Pelo espaço**: uma nova política da espacialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MEDEIROS, Jean Maicon Rickes; MARQUEZ, Allan Cancian; REIS, Nelson Aloysio; GONÇALVES, Bianca Bortolon. **Oficina Gephi**: Mapeando e analisando a vida das redes sociais. São Paulo, USP, 2016. Disponível em: <[Curso: Procedimentos de Pesquisa em Educomunicação | e-Disciplinas \(usp.br\)](#)>.

MENEZES, Marilda Aparecida de. Migrações e mobilidade: repensando teorias, tipologias e conceitos. In: TEIXEIRA, Paulo Eduardo; BRAGA, Antonio Mendes da Costa; BAENINGER, Rosana. **Migrações**: implicações passadas, presentes e futuras. Marília: Cultura Acadêmica, 2021. p. 21-38.

MOREIRA JUNIOR, Orlando. As cidades pequenas na geografia brasileira: a construção de uma agenda de pesquisa. **GEOUSP – Espaço e Tempo**, São Paulo, n. 35, p. 19-33, 2013.

NEVES, Dulce Morgado. Sexualidade: saber e individualidade. **Revista de Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 27, n. 2, p. 1-10, 2019.

ORNAT, Marcio Jose. Espacialidades travestis e a instituição do território paradoxal. In: SILVA, Joseli Maria. **Geografias Subversivas: discursos sobre espaço, gênero e sexualidades**. 1. ed. Ponta Grossa: Todapalavra, 2009. p. 177-209.

ORNAT, Marcio Jose. Sobre espaço e gênero, sexualidade e geografia feminista. **Revista Terr@ Plural**, v. 2, n. 2, p. 309-322, 2008.

ORNAT, Marcio Jose. Entre territórios e redes geográficas: considerações sobre a prostituição travesti no Brasil Meridional. **Revista Terr@ Plural**, v. 3, n. 1, p. 89-100, 2009.

ORNAT, Marcio Jose; SILVA, Joseli Maria. Território descontínuo paradoxal, movimento LGBT, prostituição e cafetinagem no sul do Brasil. **GEOUSP – Espaço e Tempo**, São Paulo, v. 18, n. 1, p. 113-128, 2014.

OSWIN, Natalie. Critical geographies and the uses of sexuality: deconstructing wueer space. **Progress in Human Geography**, Singapore, v. 1, n. 31, p. 89-103, 2008.

PARKER, Richard. **Abaixo do Equador: culturas do desejo, homossexualidade masculina e comunidade gay no Brasil**. Rio de Janeiro: Record, 2002.

PERLONGHER, Néstor. Antropologia das sociedades complexas: identidade e territorialidade, ou como estava vestida Margaret Mead. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, n. 22, p. 137-144, 1993.

PIMENTEL, Thiago; CARRIERI, Alexandre. A espacialidade na construção da identidade. **Cadernos EBAPE.BR**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p. 1-21, 2011.

RAMOS, Élviz Christian; MILANI, Patrícia Helena. O corpo fora de lugar: de uma geografia dos indivíduos para uma geografia dos sujeitos. **Geographia**, v. 24, n. 52, p. 1-18, 2022.

RIBEIRO, Daniel. Migrações e processos socioespaciais no Eixo Pelourinho-Santo Antônio, Salvador, Bahia. **Caderno Metropolitano**, São Paulo, v. 23, n. 50, p. 99-126, 2021.

RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. **Revista Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades**, Natal, v. 4, n. 05, p. 18-44, 2012.

RODÓ-DE-ZÁRATE, Maria. ¿Quién tiene Derecho a la Ciudad? Jóvenes Lesbianas en Brasil y Cataluña desde las Geografías Emocionales e Interseccionales. **Revista Latino-americana de Geografia e Gênero**, Ponta Grossa, v. 7, n. 1, p. 3 - 20, jan-jul, 2016.

RODÓ-DE-ZÁRATE, Maria. **Interseccionalidad: desigualdades, lugares y emociones**. Barcelona: Bellaterra, 2021.

RODRIGUES, Thais Domingos dos Santos. Lésbicas e a questão espacial: análises a partir da produção das geógrafas Gill Valentine e Katherine Browne. In: CINABEH, X, 2021. **Anais [...]** Online: Editora Realize, 2021, p. 1106-1118.

ROSE, Gillian. **Feminism & Geography: the limits of geographical knowledge**. Cambridge: Polity Press, 1993. p. 137-160.

ROSE, Gillian. **Situating knowledges, positionality, reflexivities and other tactics**. Progress in Human Geography, 21,3, 1997, p. 305-320.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **Gênero, patriarcado, violência**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

SANTOS, A. E. C. dos; SILVA, J. S.; HAILE, V. de O.; ORNAT, M. J. **Produção científica geográfica brasileira sobre lesbianidades: invisibilidade acadêmica e social**. Educação: Teoria e Prática, [S. l.], v. 34, n. 67, p. e75[2024], 2024. DOI: 10.18675/1981-8106.v34.n.67.s17931. Disponível em: <<https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/educacao/article/view/17931>>. Acesso em: 28 set. 2024.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço, técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1996.

SAYAD, Abdelmalek. **Imigração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: Edusp, 1998, p. 43-71.

SEDGWICK, Eve. A epistemologia do armário. Tradução de Plínio Dentzien. **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 28, p. 19-54, jan-jun, 2007.

SILVA, Joseli Maria. Um ensaio sobre as potencialidades do uso do conceito de gênero na análise geográfica. **Revista de História Regional**, v. 8, n. 1, p. 31-45, 2003.

SILVA, Joseli Maria. A cidade dos corpos transgressores da heteronormatividade. **Geo UERJ**, v. 1, n. 18, p. 1-17, 2008.

SILVA, Joseli Maria. Ausências e silêncios do discurso geográfico brasileiro: uma crítica feminista à geografia eurocêntrica. In: SILVA, Joseli Maria. **Geografias Subversivas: discursos sobre espaço, gênero e sexualidades**. 1. ed. Ponta Grossa: Todapalavra, 2009. p. 55- 92.

SILVA, Joseli Maria. Geografias feministas, sexualidades e corporalidades: desafios às práticas investigativas da ciência geográfica. **Revista Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, n. 27, p. 39-55, jan-jun, 2010.

SILVA, Maria João; FERREIRA, Eduarda. Abordagens corporizadas: gênero, sexualidades e tecnologias. In: SILVA, Joseli Maria; ORNAT, Marcio José; CHIMIN-JUNIOR, Alides. **Diálogos ibero-latino-americanos sobre geografias feministas e das sexualidades**. Ponta Grossa: Toda Palavra, p. 31-44, 2017.

SILVA, Tanieli de Moraes; MAROJA, Daniela. “Eu tinha que escolher para que lado eu ia” – uma reflexão sobre lesbianidades, religiosidades, conflitos e resistências. **LES Online**, v. 8, n. 1, p. 13-27, 2016.

SILVA, Joseli Maria; ORNAT, Marcio Jose. Espaço urbano, poder e gênero: uma análise da vivência travesti. **Revista de Psicologia da UNESP**, v. 9, n. 1, p. 83-93, 2010.

SILVA, Joseli Maria; ORNAT, Marcio Jose. Geografias Lésbicas: uma Entrevista com Eduarda Ferreira. **Revista Latino Americana de Geografia e Gênero**, v. 8, n. 1, p. 424434, 2017.

SILVA, Edson.; SILVA, Joseli Maria. Ofício, Engenho e Arte: inspiração e técnica na análise de dados qualitativos. **Revista Latino-americana de Geografia e Gênero**, v. 7, n. 1, 2016.

SILVA, Joseli Maria Silva et al. O corpo como elemento das geografias feministas e queer: um desafio para a análise no Brasil. In: SILVA, Joseli Maria; ORNAT, Marcio Jose; CHIMIN JUNIOR, Alides Baptista. **Geografias Malditas: corpos, sexualidades e espaços**. 1. ed. Ponta Grossa: Todapalavra, p. 85-142, 2013.

SILVA, Joseli Maria. et al. Apresentação das jornadas sobre corpos na geografia brasileira: trilhas equivocadas, rumos encontrados e nossas perpétuas provocações. In: SILVA, Joseli Maria; ORNAT, Marcio Jose; CHIMIN JUNIOR, Alides Baptista. **Corpos e geografia: expressões de espaços encarnados**. Ponta Grossa: Todapalavra, p. 17-42, 2023.

SILVA, Joseli Maria; ORNAT, Marcio José; CHIMIN-JUNIOR, Alides. Sobre as desobediências epistemológicas e o testamento intelectual de Milton Santos. In: SILVA, Joseli Maria; ORNAT, Marcio José; CHIMIN-JUNIOR, Alides. **Geografias feministas e das sexualidades: encontros e diferenças**. Ponta Grossa: Toda Palavra, p. 13-30, 2016.

SILVA, Joseli Maria; ORNAT, Marcio José; CHIMIN-JUNIOR, Alides. Geografias feministas e pensamento decolonial: a potência de um diálogo. In: SILVA, Joseli Maria; ORNAT, Marcio José; CHIMIN-JUNIOR, Alides. **Diálogos ibero-latino-americanos sobre geografias feministas e das sexualidades**. Ponta Grossa: Toda Palavra, p. 11-30, 2017.

SILVA, Joseli Maria; ORNAT, Marcio Jose; CHIMIN JUNIOR, Alides Baptista. O legado de Henri Lefebvre para a constituição de uma geografia corporificada. **Caderno Prudentino de Geografia**, Presidente Prudente, v. 3, n. 41, p. 63-77, jul-dez, 2019.

SILVA, Joseli Maria; SILVA, Edson Armando; JUNCQUES, Ivan Jairo. **Construindo a ciência: elaboração crítica de projetos de pesquisa**. Curitiba: Editora do Instituto Cultural de Jornalistas do Paraná, p. 1-92, 2009.

SOARES, Manuel Pereira. A dificuldade em definir cidade: atualidade da discussão à luz de contributos recentes. **Caderno Metropolitano**, v. 21, n. 45, p. 647-668, 2019.

SWAIN, Tânia Navarro. Feminismo e lesbianismo: a identidade em questão. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 12, p. 109-120, 1999.

SWAIN, Tânia Navarro. Heterogênero: uma categoria útil de análise. **Revista Educar**, Curitiba, n. 35, p. 23-36, 2009.

SWAIN, Tânia Navarro. Desfazendo o “natural”: a heterossexualidade compulsória e o continuum lesbiano. **Revista Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades**, Natal, v. 4, n. 05, p. 45-55, 2010.

SWAIN, Tânia Navarro. Lesbianismos, cartografia de uma interrogação. **Revista Esboços**, Florianópolis, v. 23, n. 35, p. 11-24, 2016.

TEIXEIRA, Marcelo Augusto de Almeida. “Metronormatividades” nativas: migrações homossexuais e espaços urbanos no Brasil. **Revista Áskesis**, São Carlos, v. 4, n. 1, p. 23-38, jan-jun, 2015.

VALENTINE, Gill. (Hetero)sexing space: lesbian perceptions and experiences of everyday spaces. **Environment and Planning D: Society and Space**, v. 11, p. 395-410, 1993.

VALENTINE, Gill. Renegotiating the heterosexual street: lesbian productions of space. In: DUNCAN, N. (org.). **Body Space**: destabilizing geographies of gender and sexuality. London: Routledge, 1996. p. 145-154.

VALENTINE, Gill. Theorizing and Researching Intersectionality: A Challenge for Feminist Geography. **Wiley**, v. 59, p. 11-21, 2007.

VASCONCELOS, Pedro de Almeida. A utilização dos agentes sociais nos estudos de Geografia urbana: avanço ou recuo? In: CARLOS, Ana Fani Alessandri; SOUZA, Marcelo Lopes; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. **A produção do espaço urbano**: agentes e processos, escalas e desafios. São Paulo: Contexto, 2011.

VASCONCELOS, Pedro de Almeida. Contribuição para o debate sobre processos e formas socioespaciais. In: VASCONCELOS, Pedro de Almeida; CORRÊA, Roberto Lobato; PINTAUDI, Silvana Maria. **A cidade contemporânea**: segregação espacial. São Paulo: Contexto, 2013. p. 17-35.

VIEIRA, Paulo Jorge. Aeminiumqueer, a Cidade Armário: Quotidianos Lésbicos e Gays em Espaço Urbano. **Revista Latino-americana de Geografia e Gênero**, Ponta Grossa, v. 1, n. 1, p. 5-13, jan-jul. 2010.

VIEIRA, Paulo Jorge. Mobilidades, migrações e orientações sexuais: percursos em torno das fronteiras reais e imaginárias. **Revista Ex aequo**, Lisboa, n. 24, p. 45-59, 2011.

VINUTO, Juliana. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas**, Campinas, v. 22, n. 44, p. 203-220, 2014.

WERMUTH, Maiquel Ângelo; CANCIANI, Pamela. Entre identidades e microrresistências: onde estão as lésbicas? **Questio Iuris**, v. 11, n. 2, p. 1362-1377, 2018.

WITTIG, Monique. **O pensamento hétero e outros ensaios**. Belo Horizonte, Editora Autêntica, 1978; 2022.

APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTAS

- Apresentação inicial

Nome, idade, profissão, onde mora atualmente e onde nasceu;

Como você se auto identifica em relação a sua sexualidade?

Como você se auto declara de forma étnico-racial?

Você tem alguma religião? Qual?

Qual a sua composição familiar na residência atual?

- O processo de compreensão da lesbianidade - história de vida

Como você se identifica e como foi este processo de reconhecimento? (Em qual cidade ocorreu esse processo? Quantos anos você tinha?)

Como você se sente por ser lésbica? Esse sentimento passou por transformações ao longo da sua vida? (Quais mudanças? Quais acontecimentos levaram a essas mudanças?)

Pense sobre você no mundo, como você sente que as pessoas te veem no mundo? (História de vida – a lesbianidade tem relação com a percepção em como te veem?)

Como era a sua relação com a sua sexualidade quando era mais jovem (infância e adolescência) e como é hoje? Percebeu diferenças no seu cotidiano enquanto mulher lésbica morando onde mora hoje em relação a cidade anterior? (Quantos anos você tinha? Em qual cidade perpassou sua vivência? Como era seu ciclo de convivência, amizades, família)

- A lesbianidade e o processo migratório

O que te levou a mudar de cidade? Qual o seu percurso de mudança ao longo da vida? (Trajetória cidade por cidade, quanto tempo em cada cidade, qual ano foi a mudança, quantos anos você tinha, quais acontecimentos estavam perpassando na sua vida, como foi o processo)

Como você se sente por ter se mudado? Esse sentimento foi diferente no processo inicial da mudança? (Sente que teve que abrir mão de algo? O que? Por que?)

Você ainda tem vontade de mudar para outro local? (Para onde e por que? Como imagina ser?)

Você considera que morar onde você mora hoje te possibilitou estabelecer relações com outras mulheres lésbicas? Há alguma rede, movimento social ou coletivo que te possibilite se conectar e refletir sobre a lesbianidade? (Isso é importante? Por que? Onde essas relações acontecem? Qual horário do dia? Com que frequência?)

Como é a sua percepção sobre ser lésbica em uma cidade grande? Como era na cidade menor?

- A configuração paradoxal da vivência lésbica espacializada

A sua sexualidade é aberta ou existem pessoas que não sabem da sua vivência lésbica? Em algum momento você oculta a sua orientação sexual ou já ocultou? (Onde, em qual época, em quais momentos, por que)

Como são os seus momentos de lazer hoje? Como são suas relações cotidianas? Eram diferentes na outra cidade? (Você já precisou ocultar sua sexualidade em algum desses momentos? Como você se sentiu?)

Você tem ou já teve relacionamentos amorosos/namoro com outras mulheres? Como é/foi viver esse amor? Já precisaram se esconder? (Por que, quando, onde, quantos anos tinha)

Você já vivenciou preconceito por ser lésbica? Acredita que a sua expressão corporal (cabelo, roupas, formas de falar, andar) implicam em algo?

O que é o armário para você? Você ainda vivencia o armário? Como foi o armário?

Quando precisa passar por situações formais, como casamento e festas, qual tipo de vestimenta você usa? Se sente confortável? Gostaria que fosse diferente? Além de momentos formais, como é sua relação com a sua vestimenta e forma de expressar socialmente? (Como foi ao longo da sua vida? Se a festa for na sua cidade anterior a vestimenta iria mudar?)

Você sente que o movimento espacial, tanto entre cidades (menor para a maior) quanto entre locais na cidade, está relacionado a um movimento de sair do armário e entrar no armário? Porque? Relate situações.

Hoje, como você se vê no mundo? A lesbianidade é significativa na sua vida?